

**UFRRJ**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO**

**A ASCENSÃO TERRITORIAL DO PASTORADO FEMININO EM NOVA IGUAÇU/RJ:  
UMA ÓTICA FEMININA DOS PENTECOSTAIS NO BRASIL.**

**JEFFERSON OLIVEIRA DE PAULA**

**2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A ASCENSÃO TERRITORIAL DO PASTORADO FEMININO EM  
NOVA IGUAÇU/RJ: UMA ÓTICA FEMININA DOS PENTECOSTAIS  
NO BRASIL**

**JEFFERSON OLIVEIRA DE PAULA**

Sob a Orientação do Professor  
**Clézio dos Santos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós - Graduação em Geografia, Área de Concentração: Território, Ambiente e Ensino de Geografia.

Nova Iguaçu, RJ  
Setembro de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PP324a Paula, Jefferson Oliveira de, 1998-  
a A ASCENSÃO TERRITORIAL DO PASTORADO FEMININO EM  
NOVA IGUAÇU/RJ: Uma ótica feminina dos evangélicos no  
Brasil. / Jefferson Oliveira de Paula. - Queimados,  
2025.  
100 f.

Orientador: Clézio dos Santos.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Geografia - PPGGEO, 2025.

1. Pastorado feminino. 2. Território. 3.  
Pentecostais. 4. Evangélicos. 5. Preconceito de  
Gênero. I. dos Santos, Clézio, 1973-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGGEO III.  
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 48/2025 - IGEO (11.39.00.34)

Nº do Protocolo: 23083.057213/2025-01

Seropédica-RJ, 02 de outubro de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JEFFERSON OLIVEIRA DE PAULA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 11/09/2025

Clézio Dos Santos. (Dr.) UFRRJ

Orientador, presidente da banca

André Santos da Rocha. (Dr.) UFRRJ

Examinador Interno

Miriam de Oliveira Santos. (Dra.) UFRRJ

Examinador Interno

Silvana Cristina da Silva (Dra.) UFF

Examinador Externo

*(Assinado digitalmente em 02/10/2025 12:32)*

ANDRE SANTOS DA ROCHA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeGEOIA (11.39.39)  
Matrícula: ###326#9

*(Assinado digitalmente em 02/10/2025 16:17)*

CLEZIO DOS SANTOS  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
PPGGEIO (12.28.01.00.00.35)  
Matrícula: ###583#7

*(Assinado digitalmente em 02/10/2025 14:02)*

MIRIAM DE OLIVEIRA SANTOS

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptES (12.28.01.00.00.86)

Matrícula: ###776#2

*(Assinado digitalmente em 03/10/2025 10:30)*

SILVANA CRISTINA DA SILVA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.768-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **48**, ano: **2025**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **02/10/2025** e o código de verificação: **3effe7fd26**

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

## RESUMO

PAULA, Jefferson Oliveira de. *A Ascensão Territorial do Pastorado Feminino em Nova Iguaçu/RJ: uma ótica feminina dos pentecostais no Brasil*. 2025. 100f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2025.

O Brasil sendo um país historicamente católico, experimentou nas últimas décadas um crescimento notável de evangélicos, dentre eles, na periferia da periferia religiosa, as mulheres emergiram como lideranças, em espaços que foram excludentemente desenhados para o gênero masculino. Diante do aumento de igrejas lideradas por mulheres, o objetivo geral da pesquisa é analisar a ascensão territorial do pastorado feminino no bairro Cacuia, em Nova Iguaçu/RJ, diante do machismo estrutural e patriarcalmente consolidado no meio pentecostal. A metodologia é qualitativa percorrendo o referencial teórico sobre a temática, e a aplicação de entrevistas aos sujeitos da pesquisa, que são as pastoras evangélicas e líderes de comunidades religiosas pentecostais. No campo da Geografia da Religião, o fenômeno tem despertado a atenção de alguns pesquisadores como: Silva (2010) e Miranda (2009); a ascensão do pastorado feminino, leva-nos a entender tal fenômeno como um ato de reestruturação ou remodelamento de um território masculino dando origem a um poder feminino. A emergente voz das mulheres nesses espaços, instiga os pesquisadores a desvendar os motivos que levaram ao surgimento do ministério feminina, bem como se há e de que forma se manifesta o preconceito de gênero nas igrejas do movimento pentecostal. Mesmo diante de tamanha exclusão, alguns espaços cuja gestão era masculina se mostraram inclusivos e até defensores do ministério feminino. Enquanto que, por outro lado, foi identificado um número significativo de relatos de preconceitos advindos das próprias mulheres. No geral, o pastorado feminino não se mostrou um movimento de resistência contra o preconceito, porque as lideranças femininas não atacam o problema diretamente, apenas se defendem ou questionam. Contudo, a pesquisa traz contribuições importantes para a temática, revelando algumas peculiaridades e relatos exclusivos de algumas entrevistas, o que abriu caminhos para interpretar muitos questionamentos feitos em outros trabalhos.

**Palavras-chave:** Pastorado feminino, Território, Pentecostais, Evangélicos e Preconceito de Gênero.

## ABSTRACT

PAULA, Jefferson Oliveira de. The Territorial Rise of the Female Pastorate in Nova Iguaçu/RJ: a female perspective of Pentecostals in Brazil. 2025. 100 pages. Master's Dissertation (Geography) - Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2025.

Brazil, being a historically Catholic country, has experienced a remarkable growth of evangelicals in recent decades, among whom women have emerged as leaders in spaces that were exclusively designed for the male gender. In light of the increase in churches led by women, the general objective of the research is to analyze the territorial rise of female pastorship in the Cacuia neighborhood of Nova Iguaçu/RJ, in the face of structural machismo and patriarchally consolidated norms within the Pentecostal milieu. The methodology is qualitative, involving a review of the theoretical framework on the topic, and the application of interviews with the subjects of the research, who are evangelical pastors and leaders of Pentecostal religious communities. In the field of the Geography of Religion, the phenomenon has drawn the attention of some researchers such as Silva (2010) and Miranda (2009); the rise of female pastorship leads us to understand this phenomenon as an act of restructuring or remodeling a masculine territory, giving rise to female power. The emerging voice of women in these spaces prompts researchers to uncover the reasons that led to the emergence of the female ministry, as well as whether and how gender prejudice manifests in churches of the Pentecostal movement. Even in the face of such exclusion, some spaces managed by men proved to be inclusive and even supportive of the female ministry. On the other hand, a significant number of reports of prejudices from the women themselves were identified. Overall, the female pastorate did not emerge as a movement of resistance against prejudice, because female leaders do not directly confront the problem, they only defend themselves or question it. However, the research provides important contributions to the topic, revealing some peculiarities and unique accounts from certain interviews, which opened avenues for interpreting many questions posed in other studies.

**Keywords:** Female pastorate, Territory, Pentecostals, Evangelicals, and Gender Prejudice..

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Variação da proporção da população protestante nas mesorregiões do Brasil para os anos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

**Figura 2** - Catedral de Santo Antônio em Nova Iguaçu.

**Figura 3** - A impressão física de elementos evangélicos no espaço.

**Figura 4** - Expressões evangélicas na paisagem de Nova Iguaçu.

**Figura 5** - Localização do Município de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense da RMRJ.

**Figura 6** - Malha urbana metropolitana da RMRJ e município de Nova Iguaçu.

**Figura 7** - Mapa do bairro Cacuiá em Nova Iguaçu/ RJ.

**Figura 8** - Dados de algumas igrejas lideradas por mulheres pastoras, em Nova Iguaçu/ RJ.

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 01** - Os conceitos da Geografia e como eles podem ser associados aos evangélicos.

**Quadro 02** - Os 4 tipos principais de pastoras na corrente pentecostal dos evangélicos.

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 01** - Aumento relativo dos evangélicos no Brasil segundo o IBGE.

**Tabela 02** - Diminuição relativa dos católicos no Brasil segundo o IBGE.

**Tabela 03** - Porcentagem de católicos e evangélicos nos 13 municípios da Baixada Fluminense em 2022.

**Tabela 04** - Os maiores sucessos da música evangélica.

## LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

|         |                                                             |
|---------|-------------------------------------------------------------|
| RJ      | Rio de Janeiro                                              |
| UFRRJ   | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro                |
| IBADERJ | Instituto Bíblico das Assembleias de Deus do Rio de Janeiro |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística             |
| PIBIC   | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica    |
| CCB     | Congregação Cristã no Brasil                                |
| RMRJ    | Região Metropolitana do Rio de Janeiro                      |
| IA      | Inteligência Artificial                                     |
| AD      | Assembleia de Deus                                          |
| CGADB   | Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil           |
| IURD    | Igreja Universal do Reino de Deus                           |
| RCC     | Renovação Carismática Católica                              |
| EBD     | Escola Bíblica Dominical                                    |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                  |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>SUMÁRIO.....</b>                                                                                                              | <b>00</b> |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                           | <b>01</b> |
| <b>CAPÍTULO I - O CRESCIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL E O SURGIMENTO DE DIVERSAS RAMIFICAÇÕES RELIGIOSAS.....</b>                   | <b>08</b> |
| 1.1 - Quais as causas do crescimento evangélico no Brasil, sobretudo, dos pentecostais?.....                                     | 10        |
| 1.2 - Os cismas/ dissidências e a clandestinidade religiosa: a facilidade de se abrir uma igreja.....                            | 17        |
| <b>CAPÍTULO II - TERRITÓRIO: AS ALTERAÇÕES ESPACIAIS IMPRIMIDAS PELOS EVANGÉLICOS NA PAISAGEM URBANA.....</b>                    | <b>22</b> |
| 2.1 - O conceito geral de Território na perspectiva da geografia.....                                                            | 22        |
| 2.2 - Como o poder é manifesto em algumas igrejas?.....                                                                          | 25        |
| 2.3 - A alteração da paisagem como impressão do território religioso em Nova Iguaçu/RJ. 27                                       |           |
| 2.4 - Influência sobre as populações pobres e periféricas: algumas igrejas funcionam como Comunidades Terapêuticas.....          | 31        |
| 2.5 - Crises econômicas e de sentido, gerados pelo sistema capitalista: igrejas como porto seguro em situações de desamparo..... | 33        |
| 2.6 - A Ação social das igrejas evangélicas.....                                                                                 | 37        |
| 2.7 - Estão os evangélicos em concorrência contra outras vertentes religiosas? Estão em conflito contra si próprios?.....        | 39        |
| <b>CAPÍTULO III - O TERRITÓRIO DO PASTORADO FEMININO.....</b>                                                                    | <b>41</b> |
| 3.1 - A vocação como desígnio divino: mulheres lutando pelo entendimento de que também são vocacionadas por Deus.....            | 41        |
| 3.2 - A busca das mulheres pelo lugar de igualdade.....                                                                          | 43        |
| 3.3 - A bíblia como forma de perpetuar a dominação dos homens.....                                                               | 46        |
| 3.4 - Análise das entrevistas.....                                                                                               | 51        |
| <b>METODOLOGIA.....</b>                                                                                                          | <b>75</b> |
| <b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                                                                                               | <b>80</b> |
| <b>CONCLUSÕES.....</b>                                                                                                           | <b>83</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                           | <b>85</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                                               | <b>94</b> |

## INTRODUÇÃO

“Durante os primeiros quinhentos anos o Brasil foi considerado um dos grandes países de religião proeminentemente católica do planeta” Oliveira (2021). “O país recebeu das mãos lusitanas em 1500 a religião hegemônica, que prevaleceu incontestavelmente majoritária por cerca de 500 anos.” Alves; Barros; Cavenaghi (2012, p.146). Ainda hoje, o Brasil é o país mais católico do mundo em números absolutos de fiéis, entretanto, em termos relativos, vem decrescendo consideravelmente ao longo das décadas, como mostram os Censos Demográficos do IBGE. Na contramão, do decréscimo católico, o segmento ou espectro evangélico, com suas variadas ramificações, dentre elas o movimento do pastorado feminino, tem se mostrado expressivo nas estatísticas. Isso torna o segmento objeto de estudo para vários estudiosos, buscando entender os motivos, bem como os impactos que a mudança na balança religiosa poderá causar no cenário brasileiro. No cenário religioso, o crescimento dos evangélicos pode em menor proporção significar um leve aumento do número de lideranças religiosas femininas.

Sobre o crescimento evangélico e a diminuição do número de católicos, a minha proximidade com o tema, se dá primeiramente por eu ser evangélico de berço, ou seja, fui nascido e criado em um contexto pentecostal. Toda a minha família sempre pertenceu à Assembleia de Deus. Atualmente, migrei para uma outra denominação, de cunho histórico, também conhecida como “igrejas de missão”. E nessa ramificação do cristianismo, me encontro numa igreja batista tradicional.

Cursei teologia livre pelo IBADERJ durante 2 anos, período em que pude me aprofundar no assunto referente às igrejas evangélicas. Formação que inicialmente fundamentou muitos questionamentos futuros, principalmente ao ter contato com o livro: “A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo” (Max Weber).

O interesse pela área de geografia da religião, mais especificamente a temática em torno do crescimento evangélico no Brasil, se deu inicialmente no começo da minha graduação, (licenciatura plena) em geografia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, em 2018. No contexto daquele ano, o Brasil estava em um período eleitoral bem acirrado/ polarizado, entre esquerda e direita, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, na qual os evangélicos tiveram um papel fundamental nos resultados eleitorais. Embora fosse um grupo religioso que representava quase ¼ da população brasileira, sua projeção de influência era, talvez parecida com a dos católicos, que somavam bem mais da metade da população. Tal projeção de influência política de um grupo religioso relativamente pequeno, me fez questionar sobre como seria o Brasil, caso 50% da população fosse evangélica. Essa pergunta veio também com base nos Censos do IBGE, onde mostravam uma ascensão desse grupo religioso e uma diminuição do número de católicos.

Não obstante, outro fator que me despertou para a temática em 2018, foi o número expressivo de templos pentecostais na periferia do município de Nova Iguaçu, no RJ. Naquele ano, eu comecei a graduação e como estava desempregado, e havia acabado de terminar o ensino médio, não tinha dinheiro de passagem, para ir estudar, por isso, eu precisava fazer uma caminhada de 14 km por dia, 7 km de ida e 7 km de volta, aproximadamente. Durante essas caminhadas eu observava as paisagens urbanas e uma das coisas que mais se destacavam eram os templos evangélicos. Nesta observação, também me perguntava as razões de haver tantos templos, se ambos pertenciam à mesma religião.

Tais questionamentos nortearam a temática da minha pesquisa/ monografia, como requisito parcial para a obtenção do título de professor de geografia, em 2022. A pesquisa se circunscrevia

no seguinte título: “Mobilidade Religiosa e Territorialidade em Nova Iguaçu: revisão bibliográfica e possibilidades.”

Também fui bolsista de iniciação científica em 2021, pelo PIBIC, sob orientação do professor Clézio dos Santos, período em que me dediquei a temáticas relacionadas ao ensino de geografia, por meio de maquetes e fanzines, na Baixada Fluminense. Posteriormente, adentrei a temática dos jogos analógicos, como ferramentas didáticas para o ensino de geografia, esse seria o tema da minha dissertação de mestrado, mas mudei novamente para geografia da religião, se tratando de ser um assunto cada vez mais em alta. Em todas as pesquisas, sempre buscando propor e obter respostas, a partir do lugar de vivência, circunscrevendo o recorte geográfico da Baixada Fluminense.

Na temática da ascensão dos evangélicos no Brasil, buscamos escrever sobre algo que quase não se fala no meio evangélico, enquanto boa parte dos pesquisadores dão ênfase no fenômeno do crescimento, optamos por desvendar a periferia do próprio pentecostalismo. E na periferia da periferia, encontramos a temática do pastorado feminino, e o machismo que existe nas igrejas pentecostais. Por isso, buscamos trazer luz ao lugar de opressão sofrido e vivenciado pelas lideranças femininas no pentecostalismo. E nesta temática, procuramos descobrir como se manifesta o preconceito de gênero nas igrejas. Para além disso, nosso foco será desvendar como ou de que forma se manifesta as relações de poder criadas pelas mulheres pastoras.

O impacto do crescimento evangélico no Brasil já é perceptível: nota-se, portanto, “que os protestantes possuem forte impacto na sociedade brasileira, tanto no que diz respeito aos aspectos de movimentação econômica, como aspectos educacionais, sociais, políticos e de saúde pública” Rabuske et. al (2012, p.257). “Com o acesso cada vez maior a horários nas mídias tradicionais (rádio e TV), apresentando programas cada vez mais palatáveis aos telespectadores e, com o advento das novas tecnologias” Oliveira (2021), os evangélicos têm alcançado as massas. “os meios de comunicação (internet, rádio, televisão), presença de representações políticas com filiação a tendências evangélicas nas esferas municipal, estadual e federal” Santos; Miranda; Junior (2020, p.21.111). Zeny Rosendahl, ressalta que: “a religião imprime uma marca na paisagem por meio da cultura” Rosendahl (2018, p.197). Essas marcas, que são feitas por várias religiões, estão presentes na paisagem urbana e tendem a mostrar uma significativa presença católica e um emergente surgimento dos evangélicos, no panorama religioso do Rio de Janeiro.

Dentro do que podemos denominar espectro evangélico existem várias denominações com pensamentos e crenças distintas umas das outras, o que torna um pouco difícil a pesquisa sobre os evangélicos, em virtude de serem um macro grupo religioso e diversificado. Ao escolher o segmento pentecostal, neopentecostal ou tradicional; ao se delimitar a Assembleia de Deus, a Universal ou a Batista, descarta-se vários conjuntos doutrinários que poderiam contribuir na análise do todo. É difícil setorizar os evangélicos, porque ao se mutilar uma parte, corre-se o risco de perder a ótica da totalidade; por outro lado, ao se juntar tudo na mesma caixinha, corre-se o risco de generalizar, excluindo partes importantes da realidade. Por isso, nesta pesquisa abordamos o fenômeno do crescimento evangélico no Brasil de uma forma simplificada, e objetivamos dar mais ênfase em um outro fenômeno, mas agora dentro do segmento evangélico; a ascensão de lideranças femininas. Um movimento novo que começou a poucas décadas e tem causado muita polêmica e discussões entre as várias denominações evangélicas. Optamos por fazer uma resumida análise geral sobre o crescimento dos evangélicos a nível nacional para depois aprofundarmos no segmento pentecostal, sobretudo, no pastorado feminino. E dentro da ramificação pentecostal direcionamos a pesquisa às igrejas lideradas por mulheres, buscando entender os motivos que levaram algumas mulheres a criarem os seus próprios ministérios longe da supervisão de líderes homens, o que raramente acontecia. “Faz-se pertinente enfatizar que a liderança religiosa feminina é um fenômeno social moderno. Durante séculos, as diferenças entre homens e mulheres foram tidas como naturais.” Miranda (2009, p.16). As igrejas evangélicas pentecostais sempre foram ambientes fortemente

conservadores e patriarcais, em virtude disso o espaço para as mulheres em lugares de destaque ou liderança eram escassos ou raros.

O fenômeno do pastorado feminino é algo recente, que se popularizou a partir da modernização teológica de muitas igrejas e a partir da flexibilização dos usos e costumes, que foi muito forte nas décadas finais do século XX: Almeida (2007). Não obstante, não descartamos a possibilidade de que existam pastoras que tenham começado o seus ministérios há décadas.

Boa parte dessas igrejas são lideradas por homens, e as mulheres que lideram igrejas, costumam receber ataques desse pastorado masculino: Lima (2011, p.14, 19, 31 e 110), o que não é surpresa no segmento evangélico, se tratando de ser um ambiente culturalmente patriarcal; um ambiente onde o machismo costuma se manifestar com facilidade. Com o número de pastoras aumentando cada vez mais: Machado (2005), há uma tendência desses conflitos aumentarem, porque muitos pastores, homens, não aceitam mulheres assumirem esse posto de destaque eclesiástico. Nesse sentido, podemos estar diante do conceito de Território, o conceito que objetivamos dissertar nesta pesquisa. A partir do momento em que algumas lideranças masculinas ousam atacar as mulheres pastoras, pode ser um indicativo de uma iniciativa visando a proteção do poder territorial e religioso. Alguns líderes podem se sentir no direito ou motivados a atacar, por temerem que sua membresia<sup>1</sup> vá para as igrejas lideradas por mulheres. Será que o medo da perda de poder, pode ser a resposta para tanto preconceito? Muitos fatores podem estar envolvidos no emaranhado de possibilidades.

Durante muito tempo, as mulheres foram privadas de exercerem cargos de destaque nas igrejas, o que comumente era conferido a homens. Esse é um costume fundamentalmente baseado em alguns textos da bíblia, que podem ser interpretados de diversas formas. Algumas passagens bíblicas foram escritas em contextos históricos hostis e extremamente machistas em relação às mulheres. A interpretação equivocada reflete em costumes que colocam as mulheres em posições subalternizadas, onde vigora indubitavelmente algum grau de dominação ou empoderamento masculino.

O interesse pela temática se dá pelo grande crescimento das igrejas evangélicas, não só em termos quantitativos, como também em termos de locais de culto que são abertos principalmente em regiões periféricas, Rocha (2019, p.2.669) e Campos (2008, p.45); onde há a presença de vulnerabilidade social: Fernandes; Pitta (2006,p.16). A importância de se estudar esse reordenamento religioso, se dá pelo fato de influenciar diversos setores nacionais, implica em uma série de mudanças religiosas, políticas, sociais, econômicas e culturais na sociedade brasileira. Estudar geografia da religião no presente, significa tentar desvendar como serão os religiosos no futuro e quais impactos os mesmos irão imprimir na paisagem, no território, na região, no lugar e sobretudo, no espaço como um todo.

O segundo interesse no tema é um movimento que acontece dentro do próprio espectro evangélico; o pastorado feminino. Esse grupo de pastoras tem se popularizado a partir da modernização teológica em algumas denominações, muitas optaram por fundar suas próprias igrejas e a nossa pesquisa visa desvendar quais foram as motivações e os sentidos que fizeram essas pastoras almejem uma autonomia ministerial.

Buscaremos se ater ao conceito de Território, o que se destaca como mais expressivo, se tratando de liderança masculina e feminina, nas igrejas evangélicas pentecostais. É o conceito que melhor atende a análise da pesquisa em questão, se tratando do nosso foco está debruçado sobre as relações de poder, no quesito de gênero, no pentecostalismo.

Escolhemos a ramificação pentecostal para a análise da nossa pesquisa, porque a mesma se configura mais expressiva em termos numéricos. E porque dentre os pentecostais se encontra a igreja Assembleia de Deus que está entre as denominações “que mais cresce no país, representando

---

<sup>1</sup> Adicionamos a palavra “membresia” significando o quantitativo total de pessoas que pertencem a uma igreja local. Seria o número de adeptos que foram batizados e estão registrados no caderno de membros.

mais de 6% da população brasileira, conforme dados do IBGE (2010)” Silva (2013, p.57). Entretanto, nossos olhares estarão contidos não somente na Assembleia de Deus, como também em todas as outras denominações, contidas no segmento pentecostal.

O recorte espacial escolhido se dá nas delimitações do município de Nova Iguaçu, inserido na Baixada Fluminense, em virtude de ser uma das regiões que mais se destacam no fenômeno do crescimento evangélico brasileiro e também é uma região onde o pastorado feminino se manifesta expressivamente. Entretanto, o foco principal será o bairro Cacuia no município de Nova Iguaçu/RJ; o mesmo bairro aparentemente apresenta um número expressivo de igrejas, umas próximas às outras, e não há nenhuma localidade do bairro que não tenha ao menos uma igreja. Também identificamos um número considerável de pastoras em segmentos pentecostais, o que o torna a localidade perfeita para esta pesquisa.

A pesquisa visa responder às seguintes perguntas:

1 - O pastorado feminino é um ato de resistência, diante do preconceito de gênero e do modelo patriarcal, seguido em muitas igrejas?

2 - O preconceito, a rejeição ou a discriminação vivida antes de ser pastora, ainda apresenta reflexos que contribuem para cogitar a desistência do cargo pastoral?

3 - Existe algum tipo de grau de poder entre as pastoras? Quais são os tipos ou classificações de pastoras que exercem a função atualmente? Todas vieram de um mesmo contexto?

O objetivo geral da pesquisa é analisar a ascensão territorial do pastorado feminino no bairro Cacuia em Nova Iguaçu/RJ, diante do preconceito de gênero estrutural e patriarcalmente consolidado no meio pentecostal.

Os objetivos específicos são:

1 - Dialogar com o conceito de Território, aludindo se e como o mesmo é criado pelas mulheres pastoras ou pela reação do pastorado masculino.

2 - Descobrir quais problemáticas envolvem as igrejas evangélicas pentecostais, na desigualdade de gênero e como a opressão se manifesta nessas igrejas.

3 - Analisar os sentidos e as motivações que levaram algumas mulheres a fundarem suas próprias igrejas e como o pastorado feminino contribui na erradicação das disparidades de gênero.

A metodologia é qualitativa percorrendo o referencial teórico sobre a temática e a aplicação de entrevistas aos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa abarca o conceito de território na perspectiva da geografia, trazendo luz a como as pastoras evangélicas contribuem no reordenamento de novas relações de poder entre os evangélicos.

Será aplicada uma entrevista semiestruturada, com o número de 14 perguntas, além das perguntas de dados pessoais, respondendo às questões elencadas anteriormente.

A pesquisa foi aplicada a 7 pastoras no total, sendo 5 pastoras que lideram igrejas atualmente. As outras duas pastoras: 1 lidera uma igreja juntamente com o seu esposo, sendo o esposo o presidente e ela a auxiliar. A última não lidera nenhuma igreja, inclusive congrega numa igreja liderada por um pastor.

Pesquisar sobre os evangélicos é uma escolha essencialmente geográfica, porque os mesmos recriam/ geram e interagem com os principais conceitos, os mais específicos da geografia: Região, Paisagem, Território, Lugar e também Escalas e Redes; e até mesmo num conceito mais amplo como o “espaço geográfico.” Em seguida, listamos o que há de geográfico no segmento religioso em questão, e relacionamos com cada um dos principais conceitos da Geografia:

Quadro 1 - Os conceitos da Geografia e como eles podem ser associados aos evangélicos.

|                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ESPAÇO</b>     | São um dos elementos espaciais que contribuem para a modificação e interferência humana na natureza. Por isso, são agentes contribuintes para alterações espaciais.                                                                                                                                                                 |
| <b>REGIÃO</b>     | Conseguem regionalizar determinados espaços, como na periferia das cidades, por exemplo; local onde os pertencentes a ramificação pentecostal costumam ser mais presentes.                                                                                                                                                          |
| <b>PAISAGEM</b>   | Alteram indiscutivelmente a paisagem através das construções de seus templos; que se destacam visualmente na paisagem urbana e também rural.<br>Também costumam adicionar placas de marketing religioso, espalhando-as em diversos pontos das cidades.                                                                              |
| <b>TERRITÓRIO</b> | Delimitam um espaço cercando-o com um certo grau de poder. Seja no quesito de proibições e restrições religiosas, impostas pela liderança ao grupo local até pressões mais abrangentes como um lobby nacional através da política.                                                                                                  |
| <b>LUGAR</b>      | Criam um grau de afetividade com o local de culto, muitas vezes associado ao divino, ao líder ou ao sentimento positivo associado ao serviço religioso.                                                                                                                                                                             |
| <b>ESCALAS</b>    | Atuam em escalas nacionais, por meio de mega igrejas, que conseguem projetar sua influência a todo território nacional, através das mídias sociais.<br>Também em escalas locais, por meio de igrejas pequenas instaladas em regiões de periferia e que projetam uma ínfima influência sobre uma parcela pequena da população local. |
| <b>REDES</b>      | Criam uma teia de conexões com outras congregações da mesma ou de outra denominação, criando vínculos cooperativos visando união em prol de uma causa, seja ela política ou religiosa.                                                                                                                                              |

Fonte: Autor (2025)

Para esta pesquisa, objetivamos dissertar sobre os problemas e desafios enfrentados pelas mulheres, que são pastoras evangélicas pentecostais. É uma iniciativa recente, tendo poucas décadas de existência e cujas lideranças femininas carregam a vivência da discriminação e da desigualdade de gênero. Dentre os conceitos da Geografia, nossa análise irá investir no conceito de Território, descrevendo o choque e as consequências do embate ou da concorrência de territórios femininos e masculinos, no ambiente religioso evangélico e pentecostal.

O pastorado feminino, indubitavelmente, sempre foi questionado e criticado por lideranças masculinas. Parte desse pensamento, advém de algumas interpretações fundamentalmente tiradas de trechos da Bíblia. Soma-se a isso, a massificação de uma cultura patriarcalista advinda de todo um contexto social e midiático, presente na sociedade contemporânea.

À frente, começamos o capítulo um, contextualizando o movimento evangélico de uma forma geral no Brasil. Pondo em análise o contexto e o cenário em que o pastorado feminino está inserido. Citamos muitos autores que descrevem um fenômeno muito maior e mais abrangente no Brasil; uma possível transição religiosa. Para dar ênfase ao conceito de Território e ao pastorado feminino, não poderíamos deixar de falar sobre o crescimento evangélico no Brasil e a diminuição do número de católicos, bem como o que as previsões têm dito a respeito do cenário religioso brasileiro. Em razão disso iniciamos a pesquisa em um contexto mais amplo para depois nos aproximarmos do objetivo desta dissertação. A pesquisa foi abordada partindo de uma ótica mais ampla para um olhar mais específico. Ou seja, falamos sobre os evangélicos no geral, para depois

tratar acerca do pastorado feminino. Partimos de um recorte geográfico mais abrangente a nível de Brasil, para depois chegar no recorte mais específico, no caso, o bairro Cacuia.

A pesquisa será dividida em 3 capítulos, dentre os quais, os dois primeiros serão teóricos, retratando questionamentos e analisando o que a literatura tem dito sobre o fenômeno do crescimento evangélico no Brasil e a ascensão de mulheres ao cargo de pastora, no município de Nova Iguaçu/ RJ; mais especificamente no bairro Cacuia. Esses dois capítulos teóricos irão introduzir a discussão, abrindo espaço para o terceiro capítulo, que será a análise dos resultados das entrevistas.

No capítulo 1, começamos retratando os números da balança religiosa brasileira por meio dos dados do IBGE, e outras fontes que se dedicam a pesquisas direcionadas a assuntos específicos como o Instituto Datafolha, e também citamos José Eustáquio Diniz Alves, pesquisador e demógrafo do IBGE. Ele faz algumas previsões sobre algumas tendências de religião no Brasil.

Ressaltamos que o IBGE identificou um aumento do número de evangélicos em termos absolutos e relativos, ao longo de algumas décadas. E uma diminuição no quantitativo de católicos em termos relativos, com tendência a uma redução absoluta. Em termos absolutos, no ano de 2010, os católicos eram 105,4 milhões, em 2022 passaram para 100,2 milhões. Ou seja, de 65,1% reduziram para 56,7%, apresentando uma redução de 8,4 pontos percentuais. Já os evangélicos eram 35 milhões em 2010 e passaram para 47,4 milhões em 2022. De 21,6% foram para 26,9%. Apresentando um aumento de 5,2 pontos percentuais.

Prosseguimos afirmando que a literatura identifica um pluralismo doutrinal e teológico entre os evangélicos, dividindo-os em grandes ramificações: evangélicos históricos ou de missão: luteranos, presbiterianos, batistas e outros; evangélicos pentecostais: assembleianos, Congregação Cristã no Brasil - CCB, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja o Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor e etc. E por último os evangélicos neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Cristã Paz e Vida e etc... Salientamos que dentro de uma mesma ramificação existem várias denominações e que até mesmo entre as denominações pode existir um certo grau de concorrência.

Frisamos que entre os evangélicos, os pentecostais são o grupo que mais cresce e listamos inúmeros fatores que a literatura identifica como causas.

Acentuamos que de acordo com Flexor; Rodrigues; Silva (2020), a urbanização e o êxodo rural brasileiro, foram um dos principais fatores que ajudaram os evangélicos a crescerem. A partir disso, enfatizamos que a partir desse movimento migratório, as mulheres saíram de um contexto cultural maxista e rural, para uma lógica urbana e plural, onde puderam ter mais garantias de acesso à educação, e por meio disso, lutarem pela efetivação dos seus direitos. Esse talvez seja o afloramento ou o contexto inicial, a condição ideal para o surgimento de lideranças femininas, no seio da igreja evangélica.

No capítulo 2, apontamos o conceito de território como foco analítico da nossa pesquisa, evidenciando as relações territoriais presentes no contexto religioso. Prosseguimos, destacando as alterações na paisagem de Nova Iguaçu, feitas pelos evangélicos. E citamos Rocha (2013 e 2019) quando destaca que o território evangélico imprime e deixa marcas na paisagem.

Sublinhamos a influência dos evangélicos, em populações pobres e periféricas das cidades, principalmente em contextos de crises econômicas e de sentido, geradas pelo sistema capitalista. Destacamos a ação social das igrejas evangélicas como uma forma estratégica de angariar novos adeptos, principalmente em um contexto de concorrência religiosa entre os próprios pentecostais. Não excluimos ou negamos o fato de que os evangélicos também estão presentes em classes mais altas, por isso, o crescimento desse grupo não se dá apenas nas franjas pobres.

Realçamos a busca das mulheres por igualdade de gênero, e questionamos até que ponto essa busca pode ter sido uma das razões para o surgimento de mulheres pastoras, o que antes era quase inconcebível, entre os evangélicos.

Evidenciamos o preconceito de gênero, que existe em relação ao pastorado feminino e apontamos a bíblia como uma das formas de perpetuar o patriarcado. Aludimos que ser pastora, não quer dizer ser igualmente defensora das causas de gênero, porque muitas mulheres pastoras se identificaram contrárias a esse movimento, que muitas das vezes pode ser associado a lutas políticas.

Destacamos que muitos padrões culturais da sociedade, associados a quais comportamentos “devem” ser femininos ou masculinos, estão presentes nas igrejas. Reflexos e espelhamentos da sociedade patriarcal como um todo, em uma escala menor no espaço religioso.

No capítulo 3, tratamos sobre como se manifesta o território do pastorado feminino e quais foram os caminhos metodológicos utilizados para a coleta dos dados. Nesta mesma partição da pesquisa, fizemos as análises das entrevistas e expomos os resultados.

## **CAPÍTULO I - O CRESCIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL E O SURGIMENTO DE DIVERSAS RAMIFICAÇÕES RELIGIOSAS**

A frente analisaremos os dados do IBGE, em relação ao panorama religioso no Brasil. Veremos que os Censos têm apontado algumas tendências, dentre elas, o crescimento dos evangélicos, e uma diminuição do número de católicos. Também examinaremos que os evangélicos não são um único bloco religioso e homogêneo, existindo muitas correntes/ ramificações, e dentre elas muitas denominações com posicionamentos teológicos distintos.

Também exploraremos alguns possíveis fatores que deram base ou criaram o ambiente perfeito para a expansão dos protestantes como um todo. Dentre os fatores, destacamos o êxodo rural e o crescimento urbano, onde as cidades possivelmente tornaram-se um campo fértil ideal para que a religião pudesse oferecer muitas respostas às crises geradas pelo sistema capitalista. A partir dessas colocações, idealizamos por meio de algumas referências, que as mulheres passaram a ter mais acesso à educação e passaram a lutar mais por seus direitos, o que foi fundamental para abrir caminho para o movimento do pastorado feminino, tema central desta pesquisa.

“Os protestantes possuem forte impacto na sociedade brasileira, tanto no que diz respeito aos aspectos de movimentação econômica, como aspectos educacionais, sociais, políticos e de saúde pública” Rabuske, et. al (2012, p.257). A influência atribuída a esse segmento, consegue projetar modificações importantes no cenário nacional brasileiro: Goulart (2008). No âmbito político, os rumos da nação podem, e em alguns momentos estão, em relativo poder de decisão de católicos e evangélicos. O que torna inegável a influência das macrorreligiões brasileiras em influenciar atores governamentais, principalmente se tratando de períodos eleitorais: Lacerda (2022, p.296-297).

O Brasil, um país tradicionalmente conhecido por ser a nação mais católica do mundo, está caminhando para conviver com um outro grupo religioso, numericamente expressivo, que é o evangélico. Entretanto, os evangélicos são divididos em grupos e o principal grupo que vem se destacando em crescimento são os pentecostais: “do total de evangélicos 60% eram pentecostais, ou seja, aproximadamente 25,3 milhões” Rocha (2019, p.2.669). Uma das principais fontes de pesquisa que vem aludindo esse cenário, são os Censos do IBGE, que ao longo de décadas vem apontando um crescimento expressivo dos evangélicos em números relativos e absolutos, e uma diminuição considerável dos católicos em termos relativos. Veja a seguir uma tabela que mostra o crescimento relativo dos evangélicos no Brasil, ao longo de várias décadas:

**TABELA 1 - Aumento relativo dos evangélicos no Brasil segundo o IBGE.**

|             |              |
|-------------|--------------|
| <b>1970</b> | <b>5,2%</b>  |
| <b>1980</b> | <b>6,6%</b>  |
| <b>1990</b> | <b>9,5%</b>  |
| <b>2000</b> | <b>15,4%</b> |
| <b>2010</b> | <b>22,1%</b> |
| <b>2022</b> | <b>26,9%</b> |

FONTE: O autor / Dados: IBGE.

Em seguida, fizemos um quadro que mostra os dados do IBGE, referente a diminuição relativa do número de católicos no Brasil, no decorrer de décadas:

**TABELA 2 - Diminuição relativa dos católicos no Brasil segundo o IBGE.**

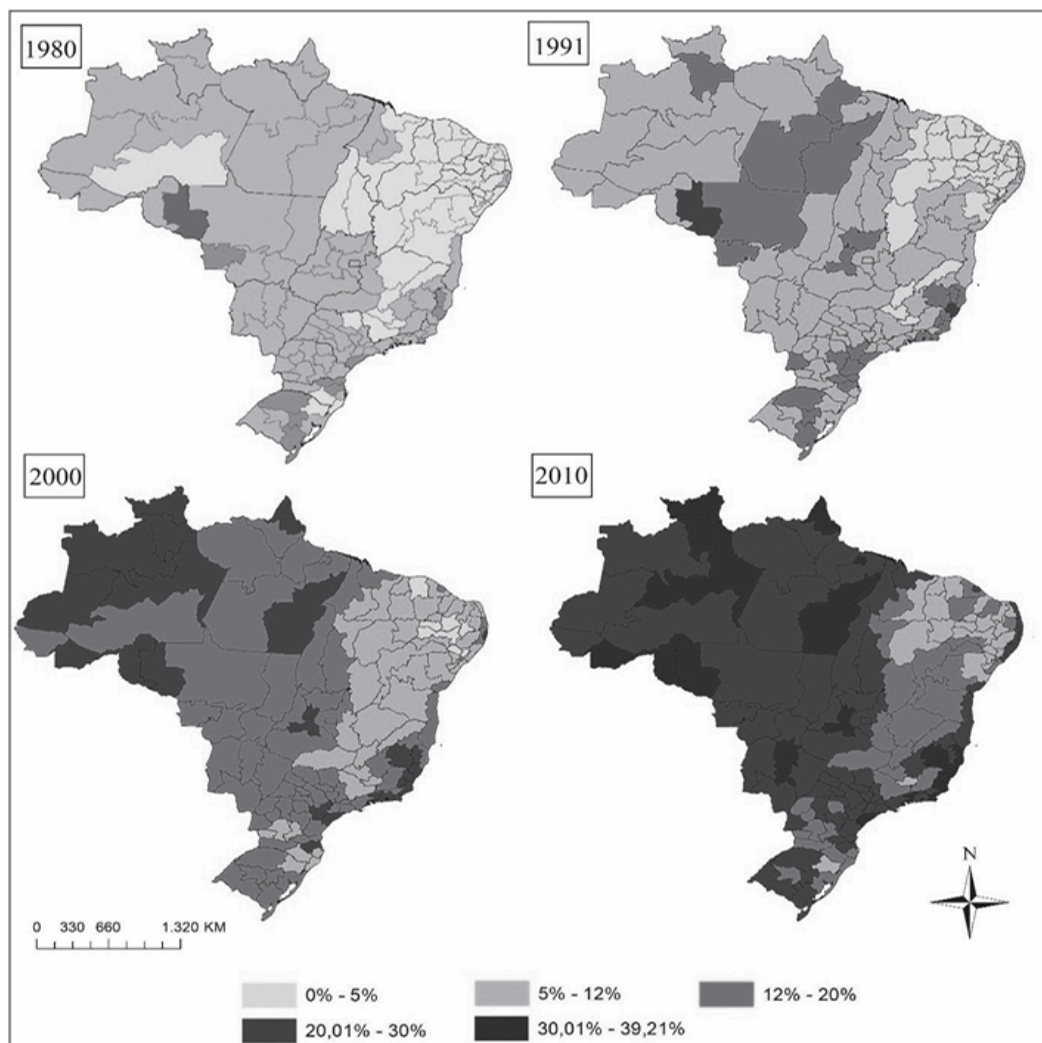
|             |              |
|-------------|--------------|
| <b>1970</b> | <b>91,8%</b> |
| <b>1980</b> | <b>89,2%</b> |
| <b>1990</b> | <b>83,8%</b> |
| <b>2000</b> | <b>73,7%</b> |
| <b>2010</b> | <b>64,6%</b> |
| <b>2022</b> | <b>56,7%</b> |

FONTE: O autor / Dados: IBGE.

Pelos quadros anteriores, é perceptível que, enquanto o número de evangélicos aumenta, ao longo das décadas, o quantitativo de católicos decresce em uma lógica inversamente proporcional. Entretanto, não há apenas uma relação de crescimento e decréscimo entre católicos e evangélicos, outros grupos são citados nos Censos do IBGE, como os sem religião e pessoas de outras religiões minoritárias. Mas, neste capítulo daremos ênfase aos dois grupos majoritários.

Antes do Censo do IBGE 2022, alguma fontes, como o Instituto Datafolha, projetavam um número mais alto de evangélicos, em dezembro de 2016: “o declínio católico continua acelerado, a tal ponto que naquela data os católicos chegavam à metade do país (50%), enquanto os evangélicos alcançavam 29% da população” Oro (2020, p.73). Ou seja, os números do panorama religioso brasileiro, a partir de 2010, tiveram uma significativa alteração, entretanto, a partir do Censo do IBGE 2022, percebe-se uma desaceleração do crescimento evangélico, e uma desaceleração da diminuição do número de católicos. Tal fato posterga a suposta transição religiosa. Veja a seguir um mapa sobre a distribuição dos protestantes por mesorregiões ao longo de alguns anos no Brasil:

Figura 1 - Variação da proporção da população protestante nas mesorregiões do Brasil para os anos de 1980, 1991, 2000 e 2010.



Fonte: BERNARDELLI; MICHELLON (2018)/ Dados: IBGE.

Por meio desse mapa é possível perceber as regiões onde os evangélicos tiveram um crescimento mais expressivo, ao longo dos anos. Não somente os pesquisadores como também a população no geral, vem notando o expressivo aumento do número de pessoas que se identificam como evangélicas; Santos; Martinez (2020, p.33). E também, relatam o visível surgimento de incontáveis templos evangélicos nas cidades, sobretudo, nas regiões periféricas, e em menor proporção nos centros das cidades. A percepção da expansão evangélica foi retratada por inúmeros autores, bem como algumas previsões que diziam que os evangélicos poderiam ser maioria no Brasil, dentro de poucos anos: Datafolha (2020), Leitão (2021), Alencar (2015) e Steil;Toniol (2013).

### 1.1 - Quais as causas do crescimento evangélico no Brasil, sobretudo, dos pentecostais?

Diante do expressivo crescimento que esse grupo tem experimentado num cenário nacional, vários pesquisadores possuem diversas hipóteses que buscam responder a pergunta deste

subcapítulo. Os evangélicos de cunho pentecostal “crescem aceleradamente porque trabalham muito e sabem explorar, em seu benefício institucional, os contextos socioeconômico, político, cultural e religioso onde estão inseridos” Mariano (2005). Não se pode atribuir um ou dois fatores relacionados à expansão evangélica; a literatura tem dito que muitas causas estão envolvidas, umas em menor, e outras em maior proporção, o que dificulta uma única análise conclusiva sobre o fenômeno, principalmente levando-se em consideração que o grau de crescimento varia de denominação para denominação, e de congregação para congregação. Os pentecostais são os que atualmente possuem maior êxito na empreitada do crescimento, mesmo tendo chegado tardiamente no Brasil:

A primeira onda do pentecostalismo chegou ao país através de dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que, expulsos da Igreja Batista, fundaram a Igreja Assembleia de Deus, em Belém no Pará, no ano de 1911 e, concomitantemente, através da Igreja Congregação Cristã no Brasil, fundada por um italiano ex-presbiteriano, Louis Francescon, na cidade de São Paulo, em 1910. (Gonçalves; Pedra, 2017, p.73).

Como mostra a citação anterior, o início do século XX foi marcado pelo plantio da semente do pentecostalismo, em solo brasileiro. E desde então, o pentecostalismo é o que está melhor adaptado ao modelo de demanda social das massas, principalmente as massas periféricas e subalternizadas da realidade contemporânea, o que o torna hábil ao diálogo com as massas<sup>2</sup>. Inicialmente os primeiros missionários pentecostais tiveram que atrair pessoas do catolicismo, do protestantismo histórico e demais credos, para depois projetar sua influência em outras localidades. Basicamente é o que muitas igrejas pentecostais, ainda hoje fazem, a expansão no “estilo teia de aranha”<sup>3</sup>. A conversão de pessoas de outras religiões tornava esse movimento ainda mais significativo e forte no cenário religioso nacional e internacional. Veja o que os seguintes autores falam sobre o sucesso do pentecostalismo pelo mundo:

Pode-se observar no mundo inteiro o sucesso do protestantismo evangélico, cujo capítulo mais impressionante é o pentecostalismo. Este novo protestantismo se propaga como fogo no capinzal em grandes regiões da Ásia Oriental e Meridional, na África ao sul do Saara e – o que mais admira – em todos os países da América Latina. Muitas vezes são exatamente as camadas mais envolvidas pela modernização que mais se inflamam pelo entusiasmo religioso. (Berger, 2004, p.48).

Muitos fatores, atuais, corroboram para a multiplicação dos evangélicos no campo da sociedade brasileira:

O crescimento evangélico, segundo estudos, deu-se por uma forte concentração do poder dos pastores (facilitando a administração das igrejas), a gestão da nova religião nos modelos de negócios, a eficácia proselitista da evangelização pelos meios eletrônicos, a formação acelerada de pastores, a militância religiosa dos leigos, a continuidade cultural como a religiosidade popular e a prestação sistemática do serviço mágico-religioso. (Sawaya, 2022, p.01).

---

<sup>2</sup> Nesse contexto, consideramos “massas” todas as pessoas pertencentes às camadas populares da sociedade brasileira, portanto, seriam as pessoas mais pobres e que quase sempre se localizam nas periferias das grandes cidades.

<sup>3</sup> “Estilo teia de aranha” queremos aqui definir, como um tipo de expansão em redes, no contexto em questão, é quando a igreja possui influência sobre pessoas e pontos de pregação de diversas localidades de um mesmo bairro, e essas mesmas pessoas ou pontos de pregação, acabam influenciando outros, fazendo com que a igreja mãe tenha uma cobertura influenciadora sobre todos, mesmo que indiretamente.

“O trânsito religioso é um dos temas transversais mais relevantes da atualidade da religião no Brasil, pois está gerando um novo cenário religioso.” Coelho (2009, p.01) Para além do lado religioso, implica em mudanças políticas, econômicas e sociais, que implicam e interferem, direta ou indiretamente no costume dos brasileiros. Prevê-se uma mudança estrutural-religiosa significativa no seio da nação brasileira, o que era impensável há 100 anos. É indubitável o fato de que o Brasil esteja experimentando um remodelamento no campo religioso, o que demanda um olhar atento dos pesquisadores com vistas a analisar os impactos geográficos que esse fenômeno trará. A mesma autora, citada anteriormente, prossegue dizendo:

No caso do Brasil, processos sazonais de mutação religiosa têm ocorrido, gerando um novo perfil religioso; esse perfil é caracterizado pelo fenômeno que a literatura especializada convencionou denominar trânsito religioso, em estudo desde a década de 1980. Tais estudos foram alavancados com a percepção do êxodo progressivo e acelerado do Catolicismo Romano para o Protestantismo, reconfigurando o cenário religioso do país, ainda que nos limites do Cristianismo. (Coelho, 2009, p.02).

Os evangélicos conseguiram timidamente se inserir num país, cuja maioria era assumidamente católica. Através da conversão de católicos, nas franjas periféricas das cidades, eles alcançaram números consideráveis ao longo das décadas. Atualmente, o multiverso evangélico disputa com os católicos a predominância religiosa do Brasil, e pesquisas apontam que nesta concorrência os evangélicos têm angariado vantagens por meio da retração demográfica verificada no catolicismo. Várias instituições lançam pesquisas numéricas referente ao panorama religioso no Brasil, o que os números atuais indicam é que há uma tendência a transição religiosa, com vantagem para os evangélicos. As pesquisas mais recentes apontam, que se os atuais dados se mantiverem, o Brasil será um país de predominância evangélica dentro de algumas décadas, com esse grupo se configurando como o maior segmento religioso nacional.

O próprio pastorado feminino, um dos objetivos de análise desta pesquisa é um exemplo de readaptação e mutabilidade. Mulheres que em alguns casos se veem pastoras, buscam atender outras mulheres, criam seus próprios ministérios visando autonomia e liberdade. Algumas pastoras não encontram dificuldade nessa empreitada, porque o cenário evangélico é em grande parte composto por mulheres. O pastorado feminino é um claro exemplo de adaptação dos evangélicos. Num espaço, onde outrora imperava apenas o poder masculino, as mulheres ressignificam parte do pensamento pentecostal, adaptando e ajustando a um modelo mais feminino e inclusivo à liderança de mulheres. Como camaleões, as mulheres pentecostais mudaram de “cor”, visando atender algumas demandas dentro do cristianismo, no caso desta pesquisa, dentro do pentecostalismo. Esse crescente movimento e ascensão de lideranças femininas é um dos fatores que colaboram para o pluralismo doutrinal e teológico das igrejas evangélicas. Essa é uma das vantagens dos evangélicos, que se destacam diante de outras religiões. Não que as outras religiões, e correntes cristãs não se reinventem a ponto de atenderem vários nichos, mas que os evangélicos pentecostais, sobretudo, os que se encontram em diálogo com as massas são os que numericamente apresentam mais destaque.

Os evangélicos têm se mostrado mais presentes nas cidades, talvez, sua especialidade tenha mais êxito em atender às populações urbanas, que são diversas, e isso também pode dizer muito sobre a característica de se adaptar, conseguindo atender diferentes públicos ou grupos culturais. Entretanto, será que o evangelicalismo não consegue expandir suas redes de influência no meio rural? Dados do IBGE (2022), mostram que Grandes regiões brasileiras como Norte e Centro-Oeste tem apresentado uma porcentagem maior de evangélicos se comparado às demais regiões:

Em todas as regiões, o catolicismo permanece majoritário, mas em patamares menores que em 2010. O Norte exibe o quadro mais competitivo: 50,48% de católicos e 36,79% de evangélicos. O Centro-Oeste também se aproxima da pluralidade (52,60% de

católicos; 31,39% de evangélicos). No Sudeste, a maioria católica (52,24%) convive com o avanço evangélico (27,96%)... (Pestana, 2025, p.01)

Tais dados não querem dizer que os evangélicos tenham ficado mais rurais, por se tratar de grandes regiões. Porque em todos os estados brasileiros a população urbana supera a população rural. Sobre o crescimento evangélico, mesmo que não estejam presentes fisicamente, as redes sociais ou as mídias televisivas apresentam certa influência, até mesmo chegando em populações isoladas.

Nas pequenas cidades e em grande parte das regiões rurais do Brasil, a igreja evangélica encontra dificuldade para estender suas redes religiosas, por outro lado, o catolicismo tem se mostrado mais presente entre as populações rurais. Pelo declínio católico ser uma tendência nacional, espera-se um crescimento dos evangélicos até mesmo em regiões que antes eles não eram significativamente presentes:

A lógica de difusão e crescimento das igrejas pentecostais baseia-se no número populacional das cidades, pois nas pequenas cidades o poder da Igreja Católica ainda é muito forte, dificultando a expansão dessas igrejas. No caso específico das cidades do interior dos Estados a instalação dessas igrejas também é baixa, principalmente em função da forte presença da Igreja Católica ao longo da história de formação socioespacial do território. Em contraponto, nas cidades maiores, o crescimento dessas igrejas é bastante significativo, pois a Igreja Católica já não consegue atender os interesses de toda população, principalmente pela insatisfação pessoal dos seus fiéis (sic), que leva as pessoas buscarem novas formas de vivenciar a fé, procurando, assim, igrejas que atendam os seus interesses espirituais e/ou materiais. (Oliveira, 2012, p.157-158).

Os evangélicos estão muito bem posicionados a responder aos anseios das massas, que advêm do campo, buscando solucionar algum tipo de problema. No caso dos desempregados, aqueles que foram substituídos pelas máquinas agrícolas, em boa parte das situações, são pessoas com baixos índices de escolaridade e que ao não conseguirem um emprego, ficam vulneráveis. Algumas pessoas nessas situações encontram em igrejas evangélicas uma rede de apoio por meio da distribuição de cestas básicas, apoio religioso e até mesmo a indicação para um emprego formal ou informal. Atitudes como essas, aumentam o poder de capilaridade das igrejas evangélicas, principalmente sobre populações desamparadas advindas do campo. Situação de desemprego ou dificuldades financeiras, costumam ser atribuídas ao maligno ou algum tipo de atuação do mal; nesse sentido, entra o serviço espiritual prestado pelas igrejas, por meio de campanhas, cultos de libertação ou outro ritual, essas instituições entram em cena como solucionadoras das moléstias espirituais. Nas situações de mulheres no campo ou advindas dessas regiões rurais, encontram-se mulheres sem emprego, em alguns casos totalmente desamparadas em diversos aspectos. Essas mulheres encontram na igreja evangélica uma espécie de amparo e algumas encontram na possibilidade de ser pastoras uma forma de exercer algum grau de liberdade ou poder que talvez nunca tenham experimentado antes no contexto patriarcal do campo. Nesta pesquisa, nenhuma das entrevistadas vieram diretamente do campo, mas não negamos o fato de que em algum momento, seus antepassados migraram deste lugar, para um contexto atual e urbano.

A partir do momento que houve o êxodo rural, as populações do campo, em busca de melhores condições de vida, caminharam em direção a frustração, ficando expostas a diversos problemas urbanos, resultado da falta de planejamento e da ineficiência do poder estatal para garantir o amparo necessário aos necessitados. É neste cenário que as “igrejas evangélicas difundem-se de maneira orgânica com a urbanização brasileira.” Silva (2023, p.371).

Veja a frente, que a migração do campo para as cidades foi uma alavanca para o crescimento de denominações pentecostais:

O pentecostalismo garante, dessa forma, certa continuidade cultural e moral às populações que deixaram seu universo rural e agrário para tentar sobreviver nas grandes cidades. Ou seja, o crescimento do pentecostalismo nesse período foi impulsionado pelo processo de urbanização e pelo êxodo rural, os mais pobres encontrando no pentecostalismo uma forma de recriar laços de solidariedade. (Flexor; Rodrigues; Silva, 2020, p.142).

O pentecostalismo e não somente esse, foi e continua sendo a resposta daqueles que encontram a frustração no ambiente urbano. Muitos ao saírem do campo, tiveram a ilusão de que ao migrar para as cidades, seus problemas se resolveriam, porque nas cidades existem muitas oportunidades. Entretanto, caíram em uma ilusão, porque atualmente o ambiente urbano está superlotado e caótico em todos os sentidos.

A partir da frustração dessas populações vindas do campo, as igrejas se tornaram pontos de refúgio, até que essas pessoas conseguissem se inserir, adaptando-se à cultura urbana. Elas funcionaram como a porta de entrada, bem como um apoio e adaptação aos que não possuíam afinidade com o meio urbano, sendo as próprias igrejas essa urbanidade, elas estavam funcionando como se fosse a assistente social do todo. E isso as igrejas evangélicas fazem muito bem:

Por meio de dispositivos do legislativo, operações de mídia televisiva e web, construção de mega catedrais e implementação de ações de bem-estar social, percebe-se que estes meios se constituem como arenas onde os evangélicos empreendem um notável esforço por articular a urbanidade mais do que o próprio processo de urbanização. (Gonçalo, 2017, p.63).

Um exemplo de sucesso nacional dos evangélicos nessa empreitada está a Região Metropolitana do Rio de Janeiro que é a área que aponta para uma possível transição religiosa em cenário nacional. Poderíamos se ater melhor a Baixada Fluminense, onde o processo de evangelização, sobretudo, de pentecostalização é mais intenso e significativo, em termos demográficos. O processo de mudança de hegemonia de católicos para evangélicos, já aconteceu em localidades municipais importantes, da região urbana do estado do Rio de Janeiro. Os evangélicos possuem vantagem na atração de populações urbanas:

O estado do Rio de Janeiro é o que apresenta menor proporção de católicos e a maior diversidade religiosa no país. Sua Região Metropolitana é a aglomeração urbana mais avançada neste processo de mudança de hegemonia. (Alves; Cavenaghi; Barros, 2014, p.1055).

O pesquisador André Santos da Rocha, também aludiu alguns municípios da Baixada Fluminense, onde o percentual de evangélicos chegou próximo ou ultrapassou os 30%. Os dados da seguinte citação foram com base no Censo do IBGE (2010), posteriormente apresentamos uma tabela com os dados municipais baseados no novo Censo de 2022:

Outrossim havia municípios que o percentual da representatividade evangélica em relação à população total já ultrapassava 30% como são os casos de Belford Roxo (30,01%), Nova Iguaçu (29,11%) e Duque de Caxias (27,40%). Esses números ganham ainda mais corpo se comparados aos dados do censo de 2010, onde os valores absolutos no somatório dos 13 municípios revelam 1.349.111 de evangélicos para 1.246.049 católicos. (Rocha, 2019, p.2.675).

Números esses que já mudaram a partir da divulgação do Censo do IBGE em 2022. Veja a seguir um quadro mostrando a porcentagem de católicos e evangélicos nos 13 municípios da Baixada Fluminense:

**TABELA 3 - Porcentagem de católicos e evangélicos nos 13 municípios da Baixada Fluminense em 2022.**

| <b>ANO 2022</b>    | <b>CATÓLICOS</b> | <b>EVANGÉLICOS</b> |
|--------------------|------------------|--------------------|
| ITAGUAÍ            | 24,54%           | 42,31%             |
| PARACAMBI          | 27,49%           | 46,76%             |
| SEROPÉDICA         | 19,66%           | 46,29%             |
| JAPERI             | 18,97%           | 41,52%             |
| QUEIMADOS          | 23,11%           | 44,62%             |
| NOVA IGUAÇU        | 27,25%           | 40,24%             |
| MESQUITA           | 30,17%           | 38,3%              |
| NILÓPOLIS          | 32,06%           | 32,88%             |
| BELFORD ROXO       | 26,7%            | 36,26%             |
| SÃO JOÃO DE MERITI | 27,83%           | 33,43%             |
| DUQUE DE CAXIAS    | 29,58%           | 40,44%             |
| MAGÉ               | 29,76%           | 39,06%             |
| GUAPIMIRIM         | 32,11%           | 36,73%             |

FONTE: O autor / Dados: <<https://g1.globo.com/>>

Como visto na tabela anterior, em todos os 13 municípios da Baixada Fluminense, os evangélicos são o maior grupo religioso. Essa região do estado do Rio de Janeiro é indubitavelmente onde a transição religiosa já aconteceu. Em todos esses municípios os evangélicos estão acima de 30%, e em Paracambi e Seropédica, eles chegam a quase 50% da população.

Uma característica comum a todos esses municípios é que ambos fazem parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro - (RMRJ), é pelo crescimento evangélico ser uma tendência mais urbana, talvez esse seja um dos fatores para essa expansão religiosa. Entretanto, o crescimento evangélico não está apenas na teia da urbanidade, a ruralidade também tem recebido influências desse segmento religioso. “Pelo que pudemos demonstrar, o processo de pentecostalização dos brasileiros não se resume mais ao cinturão periférico-urbano, pois também está presente na área rural do Norte Fluminense” Py; Pedlowski (2020, p.848). Entretanto, permanece mais forte nas grandes e médias cidades:

a expansão de grandes centros urbanos dentro de um contexto de formação urbano - industrial trouxe consigo a consolidação da expansão do protestantismo em distintas capitais nacionais e cidades médias em razão do estabelecimento de crescentes redes de integração nacional que possibilitaram o adensamento populacional em escala e consigo a possibilidade do surgimento de novos valores. (Senhoras; Santos; Cruz, 2016, p.141).

Isso quer dizer, que o crescimento das cidades significa direta ou indiretamente um crescimento também dos evangélicos e os modais de integração também são um dos fatores que contribuíram para a dispersão evangélica. As malhas de transportes funcionaram como grandes veias dispersoras da influência evangélica:

Com a consolidação de um país urbano-industrial a partir da década de 1970, caracterizado como sendo crescentemente complexo frente à extensão territorial e ao tamanho populacional, as redes infra estruturais de conexão entre as distintas macrorregiões do país passaram a adquirir crescente relevância para explicar as dinâmicas de crescimento no país, e, por conseguinte os próprios destinos de expansão religiosa. (Senhoras; Santos; Cruz, 2016, p.141).

Nesse sentido, a expansão das construções de rodovias e ferrovias significou também uma possibilidade para a chegada dos evangélicos em regiões que outrora não estavam. Mas, se antes a expansão deles tinha que ser obrigatoriamente presencial, o avanço das mídias sociais mais avançadas e modernas, fez com que os evangélicos tivessem um leque maior de possibilidades e métodos de evangelização, que com certeza, possui uma eficiência maior do que a primeira abordagem, que tinha um caráter presencial. Alguns evangélicos adotaram estratégias mais eficientes e conseguiram estender e projetar sua mensagem até os confins do Brasil. Lugares em que seus pés não pisaram, suas vozes chegaram. As mídias sociais, ou seja, os meios de comunicação de massa, foram um dos responsáveis por alavancar e acentuar o crescimento evangélico no Brasil. Esse processo se mostra cada vez mais intenso a partir do momento em que surgem novas redes sociais e novas ferramentas como a Inteligência Artificial - IA. E esses fatores potencializam um processo que começou de forma minuciosamente tímida, há décadas atrás, e que hoje faz parte de um processo que muitos pesquisadores denominam; ‘transição religiosa’: Pereira; Sá (2018), Alves et. al (2017), Sant’Ana (2014), Almeida (2008) e Camurça (2020).

É justamente nesse contexto de uma possível ou suposta transição religiosa, onde há uma diminuição do número de católicos e um aumento do número de evangélicos, que o pastorado feminino tem surgido entre os evangélicos e tem ganhado força. As mulheres que durante muito tempo tiveram seus direitos negados no campo<sup>4</sup>, passaram a encontrar nas cidades um ambiente livremente possível de lutar por seus direitos e acessar lugares que antes eram inimagináveis.

Os evangélicos que durante muito tempo, foram conservadores em suas ideias e crenças, cederam a influências de culturas de massas de diversos setores sociais, dentre eles o movimento das lutas femininas de gênero. As lutas de gênero passaram a gerar muitos questionamentos nas mulheres em contextos hostis, e as mesmas passaram a correr atrás do seu lugar de igualdade e dos seus direitos como um todo.

Mais a frente veremos que os evangélicos não estão todos ligados ou dentro de uma mesma caixinha, existem evangélicos de várias denominações com pensamentos e doutrinas diferentes. Eles não são um único bloco religioso homogêneo. Novas igrejas e novos perfis evangélicos, visando atender indefinidos nichos sociais surgem a cada dia, e esse processo de multiplicação desenfreado de igrejas e doutrinas é resultado das cisões e dissidências que acontecem frequentemente entre esses cristãos.

---

<sup>4</sup> Nesta pesquisa nenhuma das pastoras entrevistadas disse ter vindo de alguma área rural, entretanto, para efeito de uma análise histórica sobre os princípios da expansão evangélica no Brasil, julgamos pertinente manter este parágrafo, se tratando de ser uma análise geral e não restritamente específica do surgimento do pastorado feminino.

## 1.2 - Os cismas/ dissidências e a clandestinidade religiosa: a facilidade de se abrir uma igreja

Os evangélicos estão unidos ou divididos? Esse é um questionamento difícil de responder, porque é necessário definir de quais evangélicos se está falando, em virtude de não serem um único grupo homogêneo; suas heterogeneidades ou pluralidades e antagonismos são notáveis quando se observa as variadas vertentes denominacionais:

Os diferentes sentidos dados ao “seguimento de Cristo” e as diferentes identidades assumidas por (ou atribuídas a) aqueles que se apresentam como “cristãos” encontram expressão em distintas imagens de deus e “tradições cristãs”. Estas, por sua vez, traduzem disputas e tensionamentos entre diferentes visões de mundo e projetos de sociedade e cumprem uma importante função pedagógica na transmissão e reprodução de valores e arranjos sociais. Passemos, pois, a um exame dessas imagens de deus e tradições em disputa, tal como reveladas na cruzada moral antidireitos, antigênero e antipluralista, de um lado; e, de outro, pelos movimentos de feministas cristãs e cristãos LGBTQI+. (Serra, 2022, p.03).

Almejando uma análise mais focal, nos ateremos aos evangélicos pentecostais, grupo que frequentemente tem apresentado uma ocorrência maior na criação de novos espaços de culto. “Existe uma rivalidade territorial até mesmo entre as igrejas da mesma denominação; como se fosse uma espécie de competição de quem consegue ter influência e poder sobre mais pessoas” Paula (2022, p.44). Os evangélicos pentecostais estão em concorrência até mesmo entre si, fator que contribui para a multiplicação:

Assim, pode-se afirmar que a territorialidade das igrejas pentecostais é informal e fugaz, mesmo entre as que já se encontram consolidadas, pois podem existir, no mesmo bairro, dois templos de uma mesma denominação religiosa concorrendo entre si, confirmando a tese que o espalhamento espacial dessas igrejas está relacionado ao controle do espaço e consolidação do poder. (Oliveira, 2012, p.154).

Deste modo, não se identifica uma única delimitação holística de território, os pentecostais nem sempre agem como uma peça pertencente a uma grande engrenagem, sendo todos ao mesmo tempo uma única ligação corpórea-homogênea. Pelo contrário, em alguns casos a lógica territorial de diferentes congregações é cada uma agindo e dominando o seu espaço de poder, por si própria. A lógica da cisão se dá pelo fato de se manter no poder, mas agora, sob novos moldes, um espaço transformado que fará de tudo para não desaparecer. A religião tende mais a se transformar do que a desaparecer:

Hoje, as transformações culturais na sociedade do século XXI, destacado por nós neste artigo como hipermodernidade foi no desejo de repensar a religião e a religiosidade num período marcado por múltiplas visões de mundo num tempo e numa temporalidade que para alguns acadêmicos apresentam um discurso de crise ou mesmo declínio da religiosidade.

Pensamos diferente! Comungo com as ideias durkheimianas: a religião tende mais a se transformar do que a desaparecer na sociedade. (Rosendahl, 2014, p.21).

O comportamento separatista e divergente, não é novo na história geral do cristianismo, desde o início, na igreja primitiva, os primeiros cristãos já escolhiam a dedo os seus líderes preferidos a quem queriam seguir como discípulos:

11 - Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família Cloe que há contendas entre vós.

12 - Quero dizer, com isso, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.

13 - Está Cristo dividido? “Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo? (Bíblia, 2003, p. 1583-1584).

O que acontece nas divisões atuais nada mais é do que um reflexo do que sempre aconteceu na história da religião cristã. “Desde o começo, existem cristãos que se separam. Serão chamados, no futuro, de heréticos ou cismáticos, ou porque negam alguma doutrina, ou porque não aceitam a grande Igreja” Arns (1985, p.108). Comumente há nessas divisões, pensamentos e aspirações diferentes, que culmina na ruptura com a igreja mãe; nesse processo a igreja nascente (filha) passa a concorrer com a congregação de onde se desligou. Veja o que o seguinte autor escreve a respeito do surgimento de novos locais de culto:

Qual a origem dessas AD? São organizações de ação local, algumas formais outras não, que surgiram, na grande maioria, a partir de cismas religiosos com firmas assembleianas maiores (igrejas ou ministérios) e passaram a atuar no mercado de forma independente. Os dados nacionais sobre o número dessas igrejas são muito imprecisos, pois muitas delas funcionam na informalidade, em salões, garagens e casas alugadas em nome do pastor ou de algum membro da comunidade. (Carreiro, 2014, p.192).

Essas igrejinhas nascem principalmente em locais de periferia e são caracterizadas por ser locais improvisados ou adaptados. Algumas igrejas grandes e luxuosas que se veem atualmente, se originaram dessa forma, a partir de desentendimentos com lideranças ou por divergências de pensamento, que levaram a criação de uma nova igreja (congregação) ou de uma denominação inédita.

A história das AD no Brasil é uma história de cisões que deu origem a diversas convenções e ministérios que hoje não possuem nenhum vínculo institucional com a primeira AD, a CGADB. O mais expressivo dos ministérios independentes originários da CGADB, é o Ministério de Madureira, presente e atuante no Rio de Janeiro desde meados da década de 1930. (Carreiro, 2014, p.193).

Deste modo, as divisões, cisões ou desentendimentos, não são um problema para os evangélicos pentecostais, pelo contrário, é benéficamente uma forma de expandir e crescer; o ponto negativo é apenas no âmbito territorial, e em alguns casos, desentendimentos causam evasão de alguns membros, que saem da fé evangélica em busca de outras igrejas ou religiões.

Outro fenômeno que desponta na atualidade é o crescimento de uma fé isenta de qualquer mediação de algum tipo de instituição religiosa, as pessoas estão cada vez mais mantendo suas crenças religiosas em casa, sem se preocupar em ir a um templo ou cumprir rituais rotineiros. A tendência a desinstitucionalização é um fator que tem favorecido ao crescimento evangélico:

Nessa paisagem que tende à dessacralização das instituições, as chamadas religiões institucionalizadas tentam sobreviver. Nessa corrida contra as tendências da pós-modernidade, a religião evangélica tem sobressaído as demais no Brasil, em tempos do crescimento da fé desinstitucionalizada. (Guerra, 2014, p.117).

Se antes havia um imaginário de que para ser evangélico era preciso fazer parte do rol de membros e cumprir rituais à risca, agora é mais fácil, basta apenas nomear-se como tal. Por isso, alguns que saem da igreja, não deixam de ser evangélicos, apenas deixam de seguir uma instituição e se tornam evangélicos não praticantes.

Os que optam por continuar sendo regidos por um poder institucional, saem de uma igreja maior e abrem seus pontos de pregação em garagens, varandas, salas, lojas, tendas ou espaços

alugados. A médio ou longo prazo há uma tendência desses espaços se tornarem igrejas maiores concorrendo de igual para igual com as igrejas originárias.

Percebe-se no espaço geográfico das cidades, sobretudo, nas periferias urbanas, um grande aumento no número de espaços religiosos; os mesmos não necessariamente são grandiosos e legalizados, mas sim, pequenos, improvisados e clandestinos, o que facilita a expansão dos evangélicos. (Paula, 2022, p.59).

Diferente da fé católica e das igrejas protestantes tradicionais, onde há uma estrutura mais rígida e complexa para se gerar uma nova congregação, os pentecostais através do imprevisto saem na frente, adaptando qualquer espaço, destinando-o para local de culto.

“O pentecostalismo se expande principalmente na base da pirâmide social, ou seja, tem por adeptos, sobretudo pessoas pobres, negras e mulheres desassistidas pelo Estado e pela Igreja Católica” Silva (2017, p.49). Sobre as multiplicidades e diferentes abordagens das igrejas evangélicas, afirmamos em outro trabalho a capacidade dessas igrejas de atenderem a várias demandas, um dos fatores que favorece o crescimento:

Nas igrejas evangélicas, os indivíduos possuem a possibilidade de atenderem a demanda que bem entender, sabendo que as diversas denominações evangélicas, são, cada uma, um verdadeiro espaço especializado em resolver um problema diferente; (Paula, 2022, p.28).

“A pluralidade evangélica é, dialeticamente, causa e efeito da pluralidade cultural brasileira – e, genericamente, de um mundo onde ideias absolutas e fixas não tem mais espaço” Alencar (2015, p.130). Na atualidade, existem pessoas que se filiam a vários gostos, tendências, ideologias e teologias. Posto isso, também existem igrejas evangélicas para todo tipo de gosto:

Enquanto a Igreja Católica Apostólica Romana é centralizada e tem pouca flexibilidade doutrinária, as diversas igrejas evangélicas cobrem um leque muito grande de doutrinas e normas de comportamento pessoal, familiar e social. Desta forma, pode-se dizer que existe igreja evangélica para todo tipo de gosto e para todos os segmentos de uma sociedade cada vez mais plural. (Alves; Cavenaghi; Barros, 2014, p.1063).

Não adianta padronizar, existem pessoas de todos os tipos. As igrejas evangélicas entenderam muito bem a lógica societária atual, por isso, separadas ou em unanimidade, em concorrência ou em cooperação, elas conseguem apresentar inúmeras opções e estilos de filiações religiosas, em outras palavras, a variabilidade do cardápio é maior. Em razão disso, encontra-se igrejas evangélicas que atendam a qualquer nicho social, tem igrejas para tudo e para todos:

Ao analisarmos o declínio do catolicismo e a crescente população de fiéis evangélicos, vemos que apesar do comportamento fundamentalista de ambas as religiões, o dogmatismo católico e sua tradição normatizadora têm perdido espaços para o pluralismo doutrinário e teológico das igrejas evangélicas. (Guerra, 2014, p.119).

São múltiplos, plurais e divergentes. Por razões óbvias, herdeiros e produtores do processo de racionalização ocidental, desde a Reforma, (...), são marcados pela pluralidade, cissiparidade. Divergências. Nunca nenhum líder ou doutrina encontrou ou vai encontrar unanimidade no meio protestante evangélico pentecostal... (Alencar, 2015, p.145).

Trazendo novamente o exemplo do cardápio, dificilmente um restaurante de um cardápio único faria sucesso. Por outro lado, um restaurante ou lanchonete com dezenas de pratos diferentes,

teria uma chance maior de angariar novos clientes e de atender aos incontáveis gostos. Nessa lógica a fé evangélica consegue uma maior eficiência, tendo um poder de influência considerável.

Como uma religião não - tradicional que se difundiu pela conversão, os interesses do pentecostalismo são geralmente bem diferentes dos de um fundamentalismo, o qual floresce mais num mundo tranquilamente religioso do que num mundo defensivamente religioso ou então secularizado. (Freston, 2010, p.17).

O pentecostalismo encontrou no solo brasileiro o ambiente perfeito para proliferar. Não obstante, é inegável que em algumas regiões, as diversas vertentes evangélicas têm dificuldades de expandir. Nas porções rurais, as investidas dos evangélicos têm experimentado avanços tímidos, se comparado a localidades periféricas das grandes cidades.

“Não existe um protestantismo, mas vários protestantismos; bem como não existe pentecostalismo, mas pentecostalismos” Alencar (2015, p.145). “A própria pentecostalização endógena do evangelicalismo nacional é um exemplo de reinvenção e reordenamento religioso” Paula (2022, p.24).

Entretanto, para além de ser algo negativo, a pluralidade cria espectros evangélicos, dando-lhes a vantagem de conseguirem atender variados públicos:

Além do crescimento vegetativo da população, existe o processo de migração religiosa provocado pela disputa nos campos das crenças e pelo processo de conversão. Uma vantagem dos evangélicos é que, por meio dos diversos grupos, eles cobrem um espectro mais amplo da demanda do mercado religioso. Os evangélicos de missão – ou protestantes tradicionais - possuem maior percentagem de pessoas com alta renda e alta escolaridade. Já os evangélicos pentecostais cobrem um leque mais amplo e disputam tanto as camadas populares quanto a chamada nova classe média brasileira. Existem evangélicos para todos os gostos e eles são capazes de customizar (adaptar para atender a demanda de grupos específicos de indivíduos) a mensagem de fé para diferentes segmentos da população. (Alves; Barros; Cavenaghi, 2012, p.171-172).

As igrejas protestantes brasileiras são extremamente plurais, tanto interna como externamente, e ao longo das últimas décadas, diferentes projetos missionários estão em aberta competição, frequentemente em aberto conflito caracterizado por uma virulenta intolerância religiosa. (Oliveira, 2013, p.150).

O Camaleonismo evangélico, capacidade de se adaptar às exigências do ambiente é um dos principais fatores que garante sucesso aos evangélicos. Assim como os camaleões conseguem reproduzir as cores do ambiente como forma de se camuflar, os evangélicos utilizam tal habilidade no sentido de oferecer inúmeros produtos ou nichos religiosos visando atender diferentes gostos, classes, crenças, gêneros e etc. É como se cada cor reproduzida pelos camaleões, representasse cada denominação adaptada a atender/ responder uma demanda específica de um ou mais grupos.

A ascensão de lideranças femininas no seio evangélico, é um exemplo claro de readaptação, buscando atender as demandas, e a responder às críticas do mundo moderno atual, em relação aos avanços sociais dos direitos das mulheres. Será que o pastorado feminino é influência das lutas femininas de gênero no cristianismo evangélico? A resposta sendo sim ou não, será que novas correntes de pensamentos e novas interpretações, garantem vantagem aos evangélicos? O surgimento de lideranças femininas é uma forma de adaptar um pentecostalismo que quase sempre foi governado por homens. E além disso, é uma forma de tornar o pentecostalismo uma corrente religiosa mais receptiva e inclusiva a alguns grupos sociais, como as lutas por equidade ou as lutas do gênero feminino como um todo.

A diante, veremos como o conceito geográfico de território é reproduzido pelos evangélicos e como o território se manifesta por meio do sexismo sofrido por mulheres pastoras. Faremos algumas análises sobre impressões e elementos, criados pelos evangélicos e impressos na paisagem

de Nova Iguaçu. Questionamos se essas marcas não poderão ser algum tipo de territorialização ou algum grau de expressão de poder.

## **CAPÍTULO II - TERRITÓRIO: AS ALTERAÇÕES ESPACIAIS IMPRIMIDAS PELOS EVANGÉLICOS NA PAISAGEM URBANA**

### **2.1 - O conceito geral de Território na perspectiva da geografia**

Onde há humanos conscientes, inevitavelmente haverá elementos territoriais internos: exercício de poder sobre o próprio corpo, ou externos: projeção de poder sobre outros corpos. Onde há humanos, há territórios.

É difícil falar sobre os evangélicos, sem abordar nem que seja superficialmente, o conceito geográfico de território. Afinal, os protestantes se originaram em 1517 (Reforma Protestante), a partir de um desentendimento teologicamente territorial. O poder e a autoridade papal e eclesiástica passou a ser questionada por uma minoria, insatisfeita com os rumos que a igreja havia tomado. O território e o domínio da Igreja Católica estavam ameaçados por uma dissidência iniciada por Martinho Lutero, e propagada por outros reformadores. Pela terceira vez, depois do Islã (século VII) e do Cisma de 1094, a Igreja matriz se encontrava diante de um emergente poder paralelo, que ameaçava a sua soberana hegemonia. A oposição dicotômica entre católicos e protestantes é um exemplo de divergência essencialmente territorial, o que desencadeou até mesmo a alfabetização das classes populares por motivos religiosos, Silva (2019), ou seja, a rivalidade se deu até mesmo em meios educacionais:

Como exemplo, temos a Reforma Protestante, que desencadeou um movimento de alfabetização das classes populares por motivos religiosos, abrindo assim caminho para uma maior difusão da bíblia entre os crentes. (Ramos, 2010, p.16).

A educação é uma das formas mais eficientes pela qual se pode dominar, o que a coloca como um reforço ou como base principal de quem está no comando. A depender do grau de liberdade que tal sociedade esteja desfrutando, a escola poderá em maior ou menor proporção servir a quem está no poder. Mediante as afirmativas anteriores, podemos afirmar que a educação, em vários momentos da história, foi fundamental para a expansão de diversas teias religiosas. O que a configura como um fator indispensavelmente territorial. Veja o que alguns autores falam sobre território:

“O território, objeto deste ensaio, é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder.” Souza (2000, p.78). O mesmo autor prossegue: “o território é essencialmente um instrumento de exercício do poder.” Souza (2000, p.79). Também Rogério Haesbaert alude: “Se tomarmos a abordagem que eu denominaria de “funcional-estratégica” de território, temos este como um espaço sobre o qual se exerce um domínio político e, como tal, um controle do acesso.” Haesbaert (2000, p.168). Por isso, o território está inevitavelmente associado a alguma relação de poder. Ainda segundo Haesbaert:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o

privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. (Haesbaert, 2007, p.20).

A Igreja católica não mais possuía onipotência eclesiástica, a partir do momento que outros grupos religiosos semelhantes, passaram a concorrer no angariamento de fiéis. Seu território estava sendo minado por forças externas que questionavam a sua autoridade. Por isso, a Igreja Católica levantou o movimento da Contrarreforma, que foi uma tentativa de fazer frente aos protestantes, reconquistando os territórios perdidos.

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades e etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada. (Santos, 2006, p.39).

“Sublinhemos que nenhuma sociedade escapa da dimensão territorial. O território é, sempre, também abrigo e proteção. No caso da espécie humana, o território é abrigo e proteção em duplo sentido: simbólico e material.” (Haesbaert; Porto-Gonçalves, 2006, p.13).

Seguindo a lógica dos autores citados anteriormente, o abrigo e a proteção dos católicos estavam em perigo, em razão de ex-católicos que estavam confrontando a Igreja. A instituição viu-se numa situação perigosa que colocava à prova todo o seu conjunto cultural, simbólico e material, bem como sua identidade que está intimamente ligada ao conceito de território:

O território religioso, entendido como reflexo de espaço vivido no cotidiano da fé, contribui para fortalecer as relações e os fluxos que se instauram pouco a pouco no espaço e que dão origem a uma identidade religiosa e a um sentimento de pertencimento ao grupo religioso envolvido. As construções identitárias são reformuladas ou reconstruídas sobre os territórios. Vê-se, portanto, que território e identidade estão indiscutivelmente ligados. Lembremos que o território favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto. A religião só se mantém se sua territorialidade for preservada. (Rosendahl, 2018, p.187-188).

“O território é definido como um espaço coletivo composto por todo o lugar necessário e indispensável onde homens e mulheres, jovens e adultos, criam e recriam suas vidas.” Escobar (2016). É um espaço de desenvolvimento e de proteção diante de ameaças externas. O dia em que o território for atacado por alguém ou por alguma coisa que conseguir minar sua barreira ou delimitação, o sujeito que exerce tal poder estará inevitavelmente vulnerável, não fora, mas dentro do seu, outrora, próprio espaço. Ou seja: “ao se apropriar de um espaço, concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço” Raffestin (1993, p.143).

“O território em si é uma representação do poder.” Rocha (2013, p.143). Quase sempre, essa representação territorial é marcada por um símbolo material, os templos, talvez sejam a melhor representação do poder religioso. A construção do território imprime características ou marcas no espaço:

Portanto, a identidade de um grupo está, também, na maneira como ele constrói seu território, como o representa e o rege, imprimindo nele suas características. Desta forma torna-se possível pensar, ainda, o território como representação de poder de uma determinada sociedade. (Rocha, 2013, p.144).

Nos tempos atuais o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. (Rosendahl, 2005, p.12.933).

Por que, os templos religiosos cristãos, sejam católicos ou evangélicos, costumam estar bem no centro das cidades? A resposta é que a localização implica em externalização explícita de poder. Estar no centro da cidade, é estar no centro do poder, das decisões, das atenções; é imprimir sua marca no espaço urbano, para que todos saibam e vejam quem está no comando religioso. Veja a seguir um dos principais monumentos católicos de Nova Iguaçu:

Figura 2 - Catedral de Santo Antônio em Nova Iguaçu.



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Durante muito tempo a Igreja Católica, era quase exclusiva nas ocupações dos centros das cidades. E de fato, até hoje, grandes templos ainda exibem sua exuberância. Entretanto, com a ascensão de denominações evangélicas em todo o Brasil, essas igrejas passaram a concorrer o mesmo espaço de poder com a Igreja Católica. Por isso, é comum ver igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), estar em lugares bem visíveis, na centralidade da cidade.

Zeny Rosendahl, prossegue falando sobre a territorialidade religiosa:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútua. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem

seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. (Rosendahl, 2005, p.12.934).

A cultura católica é um exemplo da manifestação do poder dessa religião. A festa junina, embora tenha sido apropriada por diversos atores seculares e também pelos próprios evangélicos, ainda continua sendo uma expressão popular que visibiliza a força, a tradição e a vivacidade do catolicismo, mesmo em tempos de crise religiosa. A ressignificação da festa junina pelas igrejas evangélicas é uma forma de concorrência religiosa, é uma estratégia para chamar a atenção dos que estão acostumados com a cultura popular católica. Ve-se aqui, a disputa velada entre dois grupos, o que implica em uma concorrência de poder:

Neste sentido, é possível então afirmar que as questões e os conflitos de interesses surgem das relações sociais e se territorializam, ou seja, materializam-se em disputas entre esses grupos e classes sociais para organizar o território da maneira mais adequada aos objetivos de cada um, ou seja, de modo mais adequado aos seus interesses. Essas disputas no interior da sociedade criam tensões e formas de organização do espaço que definem um campo importante da análise geográfica. (Castro, 2005, p.41).

O catolicismo é muito expressivo no Brasil, e isso é reflexo de sermos um dos países mais católicos do mundo. A influência católica se estende em todos os âmbitos nacionais, somos um país originado por e para católicos. É possível que mesmo os evangélicos ultrapassando os católicos em número de adeptos, ainda haja uma relativa hegemonia católica, afinal, foram séculos de majoritarismo dessa religião.

Neste subcapítulo, foi tratado sobre o conceito geral de território e como o mesmo se manifesta nas duas principais correntes religiosas do país. Mais a frente será abordada as formas em que o poder se manifesta nas igrejas evangélicas.

## **2.2 - Como o poder é manifesto em algumas igrejas?**

Poder é uma palavra que permeia todas as esferas da vida humana. É impossível alguém viver em uma lógica isenta de poder. Em algum momento, qualquer pessoa exercerá ou sobre ela será exercido, algum grau de poder. No meio evangélico, sobretudo, no pentecostal, é muito clara a delimitação hierárquica do pastor para com um membro comum ou frequentante. O líder possui um poder revestido de influência que norteia, sugere ou em alguns casos dita, quais deverão ser os comportamentos e ações dos frequentantes e membros da comunidade; pelo menos, por muito tempo foi assim. Veja a seguir, que alguns que ousam desrespeitar as regras das instituições são penalizados com alguns cancelamentos ou impedidos de participar de alguns eventos cerimoniais e ritualísticos, o que mostra o poder da liderança.

No caso das igrejas evangélicas, o poder se manifesta, principalmente, por meio das regras e leis espirituais que são impostas aos seguidores, os que ousam desrespeitar as regras são punidos de alguma forma pelas lideranças que compõem a administração ministerial da igreja. (Paula, 2022, p.51).

O poder na congregação é conferido quase que exclusivamente ao pastor, ninguém ousa questioná-lo na tomada de decisões. Embora haja algumas exceções, em algumas igrejas a soberania pastoral é relativa, ou seja, o pastor sozinho não decide todas as escolhas, nesse caso ele é auxiliado pelo ministério, um grupo de homens influentes na igreja. Note que, salvo algumas exceções, o meio evangélico é recheado de exercício de poder, o que faz do pentecostalismo uma corrente cristã essencialmente territorial.

“Na busca de poder, na tentativa de controlarem espaços e pessoas, as igrejas pentecostais se organizam espalhando templos pelo território, criando seus próprios territórios” Oliveira (2012, p.151). O mesmo autor fala sobre a estratégia territorial das igrejas evangélicas por meio do espalhamento de templos em vários bairros da cidade, bem como o controle dos fiéis, como forma de aumento do poder:

Conquistando cada vez mais adeptos, de forma forçada ou não, elas aumentam o seu poder e conseguem estabelecer domínio em vários espaços, criando verdadeiros territórios em diversas áreas e esferas da sociedade. (Paula, 2022, p.37).

Os pentecostais montam vários locais de culto pelas cidades, fazendo com que as pessoas do entorno tenham várias opções. Elas ainda conseguem ter uma identidade peculiar que varia de congregação para congregação. São tão territoriais que concorrem até mesmo entre si e não somente com os católicos ou outras religiões. Já outros grupos pentecostais são extremamente unidos, criando laços e redes de apoio visando contribuições mútuas, visando um único objetivo: conquistar ou alcançar mais pessoas para a igreja.

No estudo geográfico da religião, o território deve ser entendido nessas duas dimensões (política e/ou afetiva), pois as igrejas possuem estratégias políticas para controle do espaço, como por exemplo, a criação de templos em diferentes bairros de uma cidade. Há também a busca pelo controle dos fiéis (sic), que com seus testemunhos de fé levam pessoas a conhecer as igrejas, convertendo-as, aumentando, assim, o seu poder. (Oliveira, 2012, p.151-152).

A ideia da onipresença entre os bairros da cidade é justamente almejando alcançar um maior número de pessoas. É uma estratégia politicamente eficiente, sendo assim, em cada bairro, nota-se várias igrejas da mesma denominação.

Essas igrejas “defendem seus princípios e exercem poder e relativo domínio sobre as pessoas que pertencem à comunidade” Paula (2022, p.50). Há algumas décadas atrás era muito comum a influência da igreja nos usos e costumes das pessoas. Algumas igrejas proibiam as mulheres de usarem calças compridas, havia a proibição do corte de cabelo, brincos, roupas curtas, pintar as unhas, entre outras proibições. Aos homens era vedado o uso de bermudas, jogar futebol, apostas e outras normas. No presente momento, a grande maioria das igrejas liberaram a maior parte das proibições tidas como “doutrina”. Todo o conjunto de normas doutrinárias citado anteriormente esclarece o quanto a igreja exercia um certo grau de poder sobre a vida das pessoas. Até hoje, a igreja consegue manter sua influência, mas sob novos moldes e talvez de uma forma mais sutil.

“O território se torna um mantimento para quem está no poder, por isso, os que transgridem os estatutos impostos, são duramente reprimidos ou sancionados, porque ameaçam quem está se mantendo no domínio” Paula (2022, p.51). As sanções são uma forma de manter os fiéis na linha da obediência. Era muito comum a alguns anos atrás, os que cometiam algum pecado grande e visível, serem punidos de forma a serem privados de algumas atividades da igreja, como cantar no coral, participar da santa ceia, ganhar oportunidade e outras sanções. A capacidade de punir os transgressores faz das igrejas evangélicas pentecostais instituições poderosas:

Por isso, as igrejas evangélicas são puramente territoriais, porque no dia em que seu território se enfraquecer, elas inevitavelmente sucumbirão. A criação de uma identidade é primordial para que os indivíduos saibam as fronteiras do território. A partir do momento em que alguém foge do conjunto de regras, ou seja, da identidade, acaba colocando em risco de existência toda a delimitação territorial em que o mesmo está inserido. (Paula, 2022, p.53).

Essa lógica da punição não tem dado certo, atualmente; com o surgimento de várias igrejas da mesma denominação como a Assembleia de Deus, a concorrência religiosa tem sido bem acirrada entre os evangélicos. Por isso, aqueles que são rejeitados em uma igreja (A), logo são recebidos por aclamação, em uma igreja (B).

Veremos a frente o poder modificador das igrejas no espaço geográfico.

### **2.3 - A alteração da paisagem como impressão do território religioso em Nova Iguaçu/RJ**

“Seus templos religiosos são visíveis e se destacam na paisagem das cidades e também nas paisagens rurais. É visível também a construção de diversos monumentos simbólicos em diferentes localidades” Paula” (2022, p.50). Os templos da Igreja Universal são um exemplo de destaque na paisagem urbana. São peculiares por geralmente serem construções luxuosas e grandiosas, além de bem localizados no centro das cidades. A monumentalidade chama a atenção do público, reforçando a ideia da teologia da prosperidade<sup>5</sup>. Mas, para além da arquitetura gostaríamos de salientar o discurso como a principal estratégia, cartazes com a seguinte inscrição: “pare de sofrer” e semelhantes, são muito atrativos se tratando das crises e problemas financeiros estarem atingindo boa parte da população.

Na Assembleia de Deus, denominação que objetivamos, nesta pesquisa, dar um maior enfoque, encontra-se uma quantidade maior de templos, que estão espalhados por vários bairros das cidades, porém seus locais de culto costumam ser menores, não excluindo a possibilidade de construções maiores.

Outros elementos modificadores da paisagem, também são notórios:

Uma das formas de reafirmação ou de marcação de território é a construção ou criação de monumentos ou mensagens, que ficam visíveis a todos os transeuntes, como uma forma de exaltar o divino, atrair e até mesmo confortar as massas populacionais, é uma forma de dizer que eles estão ali. (Paula, 2022, p.60).

Em alguns lugares é possível notar cruzeiros nos altos de colinas, que geralmente fazem referência a um local de oração. Alguns evangélicos costumam subir montes com o objetivo de se afastarem do mundo externo, visando ter um sentimento mais próximo com o divino. A seguir, veja algumas marcas deixadas por grupos evangélicos na Figura 02.

---

<sup>5</sup> Gostaríamos de definir a teologia da prosperidade como um discurso voltado a uma cultura teológica centrada na aquisição de riquezas. É muito presente em igrejas neopentecostais e os fiéis são incentivados a abrirem suas próprias empresas e a lucrarem, buscando serem prósperos em tudo. A prosperidade é tida como uma espécie de confirmação ou sinal de que Deus está com você, e o inverso costuma simbolizar que há algum tipo de maldição sobre a sua vida.

Figura 3 - A impressão física de elementos evangélicos no espaço.



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Elementos ou eventos como placas, cultos ao ar livre, carros de som e demais, além de modificarem a paisagem, costumam transparecer algum grau de poder. Veja na Figura 03.

Figura 4 - Expressões evangélicas na paisagem de Nova Iguaçu



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Mensagens como essas, mostradas na imagem anterior, estão em toda parte. É possível notar em uma das imagens a frase: “Não faça imagem” em paralelo com o texto de João 14:6 que define Jesus como o único caminho, verdade e vida. Se trata de uma mensagem a todas as religiões que fazem uso de imagens de escultura em sua liturgia. Essa foi, inclusive, uma crítica feita pelos protestantes aos católicos, na época da Reforma Protestante.

São expressões populares e religiosas que nem sempre são grifadas por pessoas que de fato seguem a religião; por exemplo, a relatos de traficantes que fazem pichações de mensagens parecidas, mesmo não pertencendo a nenhuma denominação evangélica da comunidade. (Paula, 2022, p.61).

Um outro sentido paisagístico tem sido explorado pelos evangélicos: a “paisagem sonora”. As igrejas também costumam marcar sua presença no espaço, por meio do som, principalmente as igrejas pentecostais, que costumam utilizar os microfones em um volume alto. Algumas instituições acabam contribuindo exageradamente para a poluição sonora, ação que tem afetado muitos moradores e comerciantes nas regiões urbanas, sobretudo, residenciais.

O som é uma das formas mais eficientes de espalhar a fé evangélica. A música evangélica é um sucesso não somente brasileiro, mas internacional. “Em termos de capilaridade na cultura nacional, a música gospel é hoje um campo de expressiva força de difusão midiática evangélica.” Machado (2018, p.74). Veja no Quadro 02, algumas das músicas evangélicas mais ouvidas no You Tube<sup>6</sup>:

Tabela 4 - Os maiores sucessos da música evangélica.

| <b>Músicas evangélicas</b>  | <b>Cantor (a)</b>                       |                            |                            |
|-----------------------------|-----------------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| <b>Ninguém explica Deus</b> | <b>Preto no Branco (Gabriela Rocha)</b> | <b>828.379.342 milhões</b> | <b>868.360.116 milhões</b> |
| <b>Aquieta Minh'Alma</b>    | <b>Ministério Zoe</b>                   | <b>725.733.129 milhões</b> | <b>761.210.487 milhões</b> |
| <b>Lugar Secreto</b>        | <b>Gabriela Rocha</b>                   | <b>642.688.782 milhões</b> | <b>657.682.238 milhões</b> |
|                             |                                         | <b>09 de Jan. 2024</b>     | <b>09 de Jan. 2025</b>     |

Fonte: You Tube Acesso em: 09 de jan. 2024

Percebe-se, a partir do quadro anterior, referente a algumas das principais músicas evangélicas, que o número de visualizações aumentou na casa dos milhões, em apenas 1 ano. Se os números continuarem crescendo, a música: “Ninguém explica Deus” poderá atingir um bilhão de visualizações, tornando-se a primeira música gospel a atingir tal cifra, em uma casa numérica quase 5 vezes a da população brasileira. Tal fato atesta confirmando a popularidade da música evangélica na comunidade lusófona. Até algumas décadas atrás, era impensável a música evangélica alcançar tal popularidade, principalmente se tratando de ser um país tradicionalmente católico e os evangélicos eram numericamente menores. A expansão da música gospel para além dos limites das igrejas e das casas dos fiéis é um sinal do crescimento da influência territorial dos evangélicos. Onde a influência se torna uma possível ponte para a conversão de pessoas de outras religiões. As pessoas se pegam cantando e ouvindo músicas evangélicas, muitas vezes sem saberem que sutilmente estão se apropriando e internalizando uma cultura de outra vertente religiosa.

A música talvez seja um dos fatores mais importantes da liturgia evangélica, um dos elementos primordiais no seu poder de evangelização:

Católicos, evangélicos e demais informantes consensuam que a música e o louvor são os elementos que mais lhe agradam e, paradoxalmente, constituem também os aspectos mais rejeitados, num primeiro grau de importância. Simplificando: onde tem música e louvor o ritual ganha em força atrativa, e a ausência desses componentes podem provocar a antipatia ou o desagrado dos fiéis por determinado culto, missa ou grupo religioso. (Fernandes, 2006, p. 29).

<sup>6</sup> Acesso do You Tube em: 09 de jan. 2024.

Um culto evangélico que não tenha música é tido como chato e massante, portanto a mesma funciona como um fator que agrada os fiéis no decorrer das reuniões. Não obstante, algumas igrejas investem pesado em ministérios de louvor, em corais, bandas e oportunidades a pessoas que possuem talento musical.

Entre os indivíduos que não transitaram entre as denominações, ou seja, que sempre fizeram parte da religião atual, a música, o louvor e os cânticos foram citados como os aspectos que mais agradam para 22,1% dos católicos, 12,7% dos evangélicos históricos, 33,4% dos indivíduos de outras religiões e 55,9% dos evangélicos pentecostais. Fica claro, aqui, que as denominações de cunho pentecostal, mais do que as históricas e a católica, privilegiam a experiência sensorial, emotiva da religião e menos a reflexão, o estudo e o conhecimento teórico das ideias que lhe informam ideologicamente. (Gruman, 2006, p.70-71).

A música é um dos elementos mais eficientes no propósito de propagar ou espalhar a fé, crenças, pensamentos e lendas. Em muitos casos a música pode ser um elemento efetivamente territorial. Propositamente ou não, a música se torna uma impulsionadora da cultura evangélica, em direção as massas religiosas e seculares:

“Já no mundo católico, músicas cristãs de origem evangélica passaram a fazer parte do repertório de grupos e cantores católicos, como os padres cantores, os encontrões da RCC e outros movimentos renovacionistas.” Coelho (2009, p.15). Fatos como esse passam a ideia de que a cultura evangélica está em uma posição de conseguir influenciar alguns grupos católicos. No caminho inverso, alguns evangélicos se mostram amistosos a músicas católicas.

## **2.4 - Influência sobre as populações pobres e periféricas: algumas igrejas funcionam como Comunidades Terapêuticas**

Atualmente, é difícil negar o papel benéfico das igrejas evangélicas para a sociedade. No quesito de ações sociais, muitas igrejas funcionam como uma rede de apoio aos desamparados pelo Estado: Ribeiro; Mesquita (2019). “As igrejas doam cestas básicas, mediam conflitos conjugais, cuidam dos doentes, acolhem os marginalizados, visitam os aprisionados e promovem a aculturação de uma massa de pessoas invisibilizadas.” Leitão (2021). Alguns líderes religiosos também costumam fazer o papel de psicólogos, aconselhando e atendendo muitas pessoas em seus gabinetes, mesmo não tendo formação adequada para tal. Muitas pessoas, principalmente as mulheres, se sentem acolhidas e enxergam na igreja uma das soluções para os seus problemas familiares.

Diferentes igrejas, nos últimos anos, fortaleceram amplamente sua rede de assistência social, agregando sob sua responsabilidade um conjunto de ações que vão desde as Comunidades Terapêuticas e as intervenções no mundo do crime, aqui um pouco mais detalhadas, mas também projetos de profissionalização, formação artística e musical, eventos de formação e espaços de atendimento para mulheres cristãs, cursos de empreendedorismo, dentre outros e vários projetos sociais. (Machado, 2018, p.70).

A influência sobre as camadas mais pobres e periféricas das cidades pode ser uma das primeiras causas desse expansionismo evangélico e sua influência majoritária entre mulheres, em sua maioria de baixa renda: “se analisarmos os espaços urbanos, as áreas mais desprivilegiadas economicamente, as de menor capacidade técnica e científica, são aquelas em que a incidência

evangélica é mais expressiva” Rocha (2019, p.2669). A seguinte autora também afirma: “como expomos até aqui, os evangélicos, e mais especificamente os pentecostais, se expandem com mais vigor em regiões marcadas pela pobreza e ineficiência da ação do poder público” Silva (2010, p.17). No entanto, é um equívoco conferir aos evangélicos a mesma condição socioeconômica, como se todos fossem um único grupo religioso unificado, porque são diversos e cada denominação possui seu conjunto de regras e crenças, embora sejam unificados por dois denominadores comuns, a pessoa de Jesus Cristo e a Bíblia. A exemplo disso, as igrejas históricas ou igrejas de missão, que foram as primeiras a chegarem em solo brasileiro, costumam ser as que possuem maior influência em pessoas letradas com ensino superior e classe média ou até classe alta. O que contraria o senso comum e generalista de que todos os evangélicos são de classe baixa:

Entretanto, nos últimos anos este quadro tem apresentado certo grau de mudança, com o protestantismo pentecostal se expandindo para a classe média e letrada. Ainda assim, apesar de tais mudanças, o quadro de adesão é maior junto a população econômica e socialmente mais vulnerável, residente nas periferias urbanas e pouco assistida pelo poder público. (Silva, 2017, p.15-16).

Para além dos desfavorecidos, eles possuem também no cerne da sua expansão o alcance de classes mais abastadas, o que lhes garante mais poder, influenciando pessoas que estão nas mídias e na política, embora as influências nessa direção sejam mais tímidas.

Não obstante, muitos pesquisadores apontam que o crescimento evangélico possui mais fôlego entre as populações desfavorecidas pelos poderes governamentais. Nessa linha de pensamento, os evangélicos funcionam como substitutos da figura do Estado: Duarte (2017, p.13), o que lhes confere uma posição de poder e influência nessas populações. A mãe cujo filho está preso no mundo das drogas, a esposa cujo marido alcoólatra precisa de um centro de reabilitação para dependentes químicos, a filha adolescente que é rebelde e julga-se incompreendida pelos pais, o marido cuja esposa é descrente e não frequenta nenhuma igreja, a filha que no auge de sua depressão tentou suicidar-se, o esposo que ficou desempregado junto com a esposa. Esses e outros conflitos acarretam problemas psicológicos maiores que ao invés de serem resolvidos por um profissional da área da psicologia, acaba sendo direcionado ao gabinete pastoral da igreja local. Em muitas situações o líder da igreja faz o papel de psicólogo na mediação dos problemas. Em grande parte, as pessoas que recorrem ao pastor, são populações carentes em busca de uma solução para os seus problemas.

A falha do poder governamental está em não garantir a essas populações vulneráveis um apoio psicológico satisfatório e necessário a solução de suas intempéries sociais. Essa falha cria uma lacuna que é preenchida pelas igrejas evangélicas. Nesse momento, as igrejas criam no espaço o conceito geográfico de Lugar, através do apoio, da segurança, da alimentação material e religiosa, da atenção e do carinho, gerando no seio psicológico do indivíduo, um sentimento de afetividade, podendo estender-se para um entendimento identitário e afetivo, dando sentimentos específicos sobre, ou no espaço do templo. Situações de carências, se tornam um campo fértil para a expansão de igrejas pentecostais. Ao se instalarem em alguma localidade, as igrejas territorializam o ambiente por meio da influência posta sobre os fiéis, o que ocasiona modelações na paisagem, no território e nos sujeitos:

Modelando tudo e todos, territorializando e sincretizando os espaços que o seu verniz ainda não foi capaz de influenciar por completo, até mesmo o céu, para essas igrejas, está longe de ser o limite, principalmente para aqueles que podemos enquadrar como fundamentalistas. (Paula, 2022, p.41).

A citação anterior é referente ao meu trabalho monográfico defendido para a obtenção do título de professor de geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, em 2022. O que julguei enquadrar como evangélicos fundamentalistas, os que de alguma forma, não só

estão dispostos a agredirem pessoas de outras religiões de diversas maneiras, como também os da própria comunidade de fé, por meio do controle ou exercício do poder, que se dá de múltiplas formas. Nesse contexto, entra em cena o conceito geográfico de Território, a partir do momento que tais fundamentalistas, fazem de tudo para que haja o absoluto controle do território. Presenciar ou ter por perto uma pessoa ou um local de culto de outra religião se torna um fator “ameaçador” ao território. Para os radicais, é como se o diabo estivesse acampado ao lado do terreno da igreja. Nessa lógica, tudo ou quase tudo que não é atribuído ao pertencimento evangélico é atribuído ou associado ao demônio. Seguindo esse pensamento, atacar um religioso pertencente a religiões de matriz africana é como se fosse contra atacar o demônio e suas investidas.

Esses mesmos fundamentalistas, que citamos em outro momento, em sua maioria homens, costumam ser os mesmos que atacam a teologia do pastorado feminino.

A adesão ao pentecostalismo é uma forma de refúgio, “um caminho para a superação das dificuldades, da opressão e das injustiças sociais, mesmo que não faça parte da prática pentecostal discursos ou atitudes contra o sistema político e econômico vigente” Silva (2017, p.48). As igrejas pentecostais terminam sendo uma das únicas respostas às perguntas dos oprimidos, como se fosse a luz no fim do túnel; elas se especializam na resolução de problemas populares, o que as garantem alta capilaridade.

Com o passar do tempo, os evangélicos foram ajustando as estratégias de expansão que deram certo, tornando-se especialistas no que fazem. Como forma de estender suas redes, teias ou tentáculos influenciando, uma das formas de fazer com que o outro venha aderir ao segmento evangélico é o marketing religioso, por meio do que os seguintes autores vão chamar de propaganda boca a boca:

A propaganda boca a boca é de grande eficiência para a customização e a fidelização da mensagem religiosa. Desta forma, as denominações pentecostais e neopentecostais, ao customizar seus produtos, conseguem maior fidelização dos seus fiéis, garantindo crescentes fatias de mercado. (Alves; Cavenaghi; Barros, 2014, p.1068).

A propaganda boca a boca, ou o que almejo aqui chamar de evangelismo unipessoal<sup>7</sup> e, às vezes, pluripessoal<sup>8</sup>, acontece no cotidiano, quando se vai ao supermercado e encontra um amigo de infância que não vê há muito tempo, e que não é evangélico; quando se está no ponto de ônibus e começa a conversar com algum desconhecido ou quando se está em uma fila de banco. Em algum momento a conversa vai ser direcionada à questão da fé. Os testemunhos e as experiências de apoio social que a igreja proporciona, em algum momento serão citadas, bem como alguns versículos bíblicos motivacionais. Algumas pessoas que ouvem esses testemunhos e pregações, terminam por aceitar o convite de visitar uma igreja evangélica. Ao frequentarem ou se fidelizarem a essa igreja, essas pessoas são chamadas de “novos convertidos”. Futuramente, em um curto, médio ou longo espaço de tempo, esses novos convertidos estariam fazendo o mesmo trabalho da pessoa que pregou para eles, e o ciclo vai se perpetuando indefinidas vezes. Obviamente, que nem sempre o processo de conversão vai ser uniformemente simples, muitos casos fogem à tendência e alguns casos de conversão o processo pode levar muitos anos ou talvez décadas.

## **2.5 - Crises econômicas e de sentido, gerados pelo sistema capitalista: igrejas como porto seguro em situações de desamparo**

---

<sup>7</sup> É quando uma única pessoa sai de casa ou da igreja para evangelizar, há a entrega de panfletos, conversas sobre religião com transeuntes, leitura de versículos bíblicos e convites para ir às igrejas.

<sup>8</sup> Seria um grupo de pessoas que saem com o mesmo propósito, o evangelístico.

É inegável o fato de que muitas pessoas procuram as igrejas em busca de solucionar e resolver problemas de caráter pessoal, familiar ou social. Por isso, muitos pesquisadores aludem que os momentos de crises fazem com que o crescimento evangélico floresça. As igrejas se tornam um reduto de proteção e consolo para as massas oprimidas e esquecidas pelo poder público. Massas em busca de amparo e alento são resultado de muitas negligências da ordem política vigente. Cuja falha está em garantir privilégios a uma minoria, em detrimento da espoliação da parcela majoritária da população.

As mulheres encontram nesses espaços, um lugar de relativa segurança diante de muitos problemas, e talvez essa seja a razão da alta porcentagem de mulheres nas fileiras evangélicas pentecostais.

O capitalismo é como uma forma de religião, onde o “deus” reverenciado é o dinheiro. É como um culto que perdura por toda a vida, onde a lógica da “adoração” ao “divino” é transferida ao dinheiro:

O culto no capitalismo é interminável e constante, seu adorador precisa dedicar a maior parte da sua vida para participar das suas práticas cultuais. O capitalismo é a celebração de um culto, porém um culto sem piedade e trégua. Para que se possa participar desta “celebração” é necessário que se entre na lógica do capital. O adorador do capital é dominado por sua lógica de consumo desenfreado e constante. O culto não pode parar, porque o culto ao capital e a ostentação do mesmo é o significado último do adorador. (Paradela, 2021, p.70).

O dinheiro é aquele que garante a lógica do consumo, é o alimento para que a grande engrenagem continue funcionando. Nessa ambição de ter que lutar por alguma coisa, no caso aqui, o dinheiro faz com que o Capitalismo tenha um verniz de religião. O mesmo autor prossegue afirmando que:

Neste culto não há perdão, mas, sim, a universalização da culpa. O que existe é um processo “monstruoso” que gera culpa e por consequência generaliza o desespero. Esse desespero surge porque o capitalismo é induzido a ampliar e aumentar continuamente o seu capital perante os seus concorrentes, enquanto o pobre é culpado pois não tem capital e se endivida. Esse processo destrói toda esperança e condena aqueles que não vivem para perpetuar e idolatrar o seu deus (dinheiro). Ele nos faz medir o ser humano não pelo que ele é, mas pelo que ele tem. (Paradela, 2021, p.70-71).

No caso do cristianismo a lógica é lutar contra a figura do Diabo, e fazer de tudo para se aproximar de Deus e da vida eterna; no caso do capitalismo a lógica é ganhar mais dinheiro e aumentá-lo, cada vez mais. No cristianismo o poder se manifesta em proteger as coisas de Deus, seja o templo e os princípios bíblicos; enquanto que, no capitalismo o poder manifesta-se na proteção da forma voraz de lucrar e da chamada “liberdade” econômica. Talvez o sistema capitalista tenha acompanhado a lógica de uma religião. A lógica de uma centralidade que precisa ser protegida a qualquer custo.

De certa forma, o segmento evangélico se apropria dessa lógica cültica do capitalismo, por meio da teologia da prosperidade, muito utilizada por igrejas neopentecostais. “A idolatria ao dinheiro presente no capitalismo gera desespero e morte. A teologia da prosperidade não está num caminho diferente” Paradela (2021, p.73). A partir do momento em que alguém depositou, no gazofilácio, tudo o que tem, provavelmente é um indício de desespero ou pedido de socorro, acreditando que receberão 100 vezes mais. Quando as expectativas não são atendidas muitos se frustram, só que agora, estão em um problema maior, perderam o pouco que ainda lhes restavam.

Uma outra semelhança entre o capitalismo e os evangélicos chama a atenção: a capacidade de se reinventar, ou seja, a habilidade criativa de mecanismos estratégicos para que continuem mantendo o seu poder. “O sistema capitalista, durante todo o seu processo histórico, sofreu várias

transformações, em razão das crises causadas por suas medidas para aumentar os lucros” Ribeiro; Souza (2010, p.37). Ou seja, as transformações fizeram com que o capitalismo chegasse ao nível que está hoje, rivalizando com tudo, com todos e consigo mesmo.

Os evangélicos conseguem se reinventar diante dos obstáculos visando a propagação das suas crenças. Nesse sentido, há uma semelhança com o sistema citado anteriormente, onde o ato de se reinventar é a chave para convencer determinados grupos. Caminhando nesse pensamento, a ideia dos malabarismos<sup>9</sup> é muito presente, onde cada denominação se especializa em algum pensamento, doutrina teológica ou cultura, visando atender variados nichos sociais. Oferecer respostas aos inúmeros problemas atuais é uma forma de conseguir adeptos.

Há um pressuposto que o Pentecostalismo cresce e viceja em ambientes regados por crises econômicas e de sentido para a vida das pessoas. Ora, o crescente processo é de internacionalização da economia; de globalização da cultura; de exclusão de uma enorme quantidade de pessoas e da impossibilidade do sistema acolher a todos em seu sistema econômico; não é impossível prognosticar que a opção pentecostal, neopentecostal e carismática continue a minar as instituições religiosas tradicionais que institucionalizaram as fórmulas de se resolver os problemas das massas. (Campos, 2008, p.45).

O tradicionalismo ou o paradigma de culto engessado e complexamente hierarquizado, será paulatinamente ultrapassado e substituído por um modelo versátil e altamente eficiente. Um desenho de culto projetado e arquitetado para o diálogo com as massas, será imprescindível na concorrência com as instituições fundantes. Os evangélicos pentecostais são simples e diretos na mensagem que querem passar, eles facilitam, tornando palatável um contato mais próximo com o divino, o que durante muito tempo foi negligenciado e complexificado pelas instituições arcaicas e hierarquicamente verticais. Os evangélicos sabem dar uma melhor resposta aos problemas pós-modernos:

É nesse contexto que a preferência religiosa do brasileiro transita. São os discursos religiosos e teológicos que respondem com mais rapidez e eficácia os anseios presentes do indivíduo que são contratados pelo cliente pós-moderno. (Guerra, 2014, p.118).

Para além dos problemas pós-modernos, uma boa parcela dos evangélicos debruçaram-se na modernização dos seus respectivos cultos, introduzindo novas tecnologias que complementam positivamente seus trabalhos. Equipamentos de sons sofisticados; transmissões ao vivo dos cultos, disponíveis em todas as plataformas e redes sociais; introdução de máquina de cartão, para o recebimento de dízimos e ofertas, entre outros mecanismos que facilitam o ato de cultuar. Essa modernização chega até mesmo em igrejas no fundo do quintal<sup>10</sup>. Essas tecnologias apresentam uma certa resistência por parte do público de igrejas muito tradicionais, e quando chega algum tipo de mudança, é bem tímido: Nascimento (2018).

O discurso dessas igrejas é bem atrativo:

---

<sup>9</sup> A ideia dos malabarismos foi inserida nesse contexto, visando aludir que da mesma forma que um malabarista consegue manipular vários objetos ao mesmo tempo, ou seja, consegue manter domínio sobre os mesmos, as igrejas evangélicas, também são capazes de atender vários públicos, atendendo parcialmente ou integralmente suas expectativas.

<sup>10</sup> “Igrejas no fundo do quintal” ou “igrejas fundo de quintal” se referem a igrejazinhas pequenas e improvisadas em lugares quase sempre adaptados e escondidos. Costumam receber um pequeno número de pessoas, por volta de 20 ou 30 e seus líderes quase sempre não possuem instrução teológica (curso de teologia) para o exercício pastoral. Geralmente, esses pastores ou pastoras se auto intitulam líderes e rapidamente através do seu carisma, conseguem angariar pessoas não evangélicas, e até mesmo pessoas de outras igrejas.

A certeza de que o filho largará o vício de drogas, de que há chance de cura para uma doença sem tratamento possível, ou de que há uma iminente oportunidade de emprego preenchem uma espécie de lacuna na vida dos indivíduos que procuram este tipo de produto religioso nas igrejas pesquisadas. (Silva, 2010, p.162).

O marketing religioso é tão atrativo quanto um imã, a partir do momento que a promessa inicial é solucionar algum problema no campo material ou espiritual. Quando se trata de uma deficiência material como falta de alimentos, roupas ou dinheiro, o Estado e outras instituições não religiosas, prestam assistência parcial, mas e quando o problema está entronizado em uma instância espiritual? Nesse caso, fica a poder e incumbência das igrejas, resolver algumas coisas que fogem de qualquer cogitação estatal ou institucional. E é nesse contexto que as igrejas entram em ação, oferecendo o apoio espiritual que nenhum sujeito poderia oferecer. A conversão, a libertação, a mudança de personalidade ou a cura milagrosa de uma doença incurável, seriam alguns exemplos de ofertas/ produtos oferecidos pelas igrejas. Nesse quesito essas instituições religiosas alcançam populações que em alguns casos são invisíveis ao governo.

Trata-se de igrejas atrativas, que buscam resolver os problemas estruturalmente gerados pelo sistema hegemônico atual, atraindo as massas periféricas/ subalternas. Essas instituições estão próximas a afirmar o que as massas populacionais querem ouvir. (Paula, 2022, p.65).

Algumas igrejas conseguem arrastar multidões, em grande parte, são pessoas em busca da solução de algum problema. Há pessoas que independentemente da solução do problema ou não, terminam, por ficar na congregação por ter simpatizado com a religião. É nesse sentido que o marketing religioso tem sucesso, por mais que a maioria vá embora frustrada, pelos seus problemas não terem sido resolvidos, alguns ficam e até se fidelizam ao espaço e a religião.

Os evangélicos são adaptados a atualidade, o solo urbano é perfeitamente propício ao crescimento dessas igrejas, justamente por ser um espaço gerador de problemas, que serão parcialmente supridos e solucionados por algumas igrejas:

Essas igrejas se adaptaram muito bem ao ambiente urbano e pós-moderno; crescem com facilidade porque o solo é fértil para a propagação da sua cultura, que é altamente adaptada a responder e solucionar problemas sociais atuais. (Paula, 2022, p.39).

O próprio crescimento dos evangélicos em solo urbano é estratégico, porque o governo e a direção do país estão concentrados no espaço urbano. Por isso, alargar suas raízes em terras urbanas, tornam as igrejas evangélicas, polos de poder e influência na política administrativa e governamental do país.

Fica claro, a partir deste subcapítulo, que diante das crises recorrentes do modelo capitalista, as igrejas evangélicas funcionam como um porto ou uma ilha de segurança para as mulheres, e os demais desamparados. Com suas mensagens de esperança e de solução de problemas, elas funcionam como um imã captando o ferro a sua volta. Os desamparados correm em sua direção. É nesse contexto de resposta às crises gerados pelo sistema capitalista, que muitas igrejas prosperam, e um número considerável de pessoas enquadradas em um contexto de classe, de renda e de gênero, se encontram em suas fileiras.

Concernente a diversos problemas gerados em solo urbano, os mesmos quase sempre beneficiarão boa parte das igrejas evangélicas, não é surpresa que muitas lideranças trabalham para que o sistema e as condições das massas continuem do jeito que está. Porque aquilo que é problema para as massas pobres e periféricas, como a pobreza, se torna automaticamente benefício para alguns segmentos evangélicos, que por meio do seu poder de capilaridade consegue oferecer resposta aos problemas das massas. Resposta que em grande parte não terá uma solução definitiva,

criando um círculo de dependência, onde a pessoa que precisou da igreja para ter o que comer ao receber uma cesta básica, voltará a depender da igreja para o mesmo anseio no futuro. Não é atoa que em muitos períodos eleitorais no Brasil, muitos pastores tendem a se posicionar a favor de pautas, leis, candidatos e políticas que ao invés de melhorar a qualidade de vida da população pobre, beneficia em grande parte as elites. Neste sentido, quanto mais vulneráveis é melhor para o domínio.

Mais a frente, veremos o papel fundamental que algumas igrejas evangélicas possuem, ao ajudarem algumas pessoas em situação de desamparo. Imagina-se, que as maiores beneficiadas pela assistência das igrejas sejam as mulheres, e essa pode ser uma das razões pela qual a maior parte dessa vertente cristã seja composta pelo gênero feminino: Silva (2010, p.17).

## **2.6 - A Ação social das igrejas evangélicas**

As igrejas, no geral, possuem um papel fundamental, no que concerne a uma relativa e paralela ajuda, à assistência prestada pelo Estado: Silva (2017, p.49). Essas instituições auxiliam o poder estatal no atendimento a pessoas postas em condições de vulnerabilidades.

No decorrer do ano é feita “a entrega de cestas básicas pelas igrejas, e em datas comemorativas, como o dia das crianças e o natal, ocorrem a entrega de brinquedos às crianças, doações de roupas e agasalhos, além da distribuição de lanches para todos” Silva (2017, p.55). Esses são apenas alguns dos inumeráveis trabalhos realizados. Acerca do mesmo assunto, o seguinte autor prossegue: “as igrejas doam cestas básicas, mediam conflitos conjugais, cuidam dos doentes, acolhe os marginalizados, visitam os aprisionados e promovem a aculturação de uma massa de pessoas invisibilizadas” Leitão (2021). Somado a isso, a quase onipresença de igrejas como a Assembleia de Deus, funcionando em todas ou quase todas as regiões desfavorecidas das cidades é um fator que garante sua maior visibilidade entre pessoas que ainda não são evangélicas, mas que serão alcançadas de alguma forma:

Estão nos becos, morros, nos altos montes, nas favelas, no centro, na periferia, no campo, na cidade, entre os pobres, entre os ricos, nos ecúmenos, nos anecúmenos; estão na política, na economia, na cultura, estão na linguagem, não é desconfortável dizer, que elas estão em toda parte. (Paula, 2022, p.41).

Elas estão em toda parte e entre todas as classes sociais, embora, mais presente nas camadas populacionais mais pobres, as igrejas evangélicas conseguem sanar, parcialmente e temporariamente as moléstias sociais de algumas pessoas que sofrem de carências socioeconômicas. (Paula, 2022, p.28).

Igrejas como as Assembleias de Deus são conhecidas por estarem presentes em muitas localidades carentes da assistência do poder público. As Assembleias de Deus, por serem de longe as mais numerosas das denominações evangélicas, são as que possuem uma presença maior entre as camadas mais pobres da população. Obviamente, a quantidade numérica mais significativa da população está nas classes mais pobres, o que significa dizer que as igrejas evangélicas, sobretudo, as de cunho pentecostal estão presentes no cotidiano espacial da maior parte da população brasileira.

A diminuição do número de católicos e o aumento do número de evangélicos, implica num crescimento do número de templos ou locais simples de culto; levando em consideração que a maioria desses edifícios religiosos estão localizados em regiões urbanas, isso implicaria em um crescente aumento da poluição sonora e também da poluição visual:

A poluição visual, por sua vez, está ligada à exploração do espaço urbano pela publicidade, Outdoors, placas, cartazes, telões, painéis eletrônicos, faixas, tabuletas e luzes ocupam todo o horizonte visual, causando cansaço e irritabilidade entre as pessoas que circulam diariamente na cidade. (Moreira, 2000, p.245).

As igrejas evangélicas contribuem significativamente para a poluição visual; o marketing religioso dessas igrejas são pesados, é facilmente visível em qualquer lugar das cidades as placas, cartazes e também panfletos, que os adeptos dessa religião espalham por toda parte, o que as colocam como uma das geradoras desse problema urbano, mas não as únicas. E principalmente as igrejas, costumam colocar cartazes luminosos à noite, como forma de atrair a atenção dos transeuntes para as suas programações. Embora esse seja um problema urbano, para os evangélicos é uma vantagem se tratando de ser um mecanismo utilizado para atrair pessoas para os seus templos.

Mas, não somente o que há de visual na paisagem é usado como forma de chamar a atenção, e também não apenas, simplesmente, o que há de sonoro, por meio da música gospel; a assistência social é um fator indispensável na estratégia de chamar a atenção das massas. Porque, o que há de visual ou sonora, não se compara com a necessidade de ter um emprego, de receber uma cesta básica para se alimentar ou de ter um lugar especializado no tratamento para dependentes químicos. A igreja, além da função religiosa, exerce uma função social:

A igreja muitas vezes exerce além da função religiosa uma função social que serve de amenizador dos problemas que afligem grande parte da sociedade, formando uma espécie de “rede de resolução de problemas” (Rocha, 2019, p.2674).

Mas, qual seria exatamente a motivação das igrejas evangélicas ao realizarem ações sociais?

Primeiramente é possível perceber que as motivações filantrópicas para realizar trabalhos voluntários no meio religioso, e especificamente no meio protestante, são arraigadas à própria experiência do voluntariado. Elas podem ser vistas no discurso dos evangélicos e em suas práticas. A primeira resposta ao questionamento do “por quê” realizar ação social é a motivação de ser semelhantes a Jesus, cumprir um chamado, exercer o amor ao próximo, etc. Porém também não podemos negar que juntamente com essa motivação há todo um desdobramento político envolvido nas ações sociais promovidas por estas igrejas. (Duarte, 2017, p.87).

Contudo, a grande maioria dos trabalhos acadêmicos mostram ser imprescindível o papel das igrejas como um suporte de auxílio às populações mais pobres, em paralelo com o Estado. Essas instituições ajudam o Estado nos trabalhos sociais:

Tradicionalmente, as associações religiosas desenvolveram, no Brasil, trabalhos sociais voluntários filantrópicos e sem fins lucrativos. Esses trabalhos sociais foram realizados ao longo dos anos em parceria com o Estado, que até o século XX não havia oficializado ainda a assistência como política pública. (Duarte, 2017, p.11).

Precisamos nos ater ao fato de que, na maior parte do tempo, as mulheres são as que mais estão envolvidas no setor de assistência social, dentro das igrejas lideradas por homens. Elas são por “vocação” “destinadas” a serem cuidadoras dos mais pobres. Não que os homens não possam fazer, mais que numericamente elas estão mais presentes no cuidado com os necessitados. Talvez esse seja um reflexo do modelo patriarcal, onde os homens estariam mais preocupados com o ensino da Bíblia, o que é mais tradicionalmente atribuído aos homens, o que também lhes garante mais poder e domínio, a partir do momento que no ensino, estão as regras. Dizer quais são as regras é um lugar de poder e nesse lugar as mulheres não são bem-vindas, restando-lhes ocupações e ofícios menos importantes e distantes do poder.

## **2.7 - Estão os evangélicos em concorrência contra outras vertentes religiosas? Estão em conflito contra si próprios?**

Yves Lacoste estava certo; “pois, a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra.” Lacoste (1988, p.22). Mas, no atual cenário religioso brasileiro o modelo da guerra é diferente da ideia das guerras passadas, por isso as correntes religiosas e periféricas, encontraram formas mais eficientes de expandir suas raízes. Se antes as guerras travavam-se nos campos de batalha onde você teria que invadir presencialmente o território inimigo, hoje essa empreitada é possível pela internet e demais meios de comunicação. Outrora, as baixas eram com vidas humanas e equipamentos militares, atualmente a subtração se traduz em perdas de adeptos e falência de algumas instituições. A guerra não é mais como antes, talvez até o termo “guerra” esteja ultrapassado. Por isso, o substituiremos pela expressão: “concorrência”.

Atualmente, usar a palavra “guerra” talvez seja um exagero, mas de fato houveram outros momentos históricos em que católicos e evangélicos, entraram em sangrentas batalhas. Outras guerras religiosas também são registradas pela história em diversos períodos da humanidade. As Cruzadas contra os muçulmanos, talvez sejam uma das mais comumente conhecidas. Por isso, guerras de âmbito religioso sempre existiram, e nos moldes atuais, alcançaram uma diversidade de formas e estratégias de abrangência que antes não era possível, por causa da limitação tecnológica. A ascensão paradigmática de um novo estilo de batalha, nos força a introduzir a nomenclatura “concorrência” para definir algumas igrejas pertencentes a alguns segmentos evangélicos. Essas igrejas conseguem utilizar todo e qualquer meios e ferramentas a seu favor, seja em cultos presenciais ou transmitidos digitalmente.

“A mobilidade relativa do movimento pentecostal pode ser vista como uma forma estratégica de concorrência entre denominações, isto é, como uma forma de disputar espaço e fiéis.” Machado (1997, p.45). O discurso dos evangélicos é mais convincente e eles estão mais adaptados a atender diversos públicos, por isso no campo doutrinário eles acabam tendo maior retorno no angariamento de novos fiéis, e parte significativa desses novos adeptos advém do catolicismo. O território dos evangélicos é parecido com um leque cujas partes representam várias opções de credos, gostos e pensamentos convergentes e até divergentes. Existem igrejas para todos os estilos de pessoas e esse fator é primordialmente importante para a captação de adeptos em diversos grupos sociais. Dentre um dos nichos atendidos pelos evangélicos estão as igrejas lideradas por mulheres, o pastorado feminino tem sido um fenômeno periférico dentro do contexto evangélico, tipicamente dominado de forma hegemônica pelos homens. O pastorado feminino poderá causar um tipo de concorrência ainda mais interna. Se antes a concorrência dos evangélicos pentecostais era somente com os católicos, e dentro do protestantismo passou a ser com os evangélicos de missão (históricos) e com os neopentecostais, agora passa a estar dentro do seio do pentecostalismo, e para além disso, numa ótica de gênero. Agora, são os pastores evangélicos pentecostais, contra as pastoras evangélicas pentecostais. Ambos concorrem por número de adeptos. Embora o número de pastoras, em relação a pastores ainda seja pequeno, é um movimento com tendência de crescimento, e que coloca em perigo o domínio hegemônico dos homens, no cenário pastoral.

Embora, não haja guerras, é inegável a presença de conflitos. Mesmo os desentendimentos se limitando ao campo teológico, ainda acontece de externar barreiras, se transformando em intolerância religiosa, agressões verbais ou até físicas: Cunha (2024).

O pastorado feminino é um exemplo claro da concorrência interna entre os evangélicos e ainda envolve questões de gênero dentro da religião. Tais desentendimentos criam dissidências onde as pastoras optam por criar suas próprias igrejas, mudando o polo de poder do gênero masculino

para o gênero feminino. E como citamos em outro lugar, a história do cristianismo sempre foi e provavelmente continuará sendo uma história de cisões.

A seguir, no capítulo 3, analisaremos de que forma ou como se manifesta as relações de poder em relação ao pastorado feminino. Também dissertaremos sobre os resultados obtidos por meio das entrevistas, que foram aplicadas a pastoras evangélicas pentecostais. Por último e não menos importante, começamos o capítulo 3, falando sobre a nossa metodologia de pesquisa.

## CAPÍTULO III - O TERRITÓRIO DO PASTORADO FEMININO

### 3.1 - A vocação como desígnio divino: mulheres lutando pelo entendimento de que também são vocacionadas por Deus

No entendimento dominante acerca da liderança no cristianismo, prevalece a ideia de que cabe ao homem o papel de líder, o que nos instiga o questionamento de quem poderia ocupar esse lugar de vocacionado por Deus. Nesse caso, onde estariam as mulheres nesse desígnio? Primeiramente, é preciso entender que há duas interpretações principais acerca do posicionamento bíblico em relação ao pastorado feminino:

**INTERPRETAÇÃO (A):** Apenas homens são chamados e vocacionados por Deus para serem pastores e liderarem a comunidade. Por isso, o homem deve cumprir o seu papel de líder natural designado por Deus.

- Os seguidores dessa corrente de pensamento alegam que a bíblia é bem clara em relação ao chamado ministerial, por isso, argumentam que a Bíblia inteira é repleta de exemplos de homens liderando e que não há nada claramente escrito que justifique as mulheres no poder. Salvo algumas pequenas exceções que retratam mulheres assumindo alguma posição de liderança, mas que não passam de exemplos isolados.

Textos bíblicos usados para defender esse pensamento:

Efésios 5:22-24.

22 - Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor;

23 - Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.

24 - De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido.

(Bíblia, 1995, p.1653-1654).

1 Coríntios 11:7-9.

7 - O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão.

8 - Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão.

9 - Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do varão.

(Bíblia, 1995, p.1599).

1 Coríntios 14:34-35

34 - As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.

35 - E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja.

(Bíblia, 1995, p.1604).

1 Timóteo 2: 11-14.

- 11 - A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição.
- 12 - Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.
- 13 - Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.
- 14 - E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. (Bíblia, 1995, p.1703).

Gênesis 3:16.

16 - “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”

Bíblia (1995, p.11).

1 Coríntios 11:3

“Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo.”

Bíblia (1995, p.1599).

Colossenses 3:18

“Vós, mulheres, estai sujeitas a vosso próprio marido, como convém ao Senhor.”

Bíblia (1995, p.1681).

Veja que alguns desses trechos da Bíblia deixam bem claro qual é o papel da mulher: “estejam sujeitas”; “a glória do varão”; “ficar calada e perguntar as coisas em casa”; “porque é indecente uma mulher falar”; “aprenda em silêncio”; “não é permitido a mulher ensinar”; “a mulher foi criada por causa do homem”; “o teu marido te dominará” e “o homem é o cabeça da mulher.” Esses são apenas alguns textos de muitos outros similares que são seguidos à risca por algumas pessoas.

A seguir temos a segunda corrente de pensamento:

**INTERPRETAÇÃO (B):** Tendo em mente que Deus não faz distinção de gênero e que vários relatos bíblicos relatam mulheres exercendo grandes cargos de liderança, as mulheres podem e devem cumprir um chamado ao sacerdócio.

- Os que defendem esse pensamento afirmam que a bíblia foi escrita em um contexto machista e arcaico em que não havia espaço para as mulheres, e caso houvesse espaço, a propagação do cristianismo não seria tão bem aceita entre vários povos fortemente patriarcais. Argumentos que pairam em torno desse pensamento dizem que se Jesus voltasse hoje, ele com certeza chamaria mulheres para serem apóstolas.

Textos bíblicos usados para defender esse pensamento:

Juizes 4:4-9

4 - E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo.

5 - E habitava debaixo das palmeiras de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo.

6 - E enviou, e chamou a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura o SENHOR, Deus de Israel, não de ordem, dizendo: Vai, e atraindo gente ao monte de Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom?

7 - E atrairei a ti para o ribeiro de Quisom a Sísera, capitão do exército de Jabim, com os seus carros e com a sua multidão, e o darei na tua mão.

8 - Então, lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei.

9 - E disse ela: Certamente irei contigo, porém não será tua a honra pelo caminho que levas; pois a mão de uma mulher o SENHOR venderá a Sísera. E Débora se levantou e partiu com Baraque para Quedes.  
(Bíblia, 1995, p.321-322).

2 Reis 22:14-16

14 - Então, o sacerdote Hilquias, e Aicão, e Acbor, e Safã, e Isaías foram à profetisa Hulda, mulher de Salum, filho de Ticva, o filho de Harás, o guarda das vestiduras (e ela habitava em Jerusalém, na segunda parte) e lhe falaram.

15 - E ela lhes disse: Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim:

16 - Assim diz o SENHOR: Eis que trarei mal sobre este lugar e sobre os seus moradores, a saber, todas as palavras do livro que leu o rei de Judá. (Bíblia, 1995, p.545).

Gálatas 3:28

“28 - Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo.”

Bíblia (1995, p.1636).

1 Coríntios 16:19

“19 - As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áquila e Prisca, com a igreja que está em sua casa.”

Bíblia (1995, p.1608).

Sobre as citações usadas para defender a liderança feminina, ainda existem outros textos usados para tal. Perceba que esses trechos da Bíblia mostram algumas mulheres em posições importantes, o que para suas épocas era incomum, justamente por estarem localizadas em tempos e contextos hostis às mulheres.

A vocação dos homens para a liderança, era massivamente aceita e inquestionável na época de Jesus e dos apóstolos. Assim como Weber descreve em uma ótica sociológica e econômica, relacionando católicos e protestantes, no quesito de gênero, o homem era designado ou eleito por Deus, para liderar e ser o cabeça da mulher:

Assim foi que em Lutero o conceito de vocação profissional permaneceu com amarras tradicionalistas. A vocação é aquilo que o ser humano tem de aceitar como desígnio divino, ao qual tem de “se dobrar” – essa nuance eclipsa a outra idéia também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus. (Weber, 2004, p.77).

À mulher cabia o papel de cuidadora e zeladora do lar, teria que ser completamente submissa a seu marido, porque isso era a vontade de Deus. Entretanto, muitos desses textos parecem se referir ao contexto cultural de cada comunidade ou sociedade em que foi escrita, não sendo necessariamente obrigatória a aplicação ou reaplicação desses textos nos dias atuais. Não parece ser algum tipo de mandamento irrevogável para todos os cristãos, em todas as épocas.

### **3.2 - A busca das mulheres pelo lugar de igualdade**

As mulheres durante muito tempo foram tratadas como cidadãs de segunda classe e em alguns povos elas são objetificadas pelos homens. Durante séculos e milênios seus desejos,

aspirações e lugares foram abafados ou controlados pelos homens. Ainda hoje as mulheres estão longe de conquistarem plenamente o seu lugar e sua relação de igualdade frente aos homens.

A religião, seja ela qual for, quase sempre irá reproduzir os problemas da sociedade, por isso, o preconceito de gênero, para além de ser algo exclusivamente social, é também religioso.

As mulheres, seja por meio das lutas de gênero ou pelo pastorado feminino, tentam chegar em uma relação social de igualdade em relação aos homens. O lugar/ posição de pastora se mostra como um lugar de poder e voz, onde parte dos seus anseios se realizam por meio do cargo. As pastoras lutam para ter voz, lugar e ação. Voz, para falar/ pregar ou serem chamadas de pastoras. Lugar, para congregar ou liderar, fundando suas próprias igrejas e serem reconhecidas dignas para tal posição. Ação, para saírem a campo e cumprirem os mandamentos da Bíblia, pregando o evangelho a todas as pessoas e visitando os órfãos e as viúvas, sem serem controladas por um perfil masculino. Elas querem exercer sua fé, suas crenças, de uma forma feminina, sem que para isso tenha que passar pelo crivo, critério ou ensinamento de um homem. Elas querem reconhecimento, querem ser vistas como vocacionadas por Deus.

O modelo atual da sociedade brasileira foi desenhado ou arquitetado por homens e para homens. Um exemplo disso é que “somente em 1932 as mulheres brasileiras conquistaram o direito de voto. Essa reivindicação começou por volta de 1910, com a fundação do Partido Republicano Feminino, no Rio de Janeiro.” Silva et. al (2016, p.500). Desde muito tempo, em várias localidades do mundo e em diferentes épocas, as mulheres sempre foram tidas ou colocadas em uma condição de inferioridade em relação aos homens. “Os papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres nunca foram iguais para ambos e foram tomando musculatura, se fortalecendo nas instituições distintas que compunham a sociedade.” Oliveira (2020, p.21). Os reflexos desse passado cruel ainda ecoam retinindo o modelo de sociedade atual:

Historicamente a mulher tem sido – com maior ou menor intensidade, e dependendo dos traços culturais da sociedade em que vive – tratada ou vista como um ser inferior ao homem. Sofre preconceitos, restrições, discriminações e é colocada numa posição subalterna ao homem. Ainda em muitas sociedades, como a nossa, por exemplo, lhe é inculcada, desde a infância, a idéia (sic) de sua inferioridade e de sua docilidade, valores muitas vezes derivados da herança patriarcal familiar e da ideologia burguesa. (Silva, et. al, 2016, p.499).

O mercado de trabalho tem marcado um capítulo vergonhoso na desigualdade de gênero. Homens e mulheres cuja atividade laboral declinava na mesma função, obtiveram salários diferentes. Como já se esperava, o reflexo no espelho religioso não difere muito do contexto societário. Em algumas igrejas, as mulheres não podem nem sequer subir no altar no momento da liturgia. Quando sobem é para limpar o chão, as cadeiras e o púlpito. Tal costume se pauta em algumas interpretações equivocadas da Bíblia e se configura como um modelo violento. Jogam as mulheres numa condição subalternamente servente, excluindo-as do poder:

A tradição judaico-cristã apresentou, ao longo de sua trajetória, a mulher como um ser inferior e submisso ao homem. Seu legado foi responsável pelo sufocamento de uma via feminina na teologia, na doutrina e na autoridade no cristianismo. (Miranda, 2009, p.26)

É inegável que a cultura do patriarcalismo esteja presente nas páginas da Bíblia, e que o reflexo do sistema religioso tenha implicações sociais em toda a sociedade brasileira. Mas, não é somente em culturas judaico-cristãs que encontra-se tal opressão. Outras culturas apresentam traços ou comportamentos até piores do que as presentes no mundo ocidental. Mas, qual seria o pensamento que paira em torno da ideia de patriarcado?

O patriarcado se expressa na ideia de que o homem é superior à mulher e essa hierarquia se espalha por amplos e variados espaços sociais. Embora as definições tradicionais dos papéis de mulheres e homens estejam se diluindo em virtude de um contínuo e crescente processo de oposição de grupos sociais, ainda hoje permanecem as estruturas do patriarcado, que, além de mantiveram a dominação masculina, reproduzem a violência contra a mulher. (Silva, et.al, 2016, p.360).

Dentre os grupos sociais que se opõem ao patriarcado, citados anteriormente, queremos destacar as mulheres pastoras. Não é um movimento assumidamente organizado para tal fim, mas ao nosso ver, essas mulheres incorporam um ato de lutarem por suas existências. Ao romper com uma igreja liderada por homens criando seus próprios ministérios, essas mulheres criam um novo espaço territorial onde as mulheres são livres para liderarem da maneira como quiserem, isso garante poder. Um poder que foi negado a elas durante muito tempo, aflora através da ascensão de templos. Essas mulheres modificaram a paisagem religiosa do evangelicalismo e originaram uma nova forma de poder, poder esse que agora é governado pelo feminino. Esse poder não mais é sufocado ou proibido pelo gênero masculino das instituições anteriores. Ressurge agora um novo espaço, criado e desenhado por e para mulheres. Um espaço ainda não reconhecido por muitos homens e que talvez seja um fenômeno exclusivamente evangélico, no seio do cristianismo brasileiro:

A liderança feminina religiosa pode ser considerada um fenômeno exclusivamente evangélico, uma vez que as mulheres continuam excluídas da hierarquia católica e proibidas do exercício do sacerdócio, seguindo apenas o modelo mariano de conduta, natural e divino. (Miranda, 2009, p.31).

Mulheres no comando, o que para muitos homens é tido como negativo e antibíblico, para o segmento evangélico como um todo é estratégico e vantajoso, pois se trata de mais uma bandeira a ser levantada, mais um nicho a ser atendido. Uma iniciativa quase sempre eficiente, porque a maior parte dos evangélicos são mulheres:

E, se a religião está imersa em um “campo” religioso de concorrência e tensão entre as denominações religiosas, podemos atrelar a adoção da liderança feminina como uma das estratégias de expansão e manutenção das igrejas, uma vez que de acordo com estudos anteriores há um predomínio de fiéis do sexo feminino no dinâmico campo pentecostal brasileiro. (Miranda, 2009, p.33).

As igrejas evangélicas fundadas e lideradas por mulheres, podem ser um exemplo do grande leque de abrangência, abarcado pelas inúmeras correntes teológicas do evangelicalismo. Nos últimos anos a cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro tem apresentado um crescente número de novas igrejas que são lideradas por mulheres:

Nos últimos anos, Nova Iguaçu, município integrante da Baixada Fluminense, tem sido palco de um interessante fenômeno religioso responsável por promover mudanças significativas no âmbito das denominações evangélicas: a fundação de igrejas evangélicas por mulheres. (Silva, 2010, p.07).

O pastorado feminino, sobretudo, em igrejas pentecostais é um fenômeno recente, que paulatinamente ganha força por meio do surgimento de novas igrejas nas periferias. É um fato inusitado, se tratando dos grupos pentecostais possuem alguns princípios e costumes pautados em uma significativa desigualdade de gênero, que quase sempre delimita o lugar e as ações das mulheres dentro do espaço religioso. Frases como: “atrás de um homem existe uma grande mulher”, “a mulher é o pescoço e o homem é a cabeça”. Frases machistas como essas são cotidianamente ditas em algumas igrejas evangélicas de cunho pentecostal, reflexo de uma sociedade fundamentada no patriarcalismo e na particular interpretação de alguns trechos da Bíblia. Alguns líderes religiosos de

igrejas, como algumas Assembleias de Deus, dizem claramente nos púlpitos que lugar de mulher não é no ministério e nem ensinando, porque isso cabe aos homens. Algumas são claramente excludentes, dando privilégios ao público masculino. Muitas mulheres encontram-se nesse lugar de subordinação. Em resposta a esse poder hegemônico dos homens na quase totalidade das igrejas evangélicas, as mulheres tiveram a iniciativa de criar suas próprias igrejas. Igrejas que são lideradas por elas mesmas, e isso deu início a muitas dissidências com muitas mulheres tendo sua própria independência, criando suas próprias congregações.

Os pastores talvez por medo das mulheres tomarem seus cargos ou mesmo por temerem aceitar algo que a Bíblia não fala claramente; também pelo costume ou pela massiva cultura dos papéis masculinos e femininos, costumam adquirir um preconceito em relação a mulheres que assumem tal posicionamento. Não é fácil ignorar um pensamento ou costume que foi ensinado desde criança.

Em uma perspectiva mais ampla, as desigualdades, preconceitos e humilhações sofridas pelas pastoras seriam a resposta da estrutura em relação ao choque que recebem através do poder da mudança promovida por elas. Isto é, são ações masculinas motivadas pelo medo da completa destituição de poder do sagrado mediante questionamentos femininos que confrontam e desqualificam as explicações bíblicas hegemônicas a respeito do poder patriarcal como sendo vontade/ herança divina. (Martins, 2019, p.31).

Não obstante, existem pastores que apoiam, ajudam e cooperam com o ministério de mulheres pastoras, embora, sejam poucos.

O surgimento de igrejas lideradas por mulheres é uma ressignificação por meio de um novo entendimento sobre algumas passagens da Bíblia. Muitas mulheres estão se formando em teologia, remodelando o cristianismo para uma perspectiva mais aderente ao gênero feminino. “Dessa maneira, pode-se dizer que estas novas possibilidades abertas às mulheres pelas igrejas pentecostais e neopentecostais são as grandes responsáveis pela maior presença feminina nas fileiras destas instituições” Silva (2010, p.18). Novos cristianismos estão surgindo, visando atender diferentes nichos sociais e religiosos.

Em algumas conversas com essas pastoras, foi possível constatar que grande parte delas foram vítimas de discriminação de gênero, dentro da igreja, motivo principal que as incentivaram a criar suas próprias congregações. As mulheres estão percebendo que a igreja evangélica, fundamentalmente tradicional, foi desenhada por uma ótica masculina, que coloca os homens no centro do poder e das decisões. O pastorado feminino visa romper com esse ideário excludente por meio da independência ministerial, iniciativa que tem sido bem sucedida nas franjas periféricas das cidades. Lutas como essa das mulheres evangélicas, clarificam o fato de que as igrejas evangélicas dificilmente permanecem em unicidade teológica e doutrinal, constantemente surgem grupos com pensamentos divergentes que desenvolvem-se, gerando dissidências.

### **3.3 - A Bíblia como forma de perpetuar a dominação dos homens**

Ao olharmos para a Bíblia, o livro sagrado dos cristãos, é impressionante o poder que esse livro teve ao ser capaz de modelar boa parte do mundo. Todo o Ocidente está pautado nas normas descritas na Bíblia e não há nenhuma área em nossa sociedade que tenha escapado sequer de um resquício do manual do Ocidente.

Ao se deparar com a Bíblia é preciso compreender que a mesma foi escrita em períodos marcados por uma forte repressão às mulheres. Os manuscritos foram tomando forma em

sociedades patriarcais, onde as mulheres não tinham voz e nem espaço. Era de se esperar que ao ser escrita exclusivamente por homens, os reflexos do modelo civilizacional em vigor estivessem nos textos.

Tanto as feministas evangélicas quanto as teólogas (evangélicas e católicas) defendem que a Bíblia foi composta por relatos escolhidos única e exclusivamente por homens nos quais se refletem as concepções masculinas a respeito do mundo, da religião e da vida em sociedade. Ou seja, as feministas (católicas ou evangélicas) defendem que a Bíblia é utilizada para legitimar e perpetuar o patriarcado, tanto nas igrejas, quanto na sociedade. (Martins, 2019, p.25).

“Teólogas feministas acreditam que o texto bíblico foi escrito de modo patriarcal propositalmente para negar igualdade as mulheres e promover a exclusão das mesmas dos espaços religiosos de poder.” Martins (2019, p.33). De fato, os textos bíblicos tiveram forte influência do contexto cultural em que foram escritos, mas é importante ressaltar que algumas mulheres ainda conseguem justificar o pastorado ou a liderança feminina, a partir dos próprios textos bíblicos, o que mostra o fato de que os dois lados conseguem ter diferentes interpretações no mesmo livro.

Entretanto, as feministas evangélicas objetivam promover os direitos humanos nas igrejas e na sociedade, bem como mostrar para a sociedade (religiosa e/ ou civil) que há outras formas de compreender e vivenciar a religião que não perpassam pelo viés de dominação masculina. (Martins, 2019, p.115).

As feministas evangélicas e mulheres que não possuem vínculo com os grupos que lutam pelas causas de gênero, utilizam trechos bíblicos que retratam mulheres assumindo postos de autoridade, antes conferidos a homens. Esses textos se mostram suficientes para justificar a liberação da liderança feminina em algumas igrejas. Afinal, a Bíblia não deixa expressamente liberado o pastorado feminino, esse termo nem existe nos escritos religiosos, entretanto, da mesma forma, a Bíblia não proíbe nenhuma mulher de exercer cargos de liderança. Alguns trechos parecem realmente repressivos as mulheres, entretanto, eram recomendações para alguns povoados locais, com culturas distintas. Pelo menos, esse é o pensamento religiosamente favorável à liderança feminina.

Há a hipótese de que, nas narrativas espiritualistas cristãs, predominam modelos masculinos que são patriarcais, pois tratam de ideias sobre ancestralidade, heteronormativos, poderosos e bem-sucedidos, uma vez que combatem a decolonialidade, utilizando-se da violência para solução de problemas, e possuem corpos dentro do padrão normativo da sociedade midiática de consumo, são superiores às mulheres, buscam dominar outros homens e modelam ministérios femininos. (Santana; Kanashiro, 2021, p.58).

A narrativa e a cultura cristã sobre os papéis e os comportamentos masculinos e femininos, são muito bem consolidados. As mulheres durante muito tempo foram obrigadas a se comportarem, foram silenciadas porque não tinham direito de fala. Algumas, hoje, pastoras, carregam e até reproduzem marcas e reflexos da violência de gênero que deu “prumo” às suas vidas.

O cristianismo sem dúvidas é um dos grandes responsáveis pela divisão hierárquica dos gêneros. Mas, não é o único e exclusivo:

O cristianismo é um dos responsáveis pela produção e reprodução da hierarquia dos sexos, construindo socioculturalmente os papéis dos gêneros que conhecemos; o homem como liderança e a mulher como cuidadora. (Oliveira, 2020, p.54).

Nessas instituições religiosas, as crianças desde pequenas já começam a perceber a divisão dos gêneros. Nas escolinhas bíblicas, às vezes chamada de Escola Bíblica Dominical - EBD, o que é de menino é associado a cor azul e o que é de menina é tido como de cor rosa.

Claramente, também existem mais proibições e controles sobre as roupas e ao corpo da mulher do que os homens. Os grupos de coral ou de louvor também são separados e cantam em momentos diferentes.

O ministério, lugar que também é chamado de altar, onde se localiza o púlpito<sup>11</sup> do pastor e as cadeiras dos presbíteros e demais líderes, é quase sempre um lugar feito por e para homens. As mulheres quase nunca sobem nesses lugares.

A instituição religiosa cristã reforça a prática patriarcalista em relação ao trato interpessoal na esfera familiar, na divisão de tarefas (casa e igreja) e na reprodução biológica perpetuando que mulheres são sensíveis fisicamente em comparação ao homem. (Oliveira, 2020, p.54).

A hierarquia e os papéis não existem apenas na igreja, no lar a divisão continua. Frequentemente, em momentos de desentendimentos de casais, frequentemente os pastores são consultados e nessas reuniões de gabinete pastoral, homens e mulheres são recomendados a cumprirem seus papéis e afazeres. O discurso, se não é o mesmo, se mostra muito parecido, de que o homem é o provedor do lar, tendo sobre si a responsabilidade de levar o alimento para casa e sustentar a sua família. As mulheres são lembradas de que a casa é sua prerrogativa, sendo assim, tudo deve estar no seu devido lugar para quando o marido chegar do trabalho.

Atualmente, ser feminista está muito associado a ser igualmente de esquerda, esse é o pensamento de muitos pentecostais. E isso acaba sendo um problema num ambiente pentecostal, pois embora a maior parte das pessoas possam estar enquadradas em uma situação de baixa renda, muitos se autodenominam como simpatizantes ao movimento político de direita. Essa autodenominação acontece, porque muitos pentecostais consideram a esquerda como defensora e portadora de ideologias contrárias à palavra de Deus, a Bíblia.

Afinal o que seria o feminismo e quando esse movimento surge? Tentar responder essas perguntas não é uma tarefa fácil porque existem muitas teorias acerca desse conceito:

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e

---

11

Diferentemente dos romanos e ortodoxos, os protestantes tomaram o nome para sua mobília central do latim – “pulpitum”, que significa “plataforma” ou “palco”. Já os primeiros fazem uso da palavra ambão, derivação do termo grego Ambwn, que significa bordo ou parede arredondada, pelo fato de a mobília ser construída (sic) circundando uma das colunas do templo. Independente de qual das duas palavras se faça uso, é necessário fazer distinção de um terceiro termo – a “tribuna”. Este termo também refere-se a uma elevação de onde falam os oradores, autoridades etc., todavia sem ter caráter religioso.

No Antigo Testamento, não encontramos o púlpito nem no tabernáculo (sic), nem no templo. A primeira descrição que encontramos de uma plataforma de madeira, sendo chamada de púlpito, é no capítulo oito do livro de Neemias, onde se lê: “E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim”.<sup>4</sup> No Novo Testamento, embora não haja a ocorrência da palavra púlpito, ou de outro correspondente, sabemos que havia no centro da sinagoga uma mobília separada para a leitura e ensino da palavra de Deus. Ao avançarmos no tempo, encontramos o testemunho do uso do ambão e do púlpito nas igrejas na Idade Média. Hoje é um móvel quase onipresente nas igrejas cristãs, todavia seu papel tem sido redefinido em muitas igrejas. (Quintela, 2016, p.103-104).

Fonte: QUINTELA, W. T. **A Ética do Púlpito**: uma reflexão sobre o significado do púlpito para a igreja evangélica na atualidade. Revista Ensaios Teológicos. v. 02. n. 02, dez/ 2016. Disponível em: <<https://revista.batistapioneira.edu.br>> Acesso em: 31 de Out. 2025.

que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais. (Alves; Pitanguy, 1985).

Outra autora define da seguinte maneira:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação - além da clássica dominação de classe -, a dominação do homem sobre a mulher (Pinto, 2010, p.16)

A mesma autora prossegue:

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918.

Por meio das citações destacadas é possível ter uma pequena noção do que paira em torno das ideias feministas e um pouco das lutas que esse movimento se propõe a defender. Como dito anteriormente a Inquisição da Igreja Católica foi implacável contra qualquer mulher que ousasse desafiar a igreja, implacável contra qualquer um que minasse destruir o poder dos homens, porque desde aquela época até os dias de hoje, muitas igrejas, sejam elas católicas ou evangélicas, ainda são o lugar de poder do gênero masculino.

Se autoafirmar ou ser considerada pastora já está carregado de preconceitos e discriminações, quando essa pastora se identifica como feminista o nível de ataque sofrido pode ser maior.

O movimento feminista não é visto de forma separada da esquerda, por isso, não é confortável a uma pastora se declarar feminista, pois isso poderia acarretar a perda de alguns fiéis da sua igreja, inclusive mulheres.

Não seria absurdo afirmar que, ao se deslocar de uma posição opressora para espaços de maior liberdade de ação individual, essa mulher tornou-se mais “poderosa”, mais “potente”. Porém, historicamente, esse conceito não parece ter aplicação prática, pois a mulher que se torna pastora também é a mulher que nega qualquer ligação com os discursos feministas. (Fernandes, 2023, p.23).

A mulher que se tornou pastora rompeu com muitas amarras, bloqueios, correntes e cancelamentos. Provavelmente lutou e continua batalhando arduamente para se manter na posição em que está. Entretanto, ainda continua presa e confinada em uma caixinha comportamental e

religiosa, pois não pode fazer o que quiser e isso torna o seu poder relativamente parcial. Ser pentecostal, em grande parte, implica em ser conservador ou de direita, na ótica de alguns líderes pastores, e isso invalida qualquer aspiração de pertencimento ao movimento feminista ou de esquerda. Ignorar esse princípio em um ambiente pentecostal é o mesmo que causar dissolução ou movimento faccioso, acarretando em cisões e perdas de membros. Por isso, tal aderimento está fora de cogitação ao universo ou contexto de algumas pastoras.

Ainda que essas mulheres tenham se desligado de uma igreja anterior, liderada por um homem e tenham criado suas próprias igrejas, elas continuam mantendo uma espécie de crença e comportamentos, outrora vivenciados em espaços e contextos anteriores. Elas carregam e reproduzem consigo a marca da opressão que sempre sofreram ao longo de suas vidas pessoais e religiosas.

Dentro dessa perspectiva, seria inviável e até mesmo absurdo conceituar como empoderamento o processo pelo qual as mulheres evangélicas pentecostais, aqui apresentadas, passaram a ocupar maiores espaços dentro de suas igrejas. Para que houvesse de fato esse empoderamento seria preciso que as estruturas patriarcais não coexistissem com a presença dessas mulheres nas posições de destaque nas diversas denominações pentecostais. (Fernandes, 2023, p.25).

É inegável que essas mulheres, agora líderes, ascenderam na porcentagem de poder eclesiástico, entretanto, ainda carregam reflexos da estrutura machista anterior. Por isso, dificilmente esse movimento poderia ser considerado um movimento empoderador, porque as estruturas patriarcais ainda coexistem com essas mulheres, seja em suas casas ou em suas igrejas.

Conforme já exposto, a mulher pentecostal não rompeu com as estruturas patriarcais, nem se tornou autônoma em suas ações. É verdade que essas mulheres conquistaram novos espaços, mas isso se deu dentro das estruturas em que estavam inseridas. (Fernandes, 2023, p.27)

Já era de se imaginar que mesmo uma igreja sendo fundada por uma mulher, ainda pudesse carregar marcas e elementos masculinos, principalmente se colocar na balança o fato de que essas mulheres pastoras carregam consigo uma bagagem cultural que as modelaram ao longo de todas as suas vidas.

Veja a seguir como a cultura é a principal mantenedora da ordem segregadora de gênero: “Os estudos de gênero consideram que o ser homem e o ser mulher são construídos social, cultural e biologicamente e, portanto, não determinados pelo transcendente ou pelo sobrenatural.” Vilhena (2010, p.01). No ambiente religioso pentecostal, existe um imbricamento seguindo essa mesma lógica cultural, imposta pela sociedade. Mas, a discriminação de gênero pode ser ainda mais intensa se tratando de além das influências societárias, existir influências religiosas supostamente impostas pelo divino. E na tentativa de controlar ou libertar, parcial ou integralmente o gênero feminino, surgem inúmeras correntes de interpretações em várias denominações.

A teologia evangélica, constitui-se como uma poderosa e efetiva ferramenta para a construção das relações de gênero. Desde o uso que faz da Bíblia, o status sexista dado aos homens e promovido nas igrejas, na liturgia cültica, nos discursos religiosos, etc. (Vilhena, 2010, p.07).

Embora haja igrejas que aceitam mulheres como pastoras e até mesmo denominações fundadas pelas tais, o preconceito pode ser facilmente percebido. Não é surpresa para os pesquisadores da área, se tratando de ser um posicionamento contrário ao pensamento hegemônico masculino, que as mulheres mesmo nos seus próprios espaços possam adquirir algum grau de incompreensão ou preconceito. Os papéis do homem e da mulher, estão estruturalmente

consolidados, porque foram implementados e vivenciados durante milênios e se intensificaram durante séculos:

No aspecto relacional entende-se que os comportamentos feminino e masculino são definidos pela cultura, ou seja, cada sociedade, através da sua cultura define o papel da mulher e do homem. Nas relações de poder, tanto o homem quanto a mulher exercem poder, ainda que se encontre distribuído de modo desigual. (Vilhena, 2010, p.01).

Assim como cada sociedade define o papel do homem e da mulher, cada igreja por si só possui a sua destinação de gênero, algumas sendo mais e outras menos repressoras as mulheres. As igrejas em que as mulheres quase não tem espaço para liderança, alegam que a Bíblia prescreve alguns padrões e comportamentos relacionados aos gêneros. E para fundamentar essa afirmação chegam a citar alguns trechos do livro que seguem.

O discurso cristão enquanto organizador da vida e da moral social utiliza-se de arquétipos, símbolos e signos misóginos que foram incorporados à cultura ocidental, construindo identidades de homens e mulheres, manipulando suas vidas. Assim, a naturalização da violência acontece nesse processo histórico-cultural, e a experiência religiosa passa a justificar e trazer significado dessa situação desigual e desumana de vida. (Vilhena, 2010, p.04).

Ao se olhar para o mundo Ocidental não é difícil admitir que boa parte de todo esse conjunto societário esteja ancorado na Bíblia como constituição basilar. A Bíblia tem funcionado para muitas pessoas no Ocidente como um manual cultural, diante disso, os costumes e os comportamentos são ditados por certas interpretações hegemônicas do livro sagrado dos cristãos. Talvez o problema não seja a Bíblia, e sim as interpretações fora de contexto cultural, que são dadas a algumas de suas passagens. Qualquer um pode se apropriar de qualquer trecho, e adicionar a hermenêutica que bem entender, justificando o que quiser.

### **3.4 - Análise das entrevistas**

A frente estaremos analisando os dados básicos desta pesquisa, o que engloba: a faixa etária, escolaridade, estado civil, naturalidade, quantidade de filhos e renda. Aqui analisaremos as 7 pastoras.

#### **Faixa etária**

Entre 40 e 50 anos: (2 entrevistadas)

Entre 50 e 60 anos: (1 entrevistada)

Entre 60 a 70 anos: (3 entrevistadas)

Entre 70 a 80 anos: (1 entrevistada)

Constatamos que das 7 pastoras, 5 possuíam idade acima de 50 anos. 4 dessas pastoras tinham acima de 60 anos, ou seja, a maioria eram idosas.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Estamos tendo como critério para classificar uma mulher como idosa ou não, a classificação do Estatuto do Idoso. O mesmo assegura que uma pessoa ao completar 60 anos poder-se-á considerar idoso ou idosa.

## **Escolaridade**

Fundamental I: 0

Fundamental II: 3 pastoras

Ensino Médio: 4 pastoras

Ensino Superior: 0

Todas as entrevistadas tinham escolaridade acima do ensino fundamental II. 4 das 7 líderes já haviam chegado ao ensino médio. Apenas uma das pastoras estava cursando o ensino superior.

## **Estado Civil:**

Casadas: 6

Solteiras: 0

Divorciadas: 1

Viúvas: 0

Ou seja, das 7 pastoras, 6 possuíam cônjuge e 1 não. Talvez a razão pela qual, a maior parte das pastoras possuíam cônjuges, seja porque entre os evangélicos, estar casado é algo primordial, principalmente quando se está na liderança de alguma igreja. Mulheres ou homens, que estão na liderança de uma igreja, e não são casados, costumam ser mal vistos. Alguns membros julgam não ser uma pessoa adequada para aconselhar casais.

## **Naturalidade:**

Rio de Janeiro: 4

Espírito Santo: 1

Minas Gerais: 1

Pernambuco: 1

5 pastoras se diziam natural do estado do Rio de Janeiro, apenas 2 nasceram em outros estados.

## **Quantidade de filhos:**

Aqui consideramos apenas os filhos que estão vivos.

1 filho: 3 pastoras

2 filhos: 3 pastoras

3 filhos: 0

4 filhos ou mais: 1 pastora

Devido a maioria das pastoras serem idosas, esperava-se que a quantidade de filhos fosse alta, porque há algumas décadas, o Brasil possuía uma alta taxa de natalidade. Entretanto, 6 pastoras possuíam 2 filhos ou menos. Talvez se considerássemos os filhos não vivos os números se alterassem um pouco. Não obstante, os números foram abaixo do esperado.

## **Renda:**

A pergunta foi referente a renda bruta (o valor total que entra em uma casa)

Até R\$: 1.518 (1 salário mínimo): 4 pastoras  
Entre 1 e 2 salários mínimos: 1 pastora  
Entre 2 e 3 salários mínimos: 1 pastora  
Preferiu não dizer: 1 pastora

Das entrevistadas, 4 pastoras possuíam 1 salário mínimo ou menos, ou seja, a maioria. Apenas 1 pastora tinha renda bruta acima de dois salários mínimos.

### **A partir daqui, iremos analisar os questionários das 5 pastoras que estavam liderando igrejas**

Nesta pesquisa foram entrevistadas 7 pastoras, para mantermos o sigilo dos nomes iremos numerá-las de 1 a 7 (Veja a figura 8). Das 7 pastoras, 5 possuem suas próprias igrejas e estão exercendo plenamente a liderança de uma congregação. As outras duas uma possui o título de pastora, mas não exerce o cargo de liderança, inclusive congrega numa igreja liderada por um pastor. A última, ainda não possui o título de pastora, mas mesmo só possuindo o título de missionária, lidera uma igreja juntamente com seu esposo (pastor).

Para dividirmos a ordem das análises das entrevistas, nos ateremos, primeiramente, as 5 pastoras que estão liderando igrejas atualmente, e posteriormente, se tratando de serem casos específicos, analisaremos separadamente a situação das outras duas pastoras.

A partir daqui, ao invés dos nomes originais, iremos enumerar as pastoras, líderes de ministérios, de 1 a 5.

Figura 8 - Dados de algumas igrejas lideradas por mulheres pastoras, em Nova Iguaçu/ RJ.

| Pastora   | Nome da igreja                                                     | Tempo de existência da igreja | Quantidade de membros (totais) | Membras mulheres | Membros homens |
|-----------|--------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------|------------------|----------------|
| Pastora 1 | Igreja Casa de Oração Nova Jerusalém                               | 24 anos                       | 15 membros                     | Maioria          | Minoria        |
| Pastora 2 | Igreja Missão Pentecostal Encontro com Cristo                      | 18 anos                       | 18 membros                     | 16 mulheres      | 2 homens       |
| Pastora 3 | Igreja Evangélica Ministério Pentecostal Resgatando Vidas em Jesus | 9 anos                        | 15 membros                     | 8 mulheres       | 7 homens       |
| Pastora 4 | Igreja Assembleia de Deus Ministério do Monte                      | 12 anos                       | 9 membros                      | 6 mulheres       | 3 homens       |
| Pastora 5 | Igreja Assembleia de Deus Conduzidos pela Palavra                  | 9 anos                        | 30 membros                     | 20 mulheres      | 10 homens      |

Fonte: O autor (2025)

Nesta pesquisa, consideramos como membros aqueles, batizados ou não, maiores de 18 anos e que frequentam regularmente as reuniões da comunidade religiosa. Desconsideramos os agregados<sup>13</sup> (colaboradores), crianças e adolescentes abaixo de 18 anos e os visitantes.

Sobre o tempo de existência das igrejas, se somarmos a idade de cada uma:  $24 + 18 + 9 + 12 + 9 = 72 / 5 = 14,4$  anos e dividirmos por 5, obteremos uma média aproximada de 14,4 anos. 3 dessas igrejas tinham acima de 10 anos. Nenhuma das igrejas possuía mais de 30 anos, talvez isso se dê pelo fato de que o pastorado feminino é um movimento recente. Recente, por volta de 1980 ou 1990 para cá.

Sobre a quantidade de membros, todas as 5 igrejas apresentaram ter até 30 membros efetivos, desconsiderando os agregados, crianças, adolescentes abaixo de 18 anos e os visitantes. 4 das 5 igrejas tinham menos de 20 membros. Ou seja, são igrejas pequenas. Se considerarmos a média de membros que encontramos nessas 5 igrejas:  $15 + 15 + 18 + 9 + 33 = 90 / 5$ , teríamos uma média de 18 membros.

Seria interessante uma outra pesquisa no mesmo bairro visando identificar quantos membros há em média nas igrejas lideradas por homens. A partir destes dados poder-se-ia comparar a adesão religiosa nas igrejas lideradas por ambos os gêneros.

<sup>13</sup> Queremos aqui definir os agregados ou colaboradores como aqueles que estão sempre frequentando os cultos de uma determinada igreja, entretanto, os mesmos estão membrados e listados no rol de membros de outra igreja, sendo, portanto, pertencentes a outra igreja. O que não os impede de contribuir com as atividades religiosas de outra igreja.

Sabe-se que há uma tendência no meio evangélico a ter mais mulheres do que homens, entretanto, os números que identificamos nesta pesquisa, superam significativamente a tendência geral. Com exceção de uma igreja, as outras quatro o número de mulheres era o dobro ou mais.

A seguir analisaremos as entrevistas das 5 pastoras que estão liderando igrejas atualmente. Para ser o mais fiel possível ao que foi dito nas entrevistas, compilamos fielmente o que foi relatado por cada uma das pastoras, até mesmo os erros de ortografia. Para efeito de resumir as respostas, retiramos algumas histórias desconexas que fugiam ao tema das perguntas.

Sobre a pergunta 1: “QUANDO VOCÊ PERCEBEU QUE DEVERIA SER PASTORA?”

PASTORA 1: “A única coisa que eu disse para Deus que não queria era ser pastora, porque eu sabia que esse cargo além de pesado, as pessoas persegue muito, eu sabia que ia ser perseguida, porque eles persegue, persegue e feio. O que puder fazer pra te abachar ele faz. E vem mais por parte de homem. E tem mulher também. Eu comecei como missionária, aqui com meus irmãos. E eles não gostaram da obra, que a obra era libertação, eles estavam acostumados ser assembleianos, mas eles mesmos que abriram junto comigo. Eles abriram e abandonou depois. Aí eu fiquei segurando até parecer pastor, não parecia pastor nenhum para assumir ela. Aí, na época, eu tinha 40 membros aqui dentro quando a igreja era pequenininha. Não podia abandonar.”

PASTORA 2: Bom, eu não percebi que eu deveria ser pastora, porque eu nunca imaginei de ser pastora, nunca passou pela minha cabeça de ter esse título “pastora”.

PASTORA 3: Eu não percebi que deveria ser pastora não. Simplesmente nasceu um desejo no meu coração de fazer teologia, para aprender e ajudar ao pastor nos cultos.

PASTORA 4: Bom, eu congregava né, como membra em uma igreja e ali com o desenvolvimento do trabalho, né, ministério da pregação, desenvoltura ali na oração, desenvolvimento de todo todo trabalho, né, que eu fazia ali naquela congregação, né, o próprio Espírito de Deus foi conduzindo isso, de forma assim; eu entender, é... os profetas, né, as pessoas confirmando isso o chamado pastoral, né, e o próprio Deus confirmando no meu coração, porque as pessoas vinham e me pediam conselhos e tudo de forma pastoral né, faziam perguntas a respeito de bíblia, essas coisas assim, então a gente vai entendendo o caminho, né vai entendendo assim a visão da parte do Senhor. Mas, até chegar o ponto, levou bastante tempo, porque a gente pede mil e trinta confirmações ao Senhor pra não errar né.

PASTORA 5: Tudo se iniciou em 2016, acerca do trabalho lá na sala da minha casa, que aí eu senti que havia algo maior pra mim fazer, para administrar a obra do Senhor completa. Porque, apenas eu era missionária, então eu tive que ser consagrada, fiz dois anos de teologia e fui consagrada a pastora.

Sobre a pergunta 1, todas as pastoras, por unanimidade, concordam que a liderança pastoral é um chamado divino. Não sendo, portanto, uma vontade individual ou pessoal, e sim uma vocação dada e preparada pelo divino. As pastoras 1 e 2 disseram que nunca se imaginaram exercendo a liderança pastoral e até deram a entender uma certa relutância em se aceitarem pastoras. Já as pastoras 3, 4 e 5, parecem aceitar melhor a ideia de serem pastoras. A pastora 3 fez teologia almejando ajudar o seu pastor nos cultos, ou seja, o objetivo era ser auxiliar. A pastora 4, era membra de uma igreja liderada por um homem e por conhecer muito a Bíblia e por se destacar nas atividades da igreja, as pessoas a procuravam e a reconheciam como uma autoridade espiritual, o que ajudou a confirmar o seu chamado para a liderança e posteriormente incentivá-la em seu ministério. A pastora 5 ao iniciar um culto doméstico em sua casa, sentiu haver algo muito maior para realizar na dimensão espiritual o que a motivou a fazer teologia e a ser consagrada pouco tempo depois.

Em todas as 5 entrevistas, percebe-se que o decorrer do ministério pastoral dessas mulheres não foi um evento pontual e específico que as nomeou ou as intitulou pastoras, em todos os casos foram acontecimentos processuais que foram confirmando e consolidando seus ministérios. Prova disso é que algumas já exerciam a função de pastoras, antes de terem o título e de fazerem

teologia. Portanto, não houve um único momento específico que as tenha tornado pastoras, porque o processo de amadurecimento pastoral em alguns casos durou anos.

Todas demonstraram um mínimo de preocupação em terem alguma formação para tal. As 5 tiveram algum grau de formação em teologia, o que era demonstrado como sinônimo de preparo e capacitação para o exercício do cargo.

Talvez o fato de todas terem formação em teologia, seja pela discriminação sofrida pelos ministérios masculinos. E como forma de mostrarem um mínimo preparo para o exercício, a formação deve funcionar como uma forma de garantir a confiabilidade de sua autoridade eclesial. O que as motivou a deixarem bem claro, na entrevista, que tinham formação em teologia e que estudaram muito para tal. Mas, talvez seja preciso pesquisas mais aprofundadas a respeito das motivações e intenções por trás da tendência a todas terem algum grau ou tipo de formação religiosa. Essa pesquisa precisaria desvendar se a formação teológica funciona ou não como um tipo de guarda-chuva antidiscriminação, com a formação funcionando como algum tipo de garantia de autoridade. Também seria necessário identificar se o pastorado masculino acompanha essa mesma tendência, a todos ou quase todos terem formação teológica. O que teoricamente poderia apresentar um quantitativo mais baixo de formação em teologia, em razão dos pastores não sofrerem a mesma discriminação que as pastoras e por não precisarem provar ou justificar sua liderança ou sua capacitação para tal exercício, visto que a própria Bíblia os assegura claramente tal função.

Sobre a pergunta 2: “QUAL FOI O SEU MAIOR OBSTÁCULO PARA SER PASTORA?”

PASTORA 1: “É porque eu não aceitava. É porque o apóstolo Paulo falou que ficasse a mulher calada na igreja rsrsrs...Então eu não queria aceitar aquilo. Mas, aquilo era uma estratégia de Deus e eu não sabia.”

PASTORA 2: Bom, como eu falei antes, eu nunca imaginei de ser pastora, quando fiz a teologia, eu fiz pra aprender a respeito da Bíblia, pra... pra conhecer mais, sobre a pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Então foi mesmo pra ter conhecimento, não pra exercer uma função de pastora, foi apenas pra... pra não ser enganada, pra quando eu ouvir alguém pregando para mim, eu ver se tá certo o que a pessoa tá falando ou errado, se tá batendo com o que a Bíblia diz, entendeu?

PASTORA 3: O maior obstáculo que eu enfrentei quando comecei a fazer Teologia, foi quando indo para o meu trabalho, no fórum, um rapaz me seguiu querendo me assaltar e chegou a levantar a camisa, me mostrou a arma. Pedi a Deus para me guardar, eu consegui escapar entrando numa outra rua e tirando o casaco que era branco, preendi o cabelo e acredito que ele não me viu mais. Só que cheguei trêmula no trabalho e nesta época eu ainda não era pastora. Tive na época, síndrome do pânico (não podia ver uma moto, achava que queriam me matar). Peguei uma licença de 15 dias no trabalho. Os irmãos da igreja que eu frequentava, foram umas três vezes na minha casa orar por mim. Nas não adiantou... Continuava com pânico, só Deus sabe como eu ia para Igreja... Orando e com medo (medo não, pânico), o inimigo trabalhou com força, para que eu não fizesse Teologia.

PASTORA 4: Em princípio, pra consagração pastoral não houve impedimento não, agora a aceitação, né é... que é um pouco complicado, ainda até no dia de hoje, porque tem muito, muitos ministérios que ainda não aceita o pastorado feminino. Mas, a consagração eu não tive dificuldade não, porque eu fui passando né de um ministério pro outro né, assim bem rápido, no tempo que tinha que ser, e quando fui pra ser consagrada eu tive um bispo que teve essa visão, né e logo me recebeu e me consagrou. Então pra consagração eu não tive dificuldade não. Agora aceitação em alguns ministérios, em algumas igrejas assim, e que, isso aí tem barreira sempre, né, sempre as pessoas falando tudo, mas pra consagração não tive dificuldade não.

PASTORA 5: O desafio maior foi, que eu de mim, eu não achava que estava totalmente preparada para poder assumir uma grande responsabilidade em ser pastora, mas eu peguei, garrei, terminei e comecei a estudar e fazer a obra de Deus com perfeição. Porque, até então eu não tenho muito estudo, né, só fiz a oitava série, primeiro ano e fui em frente.

As pastoras 1, 2 e 5 identificaram como maior obstáculo para suas carreiras de pastoras, o fato de não se aceitarem como tal. Essa autonegação ou auto reprovação talvez possa ser explicada pela cultura do ambiente que essas pastoras frequentavam. Porque, no meio evangélico o cargo pastoral é inquestionavelmente atribuído a homens, devido ao que está claramente escrito na Bíblia, a saber, os escritos do apóstolo Paulo, sobre as mulheres permanecerem caladas nas igrejas. Sobre isso a pastora 1 nos dá uma pista, ela mesma chega a afirmar que não queria aceitar o cargo, porque o apóstolo Paulo pregou um tipo de silenciamento às mulheres:

“É porque o apóstolo Paulo falou que ficasse a mulher calada na igreja rsrsrs...Então eu não queria aceitar aquilo.”

A fala da pastora 1, nos leva a questionar sobre como a Bíblia funciona como um crivo, como uma régua de medir aquilo que é certo e aquilo que é errado. De fato, a Bíblia funciona como um manual, como regra de fé e prática para os cristãos, portanto, aquilo que a Bíblia não permite, se configura como errado. Dessa maneira, talvez a Bíblia seja o primeiro obstáculo ao pastorado feminino, antes mesmo até dos preconceitos ou casos de discriminação vivenciado pelas pastoras.

Essas pastoras, no início dos seus ministérios, não se acharam capazes de liderar em uma posição ou função quase exclusivamente destinada a homens. O pensamento inculcado de que esse lugar de poder, de que esse território de gênero é terminantemente masculino, é algo que foi construído desde os primórdios das suas conversões, ou desde que ao crescerem neste ambiente religioso, passaram a entender que “o homem é o cabeça” e a mulher “o vaso mais frágil”. Essa cultura massificada ao longo da trajetória religiosa, pode ter levado ao auto exame, de maneira a se perguntarem se devem ser pastoras ou não. Ao aceitarem o cargo pastoral, elas provavelmente imaginaram que terão que obrigatoriamente se justificarem como pastoras, em ambientes que quase sempre as julgarão. Talvez, por isso, durante as entrevistas, as pastoras faziam questão de dizerem ou mostrarem os certificados, comprovando que tinham teologia, o que passava uma ideia de que estavam preparadas e aprovadas para o cargo, para a função que estavam exercendo. Neste caso, o diploma funciona como uma forma de aprovação pública, blindando-as de parte dos questionamentos preconceituosos. Por essa razão, o diploma é um motivo de orgulho. Esse talvez seja o motivo de todas as 5 pastoras que estavam liderando igrejas possuírem formação teológica. Entretanto, a formação teológica não é capaz de isentá-las de todos os preconceitos, é apenas uma forma de amenizar o preconceito.

Para a pastora 3, o maior obstáculo ao pastorado foi um trauma vivenciado antes de ser pastora, durante o período em que estava cursando teologia. O problema se caracterizou pela tentativa de um assalto, seguido de perseguição, no trajeto para o trabalho. Algo que afetou a vítima em sua saúde psicológica de maneira a desenvolver uma síndrome do pânico, o que a fez cogitar se deveria prosseguir com a vocação para ser pastora ou não.

Já a pastora 4, disse não ter tido nenhum obstáculo quanto a consagração ou obtenção do título de pastora. Entretanto, assegura que os problemas que teve e ainda tem, se classificam em termos de aceitação, o que se traduz de maneira a muitas igrejas lideradas por homens não a reconhecerem como pastora.

Sobre a pergunta 3: “JÁ PENSOU EM DESISTIR DA LIDERANÇA EM ALGUM MOMENTO? PORQUÊ?”

PASTORA 1: “Nunca. Porque agora Deus já fez tudo, já colocou nas minha mão. Só não sei com as autoridade quando vier fechar a igreja, porque isso vai acontecer, a gente já tá ciente que isso vai acontecer, porque é bíblico. E quando ela vier eu tenho que respeitar a autoridade e fechar a igreja.”

PASTORA 2: “Não, eu nunca pensei. Porque é como eu disse antes, eu nunca pensei em ser pastora, e... como aconteceu o meu chamado, que foi um chamado assim... direto de Deus pra mim” [...]

PASTORA 3: Sim. Mas foi logo no início que eu fui consagrada a Pastora. Como falei, a princípio, fiz teologia para ajudar o meu pastor. Mas assim que fui consagrada a pastora, sofri ciúme pastoral/ ministerial (o pastor que

eu queria ajudar, passou a ter ciúmes de mim). E resolvi sair da Igreja, a qual eu queria tanto ajudar o pastor. Mas jamais sair da presença do Senhor. [...]

**PASTORA 4:** “Inúmeras vezes, porque é muito difícil. Muito difícil lidar com pessoas, as pessoas, né são indivíduos né cada um tem o seu pensamento cada um tem o seu posicionamento, um dia a pessoa quer outro dia a pessoa não quer, você tá contando com aquela pessoa e daqui a pouco ele dá pra trás de uma hora para outra, você se vê sozinho, né. E isso sem contar com as nossas próprias lutas pessoais, né os nossos problemas pessoais que a gente passa, né, enfermidades e outras coisas mais que a gente passa, a gente está contando com as pessoas que estão à nossa volta, e aí a gente não tem ninguém de repente, e muitas das vezes dá vontade de parar, dá vontade de parar e parar mesmo, trancar as portas e ir pra algum lugar e ficar só sentado lá no último banco, só ouvindo.”

**PASTORA 5:** “Já tive momento de pensar em desistir, né, porque vem sempre um processo tão árduo pela nossa vida, mas eu olhei para o outro lado, que tinha vidas, almas precisando de mim. Foi o que me motivou a se erguer, se reanimar, em prosseguir em fazer a obra de Deus.”

As pastoras 1 e 2 relatam que nunca tiveram momentos decisivos a ponto de as fazerem cogitar abandonar o ministério, o que não quer dizer que elas não tenham passado por dificuldades no percurso pastoral. Como justificativa para não pensarem em desistir, ambas atribuem o chamado divino para a vocação em que estavam. Elas passaram a ideia de que estavam cumprindo um chamado de Deus e, por isso, não poderiam retroceder. Essas afirmações se justificam pelos seguintes trechos, quando perguntadas se já pensaram em abandonar a igreja:

Pastora 1: “Nunca. Porque agora Deus já fez tudo, já colocou nas minha mão.”

Pastora 2: “Não, eu nunca pensei.” “como aconteceu o meu chamado, que foi um chamado assim... direto de Deus pra mim”

Já com as pastoras 3, 4 e 5 a resposta foi diferente. Ambas disseram que sim, já pensaram em desistir da liderança. Sobre as motivações, enquanto que a pastora 3 aponta como principal razão um ciúme pastoral, que sofreu do seu próprio pastor, no início da obtenção do seu título, a pastora 4 reitera as dificuldades de se lidar com as pessoas e os seus problemas pessoais como as maiores fontes de desânimo. A pastora 5 também apontou os processos árdios da vida, ou seja, problemas pessoais como os maiores fatores que possivelmente a faria desistir.

Sobre a pergunta 3, tínhamos uma ideia de que o sexismo nas suas formas expressas, por meio dos preconceitos, cancelamentos e discriminações, fossem fatores decisivos a ponto de fazerem as pastoras pensarem em desistir. Entretanto, a resposta foi negativa. O sexismo não apresentou um fator determinante e decisivo a ponto de fazer as mulheres quererem fechar suas igrejas. Neste sentido, o sexismo pareceu só mais um dos muitos problemas que as pastoras enfrentam no dia a dia dos seus ministérios. Não obstante, não se deve ter o sexismo como irrelevante, se tratando de ser um ataque agressivo contra as mulheres pastoras.

Sobre a pergunta 4: “PARA ALÉM DE SER UM CHAMADO DIVINO, QUAL A SUA MOTIVAÇÃO PARA SER PASTORA?”

**PASTORA 1:** “A fé, né? Eu tenho uma fé muito grande em Deus. Que tudo que eu vou botar a minha mão e fazer eu consigo fazer.”

**PASTORA 2:** “O Espírito Santo, o Espírito Santo de Deus. Porque eu não faço nada, é... sem falar com Deus e sem esperar a resposta de Deus e eu tenho medo de passar por cima de Deus.” [...]

**PASTORA 3:** “Além do chamado divino, o que me motiva é o amor pelas almas. O prazer de pregar o Evangelho da Salvação.”

PASTORA 4: “É... eu amo a palavra né, e o pastorado ele envolve isso, o ministério da palavra. Você tem que ter um conhecimento dentro da palavra, né pra poder tá conduzindo o povo, né você tem que conduzir as pessoas pela palavra e eu amo a palavra e é a área o ministério que o Senhor me confiou, o ministério da palavra e é por aí.”

PASTORA 5: “Pelo amor pelas almas, porque uma alma não tem preço. É isso que me levou a levar a obra de Deus. Pelas almas, pelas vidas que estão precisando de Jesus.”

Em relação à questão 4, a fê que se traduz pela crença em Deus, se mostrou a principal motivação entre as pastoras 1 e 2. Elas atribuem suas lideranças a um chamado divino que precisa ser cumprido. Já entre as pastoras 3 e 5 a motivação que se destacou foi referente ao amor pelas pessoas que ainda não são cristãs, isso significa que essas pastoras têm como principal motivação, a pregação da Bíblia para os não crentes. A pastora 4, disse que o amor pelos conhecimentos da Bíblia é o que mais a motiva ser pastora, além de ajudar a conduzir a igreja.

Como já era de se esperar para essa pergunta 4, das entrevistas, a fê funciona como o principal elemento motivador para que as pastoras se mantenham no cargo, ou seja, são elementos teológicos dentro do próprio cristianismo que as motiva.

Sobre a pergunta 5: “VOCÊ É PASTORA AUXILIAR (SÓ TEM O TÍTULO) OU É PASTORA EFETIVA (LIDERA ALGUMA IGREJA)?”

PASTORA 1: “Não. Sou pastora jurídica mesmo, presidente. Temos CNPJ, temos todas as documentações da igreja. E temos uma convenção ainda, em cima da gente.”

PASTORA 2: “Pastora efetiva.”

PASTORA 3: “Sou pastora presidente. Lidero a Igreja que congrego.”

PASTORA 4: “Sou pastora presidente aqui.”

PASTORA 5: “Sou a pastora presidente da igreja.”

Sobre a pergunta 5, todas as pastoras afirmaram ser efetivamente a liderança máxima das igrejas em que as entrevistas foram realizadas. Durante conversas antes e depois das entrevistas, algumas pastoras relataram serem ajudadas por alguns homens e mulheres que também lideram, mas que estão sob a autoridade da pastora efetiva. Por isso, algumas pastoras não lideram única e exclusivamente sozinhas, elas recebem auxílio de outras pessoas que participam na liderança da congregação.

Sobre a pergunta 6: “JÁ SOFREU ALGUM CASO DE MACHISMO DENTRO DE ALGUMA IGREJA? COMO FOI?”

PASTORA 1: CASO 1 - “Ah... jah... Quantas foi... Olha, teve uma vez que eu fui numa igreja Assembleia aqui para baixo, era pequenininha. Eu tava acostumada a ir no culto lá, eles me davam oportunidade, mas depois, parece que mudou o pastor. Era Assembleia, mas era outro pastor, de outra Assembleia. Aí, o povo era o mesmo, eu continuei indo. E eles deixava a gente no banco, não dava uma oportunidade, nem pra você se expressar a alegria do seu coração.”

Veja que o fato dessa pastora não ter tido oportunidade para falar, tem muito a dizer sobre o novo líder que assumiu essa igreja. Antes era um espaço onde as mulheres podiam falar e agora as mulheres com o título de pastoras passam a ser vistas como uma possível ameaça.

“Agora eu como mulher de Deus, humilde, porque nós temos que ser humilde, porque nós temos que ser humilde, ele disse aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, então você não vai para a igreja do zoto caçar

confusão nem brigar, você vai buscar a Deus ou levar algo para lá, que se ti der uma palavra, quando você pregar, né! Um tema duma festividade, aí a gente vai pregar em cima daquilo. Aí ele falou para mim, aí não falou nada. Toda vez que eu ia lá, ele fazia aquilo. Mas, eu não desistia de ir não. Eu não desistia porque eu amava muito a dirigente de lá, que era minha amiga. Desde novinha, era minha amiga, aí teve um dia que ela pediu para ele me dá uma oportunidade, aí ele enrolou, enrolou e não deu. Aí eu vim embora.”

CASO 2 - “Teve uma igreja liderada por um pastor, que ela mandou uma carta pra cá. Mandou uma carta convidando para uma festividade. Aí quando eu cheguei lá, era muita gente também, não sei se foi esquecimento, porque eu não gosto de tá acusando o zoto, sem ter a certeza direita da coisa. Então no caso, ele pegou e apresentou os pastores todinhos das outras igrejas, quando foi na hora da minha igreja, ele passou por mim que nem a paz do Senhor ele não deu, correndo. Eu tava vendo que ele tava na pressa, né!”

Nota-se que o dirigente dessa igreja, no dia da festividade lembrou de apresentar todos os pastores e saudá-los com o bem-vindo, mas a pastora que foi com os membros da sua igreja, em nenhum momento foi citada. Isso não é mera coincidência, outras pastoras também relataram ser ignoradas no momento das apresentações. E quando são apresentadas, não são tratadas pelo título de “pastoras”, ao invés disso, são chamadas de “irmãs”.

“Eu falei: “porque que ele não apresentou pelo menos o nome da igreja, nem o nome da igreja foi anunciado”. Quando ele leu lá, né! tudo que a secretária botou lá na carta, ele leu e ele não falou. Ele falou igreja fulana de tal, grupo fulano de tal, eu com o grupo todo lá para louvar. Na época tinha umas 10 mulheres minhas lá para louvar, tudo uniformizado como ele pediu, entendeu. Ele disse para ir com o departamento musical e eu fui. Então, o meu cumprimento, a minha obrigação de mulher de Deus eu fiz, foi atender o chamado da igreja lá. Agora eu não fui pra lá pra dirigir igreja e nem pra fazer nada, eu fui para lá pra mim, honrar a igreja lá, honrar o povo lá, era festividade eu fui lá para isso. Aí mermo assim honramos o povo, né. Porque nós aí, voltamos de lá e ainda recebemo bença, ainda po cima.”

CASO 3 - “Olha eu fui numa igreja, eu não vo na igreja para sentar em ministério di ninguém, porque o ministério que Deus me deu foi esse aqui e no dá Santana. Mas, ministério é ele que dá. Então aí eu vo faze, aonde eu vo trabalhar aonde Deus tá mandando. Vó trabalhar em ministério do zoto, eu já sei que eu vou lá e vou passar a vez por isso. Então chega lá, eles dão assim, às vezes oportunidade po grupo e se tiver um presbítero junto comigo eles chamam pra sentar lá em cima, mas a pastora não, a pastora fica embaixo, entendeu!

Esse talvez seja um dos episódios mais discriminadores para uma mulher pastora, quando os membros da sua igreja, mesmo sendo de um cargo menor, apenas pelo fato de serem homens, são convidados para sentarem-se no ministério. Enquanto que, as líderes são deixadas embaixo, na ala dos visitantes.

Agora eu já fui em vários ministérios que os irmão, o pastor veio chamar pro púlpito, pá sentar no púlpito, eu falei eu não quero não, você me perdoa, eu falei né por nada não eu to acostumada ficar no meio das irmã aqui mesmo. Eu não sei ficar no meio daquele monte de homem, eu sozinha mulher lá em cima não quero. Me tratou muito bem. Pastor Daniel aqui, esse eu posso citar, pastor Daniel me trata muito bem, pastor João me trata, uma seda. O pastor João chega mandar panhá no banco para sentar lá, às vezes eu nem vou lá, por causa disso, entendeu! Porque, às vezes não gosto de ministério não, ficá presa.”

PASTORA 2: [...] “Então, eu não esquento com isso, eu não dou satisfação, ah porque tem no livro tal, eu não entro, assim... em debate com as pessoas, porque eu sei do meu chamado, porque o Senhor me chamou, eu tenho um chamado de Deus. Não foi o homem que me chamou, foi o próprio Deus que me chamou. Então eu tenho ciência disso, então eu, quando as pessoas querem questionar comigo, eu falo pergunta pra Deus! Porque, com certeza Deus vai te responder. Assim que eu falo, eu não fico discutindo. E os pastores que me ignora, eu não esquento a cabeça, porque eu tenho muito amigos, pastores homens, que me respeita, me aceita, me leva pro pro... me coloca no meio lá, no ministério. Então eu não faço questão de tar lá encima no ministério, eu quero tá na casa de Deus, sentada na cadeira, ouvindo a palavra e não precisa nem dá oportunidade, entendeu, mas eu gosto de estar.

Aqui a entrevistada não demonstrou se preocupar muito com os questionamentos discriminatórios que recebeu.

Então eu tenho muitos pastores amigos que me dão honra, entendeu é... aqui no Cacuia, por exemplo é... tem pastor aqui que eu tiro o chapéu pra ele, entendeu, aqui no Cacuia, então é uma pessoa que me honra, mas, daqui do Cacuia prá lá, entendeu, meu Deus, é totalmente diferente, o meu problema é somente no bairro que eu moro, porque nos outros bairros, eu sou convidada pra pregar, igrejas grandes, não é igreja assim pequena igual a minha não, igrejas grandes me convidam pra pregar, não quer saber se eu tenho teologia se eu não tenho, entendeu, então, é porque é o Senhor que me usa, é o Senhor que manda as pessoas me convidarem.” [...]

“Eu oro por esses pastores que são machistas, porque né só pastores não, tem mulheres também, entendeu, que não aceita pastora, eu acho que tem mais mulheres que critica as mulheres pastoras do que os homens, porque tem a perseguição das mulheres também que não são pastoras. A gente fala da perseguição dos homens, mas tem mulheres também que não são pastoras e que perseguem esse ministério pastoral de mulheres no ministério, entendeu. E eu acho que ainda é pior do que os homens, porque ao invés de apoiar não, entendeu, criticam, entendeu, “não sei porque mulher pastora! Não existe, lugar de mulher é no tanque” Mas, enfim” [...]

**PASTORA 3:** “Sim. Lembro muito bem que fui visitar uma Igreja, num dia de consagração, e o dirigente da Igreja, que era um evangelista, hoje ele é presbítero (ainda não é pastor), ele sabia que eu sou pastora e convidou todos os pastores homens, para sentar no altar, menos a mim. Percebi que era discriminação pelo fato de eu ser uma pastora. Até pastores que não dirigiam nenhuma Igreja foram convidados, simplesmente por serem homens, mas eu não fui pelo fato de ser uma pastora mulher. Percebi, que ali havia acepção de pessoas por parte daquele dirigente. Jesus não faz acepção de pessoas. O Senhor usa quem ele quer, homem ou mulher, para fazer a sua obra. O Senhor não olha para aparência, mas olha o interior, o coração. Quando ele usou Samuel, para ungir um dos filhos de Jessé, a primeira coisa que ele falou para Samuel foi para não olhar para aparência: “O homem olha por fora, mas Deus olha o interior”.

**PASTORA 4:** “Bom, é assim... é... diretamente, diretamente não, tá mas a gente percebe, tá eu já percebi isso né, o machismo. Tipo é... outras pessoas assim pra subir no ministério e eu ficar de fora, ficar embaixo, sabe aquela exclusão assim eu não ser cumprimentada, né não estender a mão pra me cumprimentar, as pessoas me olharem meio de lado, né é... esse caso assim, o fato de as vezes estar sozinha, não ter um acompanhante junto comigo, ter alguém junto comigo, eu senti assim aquela exclusão, né principalmente isso de, às vezes, andar sozinha, que eu sempre ando sozinha, eu prefiro até mais andar sozinha, porque? por causa dos atrasos, né. Eu prefiro até andar sozinha, muito por causa disso, né, certas exclusões, às vezes, a gente prega e fala assim algumas verdades dentro da bíblia e depois a gente não ouve, né é... confrontos assim, as pessoas não falam diretamente, mas depois a gente, por algum motivo fica sabendo que, “há... quem ela pensa que é pra chegar aqui e a gente já tem conhecimento, a gente já tá a mais tempo, né na igreja” essas coisas assim.

Aqui a entrevistada também relatou passar por algumas situações desconfortáveis, e até mesmo deu a entender que não foi mais convidada para ir em certos lugares. Não somente neste caso, mas também em outros, as pastoras tiveram uma tendência a se apoiarem na fé que possuem em Deus, como motivação para continuarem exercendo suas funções.

Né, as pessoas não tem assim uma certa dificuldade, mas eu não me preocupo muito com isso não, se não puder voltar mais lá, eu não volto, porque sempre Deus vai abrir outra porta em outro lugar e eu costumo dizer que se não dá pra dá glória desse lado, a gente vai dá glória do outro lado, a gente não pode é deixar de glorificar o nome do Senhor. Chateia, a gente se aborrece, né, se aborrece assim, fica chateado né, porque é a obra do Senhor, né que a gente tá fazendo, a gente não tá fazendo a nossa obra, o nosso querer, a gente tá fazendo aquilo que é de Deus. E quando, eu entendo que quando as pessoas nos confrontam, estão confrontando a Deus, né e assim chateia um pouco, mas a gente vai levando, porque, recompensa vem do alto.”

“É assim, é... é... é conforme eu falei, é um certo pouco caso, né um certo pouco caso, eu percebi que eu não fui assim muito bem aceita, muito bem tratada, né é outras pessoas foram chamadas pra uma certa salinha lá de de uma sala que... de recepção e eu não fui, entendeu eu eu tava junto com essas pessoas. Eu só estou comentando, porque é uma pergunta, mas nada que... não preciso, nem dependendo disso, né dessas coisas, mas eu só estou comentando por causa da pergunta, mas não faz muita diferença assim pra mim não, o meu alvo é o céu.”

PASTORA 5: “Já sofri sim, algum caso sim, porque em algumas igrejas que eu fui, eu não fui reconhecida como mulher em ser pastora, até chamada de irmã ou missionária, mas não de pastora, mesmo com a minha credencial, eu tive essa discriminação.”

Quando perguntada se havia algum outro caso, a pastora 5 respondeu:

“Houve sim, na verdade houve sim, foi aqui na minha igreja, meu vice trouxe algumas pessoas ilustres, para pregar a palavra do Senhor, e passaram, subiram no ministério e não me cumprimentaram, só cumprimentou o meu vice, que é o pastor Édson, a minha pessoa não cumprimentaram.”

“Já chegaram diante de mim, lá fora e falando que não tem pastora, não tem pastora, não tem e falaram para mim então me mostra na Bíblia se tem pastora, não tem pastora. Aí citou o negócio da Raquel, que Raquel, ela pastoreava ovelhas né. E não tem pastora, né, isso aí é o homem que quer titular as mulheres como pastora. E eu cheguei pra essa pessoa lá fora e falei enquanto muitos homens não querem assumir o seu papel, as mulheres estão avançando nesse papel para pastorear e tem levado a obra de Deus a sério.”

Sobre terem sofrido casos de preconceito de gênero, todas as pastoras foram unânimes em dizer que já sofreram sim casos de discriminação, dentro de algumas igrejas evangélicas.

A pastora 1, disse ter passado pela situação de receber carta de convite, para festividade na igreja de alguns pastores e não ter sido apresentada como pastora, e nem o nome da igreja foi citado, enquanto que as igrejas lideradas por homens, todas foram mencionadas; o que a pastora 1 julga ser um descaso, se tratando de ela ser uma mulher pastora.

A mesma pastora também relatou que quando visita algumas igrejas, os presbíteros da sua igreja são chamados para sentar no ministério, enquanto que ela como pastora fica em baixo, no plenário da igreja:

“Então chega lá, eles dão assim, às vezes oportunidade pro grupo e se tiver um presbítero junto comigo eles chamam pra sentar lá em cima, mas a pastora não, a pastora fica embaixo, entendeu!”

A pastora 2, relatou como discriminação o fato de não ser chamada para sentar no ministério de algumas igrejas, embora destacou que em muitas outras igrejas, lideradas por homens, ela foi tratada muito bem:

“E os pastores que me ignora, eu não esquento a cabeça, porque eu tenho muito amigos, pastores homens, que me respeita, me aceita, me leva pro pro... me coloca no meio lá, no ministério. Então eu não faço questão de tar lá encima no ministério, eu quero tá na casa de Deus, sentada na cadeira, ouvindo a palavra e não precisa nem dá oportunidade, entendeu, mas eu gosto de estar.”

A pastora 3, também relatou a discriminação por meio da ausência de convite para sentar no ministério, mesmo diante de vários pastores serem convidados no mesmo momento, até mesmo os pastores que não lideram igreja nenhuma:

“Lembro muito bem que fui visitar uma Igreja, num dia de consagração, e o dirigente da Igreja, que era um evangelista, hoje ele é presbítero (ainda não é pastor), ele sabia que eu sou pastora e convidou todos os pastores homens, para sentar no altar, menos a mim. Percebi que era discriminação pelo fato de eu ser uma pastora. Até pastores que não dirigiam nenhuma Igreja foram convidados, simplesmente por serem homens, mas eu não fui pelo fato de ser uma pastora mulher.”

A pastora 4, também disse ter sido excluída de sentar no ministério:

“É... diretamente, diretamente não, tá mas a gente percebe, tá eu já percebi isso né, o machismo. Tipo é... outras pessoas assim pra subir no ministério e eu ficar de fora, ficar embaixo, sabe aquela exclusão assim eu não ser cumprimentada, né não estender a mão pra me cumprimentar, as pessoas me olharem meio de lado, né é...”

A pastora 5, disse ter tido problemas com relação ao reconhecimento e com a nomenclatura, mesmo apresentando a sua credencial nas igrejas. Ao invés de a chamarem de pastora, utilizaram os termos missionária ou irmã:

“Já sofri sim, algum caso sim, porque em algumas igrejas que eu fui, eu não fui reconhecida como mulher em ser pastora, até chamada de irmã ou missionária, mas não de pastora, mesmo com a minha credencial, eu tive essa discriminação.”

Sobre a pergunta 7: “QUAL É A SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO FEMINISTA, CONCORDA OU DISCORDA E PORQUÊ?”

PASTORA 1: “Eu acho que tudo que é político não é bíblico, tudo que vem de política, tem coisas, alguma coisa que presta, outras não. Então eu não concordo.”

PASTORA 2: “Bom, o movimento feminista, eu... não concordo não, entendeu! eu não concordo não porque tudo que chega ao extremo não é legal, não é legal, então eu acho que, que a pessoa, tem que saber o teu lugar sim, tem que saber o seu lugar e tem que respeitar também o outro, a opinião do outro, tem que, aonde, quem quer respeito, respeita, eu penso assim, entendeu! Tudo que leva assim, ha... porque, porque às vezes a pessoa generaliza, então bota todo mundo ali junto, na mesma situação. Não! a pessoa tem que aprender separar, nem todo mundo age daquela forma, então nós temos que respeitar, entendeu. Tanto a mulher tem que respeitar o homem, o homem tem que respeitar... o sexo feminino tem que respeitar o sexo masculino e ambas as partes, eu penso assim, entendeu.”

PASTORA 3: “Bem, a minha relação com o movimento feminista, assim, eu aprovo em parte o movimento feminista, sendo que a palavra do Senhor diz, que a mulher ela precisa estar submissa ao homem, então por isso, que é por parte, eu não defendo totalmente e nem discordo totalmente. Eu acho que por parte as mulheres, as suas causas elas precisam defender as suas causas sim, mas num certo ponto, nós precisamos ter por base a palavra de Deus. E a palavra de Deus, diz que a mulher, seja submissa ao seu esposo, ao seu marido. Então, eu vejo assim, que a mulheres que por ser muito, ter muito esse movimento feminista em mente, às vezes, até no próprio lar, se sobrepoe ao homem. Ela, ela acha que ela pode ser mais do que o homem, então temos que ter vigilância nesse sentido. Agora, com relação às mulheres trabalharem, assim, em alguns tipos de serviços, eu aprovo, eu acho que elas têm a causa, as causas que elas defendem, algumas coisas, eu aprovo, outras eu não, não concordo. Mas, aí é bem pessoal.” [...]

PASTORA 4: “É em matéria de trabalho, nessa área assim, é até concordo, né porque eu penso que não dá pra fazer uma certa distinção. Se a função é a mesma, o trabalho é o mesmo, a carga horária é o mesmo é a mesma né, então não tem porque diferenciar na hora do salário. Mas, é assim, em outras áreas tirando na parte é... trabalhista, pela bíblia não tem isso da mulher tá muito acima, né bíblicamente falando, bíblicamente falando não tem como a mulher está é... acima igual ao homem é pra estar ao lado ajudando, né mas nunca nesse patamar que o feminismo exige aí fora. Então, bíblicamente eu fico com a bíblia, agora em questão de trabalho, em questão de salário, eu sou a favor, porque é um trabalho, é justiça até vem pelos parâmetros bíblicos também, questão de justiça, a pessoa estudou, tem uma função, né é a mesma coisa, então eu penso que é válido.” [...]

PASTORA 5: “Eu concordo com as mulheres estarem nas atividades em todas as áreas, né, seja ela ser pastora, ela ministrar uma empresa, ela ser uma motorista, ela ser do lar, que a mulher ela tá em todos parâmetro que engloba ela e ela sempre pega com garra, com determinação. Sou a favor das mulheres sim.”

Sobre a questão de concordar ou não com o feminismo, as pastoras ficaram divididas em suas opiniões. As pastoras 1 e 2 disseram que não concordam. As pastoras 3 e 4 disseram concordar em partes e inclusive ambas lembraram sobre as passagens bíblicas que dizem que a mulher deve ser submissa ao homem. A pastora 5 disse concordar e não apresentou nenhuma ressalva.

As pastoras 3 e 4 reproduziram falas que são muito utilizadas por pastores machistas:

Pastora 3 - “a palavra do Senhor diz, que a mulher ela precisa estar submissa ao homem, então por isso, que é por parte, eu não defendo totalmente e nem discordo totalmente.”

“Então, eu vejo assim, que a mulheres que por ser muito, ter muito esse movimento feminista em mente, às vezes, até no próprio lar, se sobrepõe ao homem. Ela, ela acha que ela pode ser mais do que o homem, então temos que ter vigilância nesse sentido.”

Pastora 4 - “pela bíblia não tem isso da mulher tá muito acima, né biblicamente falando, biblicamente falando não tem como a mulher está é... acima igual ao homem é pra estar ao lado ajudando, né mas nunca nesse patamar que o feminismo exige aí fora. Então, biblicamente eu fico com a bíblia”

Fica claro nesses trechos, que a Bíblia mantém uma influência decisiva na opinião das pastoras, elas citam a Bíblia dando a entender que não podem discordar daquilo que está escrito. Identificamos aqui, que a interpretação hegemônica acerca da submissão da mulher ao homem, e a sobreposição do homem sobre a mulher, no lar, é reproduzido pelas pastoras. A doutrinação patriarcal se mostrou impregnada na fala das pastoras. Por isso, mesmo algumas pastoras sendo receptivas a algumas ideias do feminismo, como igualdade salarial, ainda apresentaram elementos do discurso dominante.

No geral, quando perguntadas sobre seu posicionamento em relação ao feminismo, quase todas as pastoras transpareceram desconhecer o movimento feminista, bem como as suas ideias centrais. Algumas até mesmo chegaram a pedir uma definição.

As pastoras se mostraram aquém de posicionamentos significativos de revanche ou qualquer tipo de contra-ataque ou retaliação pelos casos de discriminação que sofreram, algo que se confirma a partir do desconhecimento da luta pelos seus próprios direitos. Não que o feminismo seja a única via para combater o preconceito, mas que por ser algo bem visível midiaticamente, suas influências poderiam ser bem claras nos ministérios femininos. Portanto, nesta pesquisa, as influências do movimento feminista nas lideranças femininas cristãs se mostraram mínimas ou quase inexistentes. Entretanto, não descartamos a possibilidade de que haja igrejas e pastoras que abertamente simpatizam com o movimento de luta pela causa das mulheres, e até mesmo se envolvam em alguma esfera política.

Aqui, o critério para definir se havia alguma influência do movimento feminista ou não foi averiguado pelo nível de conhecimento acerca do assunto referente ao feminismo, algo que praticamente todas as pastoras mostraram desconhecer durante as entrevistas. Por isso, o pastorado feminino nesta pesquisa, não apresentou nenhuma relação com o movimento feminista. Suas iniciativas de maneira a abrirem igrejas e se tornarem pastoras, podem ser unicamente religiosas, com possibilidade de influências externas. As pastoras não apresentaram rivalidades ou concorrência com os ministérios liderados por homens. Já o inverso, não podemos afirmar, seria preciso uma outra pesquisa, visando identificar se há um certo grau de concorrência dos ministérios masculinos para com os ministérios femininos.

Sobre a pergunta 8: “QUANDO VOCÊ VISITA OUTRAS IGREJAS LIDERADAS POR HOMENS, ELES TE CONVIDAM PARA SUBIR NO MINISTÉRIO?”

PASTORA 1: “Alguns, alguns homens convidam, não todos, a maior parte não, a maior parte não gosta de mulher pastora e nem no ministério muito menos. Eu já fui em tantas igrejas, a maior parte é o que não chama, às vezes até amigo meu, mas eles têm ordem, lá da assembleia deles, pra eles não botar uma mulher no ministério, e tem essas ordens. Eles não gostam de uma pastora que administra como um homem, porque uma pastora aqui, ela é o anjo da igreja. Se eu sou uma pastora jurídica, sou uma pastora e fundei uma igreja, eu tô no lugar, eu tô na cadeira de um homem, eu não sou um homem, mas eu tou na cadeira de um homem. Aí eles acham que tá errado isso, que isso não é certo.”

PASTORA 2: “Olha, isso aí acontece sempre né, isso aí acontece sempre sempre, porque, o machismo é muito grande. E as pessoas é... convidam pra poder ir à igreja, mandam carta, essas coisas toda, e quando convidam pra pregar, aí já manda o aviso que, em cima lá do ministério não vai subir, vai ficar em baixo com as imãs. E sempre é... quem me convida pra pregar, é... faz essa notificação, né “oh... o pastor e... falei com o pastor, Deus me tocou pra eu chamar a senhora” aí eu falo “Deus tocou? Então eu vou”, então se Deus manda eu vou. E se Deus não manda, eu não vou. E se eu recebo carta, muitas cartas assim eu já rejeitei, não fui, por causa disso, porque, por causa dá pessoas convida, o pastor assina as cartas, convida, e quando a gente chega na igreja é como se a gente tivesse transparente. Então, “ah... estão conosco” aí pra falar pastora é muito... custa sair da boca deles,

porque já que eles não aceitam e lá eles tem que falar, ah tá conosco... a pá pá pá pastora, tem uns que até gaguejam. Então é uma coisa constrangedora, mas como eu não to aqui pra agradar o homem e sim a Deus, eu não esquento, eu não ligo. Então eu estou lá pra poder adorar ao Senhor. Então louvo ao Senhor, glorifico a Deus. E saio de lá alimentada com a palavra e isso aí não me afeta, de jeito nenhum.”

**PASTORA 3:** “Alguns sim, outros não. Na maioria, sim. Hoje assim, tem tem muitos homens que tem um pensamento diferente de outros que pensam que mulher, que a mulher não deve subir no púlpito. Mas, a maioria, permite que sobe, que eu suba sim, e me trata muito bem, de igual, não faz acepção. A grande maioria dos homens não faz acepção. Entendeu, então alguns ainda tão naquela, naquele método arcaico, aquela coisa di di... di que homem, só homem pode estar no altar. Mas, a maioria não, inclusive quando eu ainda não era pastora. Eu era diaconisa, né, alguns pastores me convidaram pra estar no altar e até pregar, até pregar eu fui convidada. Então quer dizer, é... a minha resposta é sim, então eles... a maioria sim, me convida pra estar no altar.”

**PASTORA 4:** “É, aí é que tá né, não são todas as igrejas, inclusive agora, esses dias mesmo, né eu tive numa igreja lá que é... quando eu tive a oportunidade, o irmão já veio de longe já, esticando a mão pra baixo assim, pra que eu não tivesse a intenção de subir, né no ministério, eu tive oportunidade em baixo. Isso é frequente, já fui convidada para pregar também numa igreja e nem uma mesinha embaixo para eu botar a bíblia não puseram, eu tive que pregar com a bíblia na mão e como eu estava muito enrolada, porque eu gesticulo bastante, eu arrastei uma cadeira, botei assim do lado e botei a bíblia na cadeira, dei o meu jeito. Porque eu fui ali para fazer a obra, não fui para olhar para essas coisas, mas né, a pergunta está sendo feita, mas tem muito, muito, muitos lugares que não aceita. A gente fica lá embaixo e é assim, mas eu vou lá pra fazer o que eu fui fazer, se eu fui chamada para pregar eu vou pregar e se tem um tema eu prego dentro do tema e se não tem tema eu prego o que Deus me deu para pregar, entendeu. Se eu fui pra fazer uma visita eu vou, eu tô sozinha, se eu tiver oportunidade eu falo o que tem que falar, se eu tiver em grupo eu atuo junto como o grupo. É meio chato, mas a gente vai seguindo, o alvo é o céu.”

**PASTORA 5:** “Alguns convida e outros já não convidam, eu fico lá embaixo, sentada lá junto com a membresia da igreja. A maior parte nem convida, a maior parte não convida, né, faz uma discriminação a respeito de mulher ser pastora.”

Com exceção da pastora 3, todas as outras pastoras disseram que a maioria dos pastores não convidam as pastoras para sentar-se no altar da igreja. Todas elas de alguma forma ou em algum momento relataram terem sido excluídas do altar. Através das visitas de campo, constatamos que a maior parte das pessoas que ficam no altar, são do gênero masculino. Poderíamos explicar isso pelo fato de no meio evangélico existir mais pastores homens do que pastoras mulheres. Mas, nas igrejas lideradas por mulheres, em cuja maioria também identificamos nesta pesquisa serem compostas majoritariamente de mulheres, percebeu-se mais homens do que mulheres nesse local de poder.

O altar ou ministério, sempre foi e ainda é o local mais importante da igreja. É de lá que os cultos são administrados e é neste local da igreja em que se concentra a maior parte dos líderes das igrejas. Sendo assim, o altar é efetivamente um lugar de poder e de liderança. Um local da igreja desenhado e criado por e para homens, onde não há espaço para mulheres, salvo algumas exceções. Por isso, a presença de mulheres no poder, nesses espaços de liderança, incomoda alguns homens. Esse talvez seja o motivo de todas as mulheres desta pesquisa, terem relatado serem excluídas deste local.

Sobre a pergunta 9: “OS CONVIDADOS PARA MINISTRAR EM SUA IGREJA, SÃO EM SUA MAIORIA HOMENS OU MULHERES? TEM ALGUMA INTENCIONALIDADE EM SER UM OU OUTRO? PORQUÊ?”

**PASTORA 1:** “Os dois, tanto homem quanto mulher. Se é ministro ou ministra, é igual. Então eu acho assim, chegou aqui a ministra, ela vai pro ministério, chegou um ministro, os ministro vai, às vezes, eu sou tão humilde que, às vezes um monte de pastor aqui, eu dou o ministério para eles sentarem, eu não vou fazer igual eles fazem comigo, dou o ministério para eles sentarem e fico nesse ministério de baixo. Mas, isso não quer dizer que é porque eu sou melhor di que ninguém, é porque eu tou dando prioridade pra visita, pra aquele que vem de fora, tratá-los bem. Eu não fui bem tratada na igreja deles, mas eu tratei ele bem na minha, ele não tem como dizer nada.”

PASTORA 2: “Bom, eu convido aquele que o Senhor manda. O Senhor toca no meu coração pra eu chamar alguém, um servo, uma serva dele, aí eu convido” [...]

PASTORA 3: “Então, aqui não tem assim... acepção, pode homem quanto mulher, né, se chega pastores eu convido ou até convido antes. Temos, vamos supor, um dia de consagração, aí chega um pastor, eu deixo a palavra ao pastor, se chega uma pastora, a pastora, quem chegar primeiro, eu dou assim, eu vejo assim, quem chegou primeiro foi o pastor ou a pastora, então ele vai pregar, o outro traz uma devocional, alguma coisa parecida, mas não tem assim, não tem nem assim, não dou mais prioridade a mulher, pelo fato de eu ser mulher e nem pro homem, eu não vejo assim” [...]

PASTORA 4: “Não, não. Tanto homens quanto mulheres eu nem presto atenção nisso, nem sei se eu chamo mais homens ou mulheres, independente... vai chamando, vai chamando, entendeu. Conforme o Senhor vai tocando a gente vai chamando, às vezes, não consegue comum, mas consegue como outro, é... a gente não faz distinção não, entendeu. E aqui é um espaço pequeno, então não dá pra caber todo mundo ali, então tem pregador que não vai pra lá, porque ali é imprensado, fica meio calor, mas vai, tanto homem, quanto mulher, todo mundo vai pra lá, eu chamo todo mundo pra lá. A gente não liga pra isso. Nem sei dizer se eu chamo mais homem ou mais mulher, chamo todo mundo. Óbvio, que tem alguns meses, por exemplo, mês de Março, às vezes, a gente prioriza por mulher, mês de Maio, mês de Março né, mês das mulheres, mês de Maio, que é mês das mães. É... Novembro azul, que é dos homens, aí tem esse negócio aí agora né, que surgiu isso aí agora. Então, a gente em Novembro azul prioriza por homens. Mas, esse negócio surgiu aqui agora, mas quando não tinha nada disso... chama homem, chama mulher, chama jovem e não faz distinção.”

PASTORA 5: “Não, não tem, porque geralmente as mulheres que vêm pregar aqui na igreja, são mulheres que têm bagagem, né, conhecimento da palavra, né, e alguns homens também.”

Sobre este questionamento, se há uma intencionalidade em convidar mais homens ou mulheres para pregar, todas as pastoras foram unânimes em dizer que não há distinção de gênero. Ambas procuram tratar igualmente pastores e pastoras que visitam suas igrejas.

Destacamos aqui a fala da pastora (1): [...] “às vezes um monte de pastor aqui, eu dou o ministério para eles sentarem, eu não vou fazer igual eles fazem comigo, [...]

A pastora (1), enfatizou que os mesmos pastores que a trataram mal, seriam tratados bem em sua igreja. O sentimento que ela expressou foi o de pagar o mal com o bem.

Mediante tais apontamentos, não identificamos nenhum tipo de reação das pastoras em relação a retaliar pastores preconceituosos ou algo do tipo. Em outro momento, até sugerimos algum tipo de reação das mulheres, pastoras, em razão da discriminação que sofriam, mas por meio da análise das entrevistas, não identificamos. Não descartamos a possibilidade de em algum outro lugar, haver alguma pastora, com alguma política reativa. Seria preciso pesquisas em outros bairros de Nova Iguaçu, e a aplicação de entrevistas a um número maior de pastoras, visando identificar se há e de que forma se manifesta a reação ou retaliação, por parte da liderança feminina. Diante disso, fica uma pergunta: será que alguns trechos da Bíblia possuem influência no comportamento não reativo das pastoras?

Nesta pesquisa, as pastoras demonstraram uma tendência a não reação. Uma hipótese para isso, seriam os textos da Bíblia que regulamentam as condutas cristãs, por isso, a bíblia estaria influenciando de maneira significativa o comportamento das mulheres, de maneira a não revidar. Versículos como (Lucas 6:27-31) e (Romanos 12:21):

“27 Mas a vós, que ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem.

28 Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam.

29 Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses.

30 E dá a qualquer que te pedir; e, ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir.

31 E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira fazei-lhe vós também.”  
(Bíblia, 2003, p.1359)

“21 Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Bíblia, 2003, p.1573)

Esses e outros versículos com a mesma lógica, estariam imprimindo um comportamento não reativo, mesmo diante de discriminações e retaliações por parte do pastorado masculino. Seria preciso outras pesquisas para desvendar se realmente esses versículos possuem influência no comportamento não reativo das pastoras.

Sobre a pergunta 10: “A MEMBRESIA DA SUA IGREJA JÁ RELATOU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO, AMEAÇAS OU DISCRIMINAÇÃO, POR CONGREGAR EM UMA IGREJA LIDERADA POR UMA PASTORA?”

PASTORA 1: Às vezes tem, tem que quando tá com raiva de alguma coisa, se desentende, e diz assim: “Também a pastora é mulher né! É por isso que tá assim” então eles acham que é porque é pastora mulher que erra, um homem não erra. A pastora mulher erra, o homem não. Alguns, não é todos não. Que entra aqui, ou que vem aqui, ou então dentro dos membros mesmo, quando os membros estão com raiva fala: “Ah! Entrei numa igreja que tem uma mulher liderando, por isso, que tá assim. Entendeu! E aquilo entristece a pessoa...

PASTORA 2: Ah... já... inclusive é... inclusive tem uma membra que ela falou uma vez que o pastor veio pra ela assim; você que congrega numa igreja que é pastora, você sabe que não existe pastora né? Aí ela falou assim... não! aí a pessoa falou assim; é... ela vai é... como que ela vai aconselhar um homem, como que se um homem procurar ela, um membro for procurar ela, pra falar com ela a respeito até mesmo da intimidade dele, como que ela vai responder? E já me perguntaram isso também, teve um pastor que me perguntou isso. E pelo fato de eu ser divorciada também, essa pessoa perguntou pra ela, ela é divorciada, como que ela vai aconselhar casais e essa membra, com toda a sabedoria que Deus deu pra ela, ela falou pra ele assim; com a experiência que ela tem, com a experiência que ela teve no casamento que ela vai orientar a igreja, ela vai orientar os casais. E ela como pastora, ela, primeiro que ela estudou e segundo, ela é direcionada por Deus, não pelo homem, ela respondeu. E quando o pastor perguntou assim pra mim como que eu ia responder um homem a respeito se ele fizer alguma pergunta sobre intimidade dele com alguém, como que eu ia como mulher responder, eu falei, eu vou responder como pastora, porque pastora não é só de mulher, mulher e homem. Então da mesma forma que eu como pastora é... vou aconselhar uma mulher eu vou aconselhar um homem também. Porque, é... se fosse assim não existia médica, entendeu, não existia proctologista mulher pra poder examinar lá o homem. Então pastora... pastora é pastora... Teresa é Tereza. A pessoa tem que separar as coisas. Eu como pastora, eu sou pastora, então ali eu to orientando como pastora, não estou orientando como Teresa. Aí eu dei essa resposta pra ele, aí eu falei, quando o Senhor me chamou, o Senhor me preparou pra todas as ocasiões.

PASTORA 3: Não, aqui nenhum membro nunca falou nada, eles se sentem bem a vontade, por eu ser uma pastora, que eu vejo assim, a unção Deus dá, pra quem ele quer, né, é unção de Deus, aqui todos gostam, todos os membros aqui gostam de ter como líder uma pastora, pelo menos é o que eu percebo, entendeu, nunca nenhum relatou nada, em relação há outras igrejas, ou aqui, nada nada. Então, eu acho que eles se sentem bem a vontade pelo fato de eu ser uma pastora mulher.

PASTORA 4: Já, já sim. Já tive um membro, que ele foi intimidado bastante mesmo por alguém, e disse e dizia pra ele que ele ia pro inferno por conta disso. Porque não tem pastora na bíblia e não sei o que lá, todo esse, esse processo aí. Um membro, ele foi bem intimidado por conta disso, mas ele não saiu da igreja por causa disso não, ele permaneceu né, e já tive outras pessoas que ficaram receosas, não congregaram, não vieram congregar conosco, porque quando disseram que estariam vindo congregar, né aqui comigo, também foi dito isso; “há você vai pra lá? Lá é mulher, não tem mulher na bíblia e tal, pode pregar, pode ter um bom ensinamento, pode ter uma palavra, mas não tá na bíblia isso”. Então, discriminação nessa parte e de pessoas que não puderam congregar aqui por conta disso, né foram rebatidas lá fora e membros daqui de dentro, um membro, pelo menos relatou isso claramente, um membro foi ameaçado, né por um pastor, dois pastores aliás, eram dois irmãos, eles diziam que ele iria pro inferno por causa disso, mas ele não saiu daqui por causa disso não, saiu daqui por outro motivo, porque ele saiu da Baixada e foi morar lá embaixo no centro da cidade por conta do trabalho, foi o que fez ele sair daqui da igreja.

PASTORA 5: Não.

A pastora 1, relatou por parte dos seus próprios membros, em certo preconceito, quando acontece alguma coisa de errado, referente a administração da igreja. Segundo ela, alguns erros são atribuídos ao fato de a liderança ser feminina. Ela completa dizendo, que alguns membros chegaram a citar que se a liderança fosse masculina, não teria acontecido tal problema. Esse registro indica, que algumas pastoras podem estar sofrendo preconceito dentro das suas próprias igrejas, e por parte dos seus próprios membros. Isso traz luz ao fato de que o preconceito de gênero pode advir não somente por parte de líderes de outras igrejas, como também pelos membros da própria congregação. Por isso, a discriminação pode ser externa; quando líderes de outras igrejas são atores do preconceito. E interna; quando o preconceito está dentro da igreja local.

As pastoras 2 e 4 disseram ter tido casos de assédio religioso por parte de pastores preconceituosos. Segundo elas, esses pastores utilizaram trechos da Bíblia para justificar o fato de não existir pastora na Bíblia. Nesse caso, a mesma Bíblia que é utilizada pelas mulheres, para dizer que na perspectiva do divino, não há acepção de gênero, raça ou classe. É utilizada também por homens, para justificar o pastorado como uma prerrogativa exclusivamente masculina. Portanto, a mesma Bíblia que inclui, também pode excluir.

As pastoras 3 e 5, afirmaram não ter tido nenhum relato de membros informando algum preconceito, por parte de pastores de outras igrejas. O que não exclui o fato de que alguns desses membros possam sim, ter sofrido alguma coisa, entretanto, podem ter optado por não relatar, para não entristecer suas pastoras. Ou simplesmente, por essas pastoras nunca terem perguntado, pode ser o motivo delas desconhecerem supostos ocorridos. Seria preciso uma outra pesquisa, com entrevistas ou questionários direcionados aos membros dessas igrejas e a pergunta principal deveria ser, se esses membros já sofreram algum preconceito ou não, simplesmente, pelo fato de pertencerem a uma igreja liderada por uma mulher. Seria importante chegar a um quantitativo sobre quantos porcentos em média dos membros, disseram ter presenciado o preconceito de gênero.

Sobre a pergunta 11: “CONHECE ALGUMA OUTRA PASTORA QUE TENHA RELATADO ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER PASTORA? CASO CONHEÇA, PODERIA RELATAR?”

PASTORA 1: “Não. As que eu conheci, nenhuma delas, nunca falaram nada reclamar não. Reclama sim, que a luta é pesada, realmente é. Porque a pessoa olha aquela cadeirinha do meio ali e fica achando que aquilo dali é uma cadeirinha qualquer, mas depois que você assume uma responsabilidade não é a cadeira. Eu estou falando da cadeira da responsabilidade que Deus nos dá.” [...]

PASTORA 2: “Olha, eu sei que tem muitas pastoras conhecidas minha, que já sim, já passou por situações complicada, mas só que, é... dessa forma de tá na igreja com o esposo que é pastor e... ou então está na igreja com um diácono ou evangelista e o pastor da igreja convidar o esposo pra subir no ministério ou o diácono, entendeu, o evangelista pra subir e ela fica no banco, entendeu. Já aconteceu e já aconteceu isso comigo também e é isso entendeu.”

PASTORA 3: “Sim. Eu conheço uma pastora que, que já sofreu sim, pelo fato de ser pastora, inclusive mulher, inclusive pediram pra ela a carteirinha, me mostra a carteirinha. Porque pelo fato dela ser mulher, não acreditavam que ela era pastora e outra ela tava, ela se veste bem modernamente, essa pastora é uma amiga minha, não sei se posso relatar o nome, é bom não relatar, mas assim, ela se veste... ela é bem moderna, eu já sou mais assim, eu gosto de usar saias, é... saia longa, na igreja eu já... já é de mim, né. Eu até posso usar uma calça comprida, é... muito eventualmente num trabalho. Mas, na casa do Senhor, no dia a dia, eu gosto eu me sinto melhor, é questão pessoal, não que a minha é... aqui a gente proíba algo assim, mas eu me sinto melhor de saia, de saia longo ou de saia curta, mas de saia, mas tem tempessoas que pelo fato dela ser uma pastora e gostar de andar bem a vontade, querem ver até a credencial dela. E ela é uma bênção, é uma pastora maravilhosa, no qual, assim... Deus usa tremendamente, tá.”

PASTORA 4: “É... tem uma que eu conheço, que ela é... as pessoas foram contra a igreja dela, dessa mesma forma, né é... bombardeando os membros, porque ela era mulher e ela ainda era sozinha, não tinha marido né, e... ia todo mundo pro inferno junto com ela... Foi uma retaliação muito difícil, muito grande, mas ela permaneceu, né

alguns membros saíram, era tudo aquilo, porque as pessoas ficam amedrontadas. Falou em inferno, as pessoas ficam morrendo de medo, né. Mas, ela permanece, o ministério dela ainda existe, mas a retaliação foi bem grande, entendeu, bem grande mesmo. E ela sentiu isso, a retaliação foi bem grande e ela ficou assim... meio abalada com aquilo, mas segue, vai seguindo com o ministério, entendeu.”

PASTORA 5: “Pastora Tereza, né. Ela já foi em alguns lugares que as pessoas não dá o valor devido por ela ser pastora.”

As pastoras 2, 3, 4 e 5 disseram conhecer outras pastoras que relataram ter sofrido algum caso de machismo. A pastora 1 foi a única que disse não ter ouvido nenhum caso. A maior parte das pastoras possuem conhecimento de que não são somente elas que sofrem com a discriminação, outras pastoras também vivenciam o mesmo problema.

Sobre a pergunta 12: “QUEM TE CONSAGROU A PASTORA? VOCÊ JÁ CONSAGROU ALGUÉM?”

PASTORA 1: Bispo Eleasér, lá na Tijuca. Eu estudei lá para pastora e fui consagrada lá mesmo. Nunca consagrei ninguém a pastora. Já consagrei a missionária, diaconisa e obreira. Aqui eu tenho 5 mulheres consagradas por mim; uma obreira, uma diaconisa e três missionárias. E quando é para consagrar homem, pra não ter essa história de dizer que a mulher botou a mão na cabeça do homem, eu convido um amigo meu pastor, ele vem e consagra, para homem. Eu chamo ele, ele vem, derrama o óleo e consagra obreiro, consagra pastor. Porque depois eles podem, qualquer coisa que tiver podem achar que não tem valor. E assim não, assim ele já foi consagrado na mão do homem, aí não tem do que falar. Ou, às vezes, levo para a convenção, bota lá e eles consagra lá, a convenção também consagra, quando é pastor assim eu prefiro botar, porque eu nunca consagrei pastor aqui não, só a presbítero.

PASTORA 2: “Eu... quando eu fui fazer a teologia, eu entrei pra... eu me rendi aos pés do Senhor Jesus, é...1987 e quando eu fui fazer o seminário, quando eu fui fazer o seminário, como eu disse antes, eu fui fazer o seminário pra ter conhecimento da palavra de Deus. E no seminário, lá mesmo eles ordenam a pessoa, eles dão a credencial. De primeiro eles dão credencial de obreiro, é... de obreiro credenciado, depois eles dão a credencial de auxiliar do pastor e depois eles dão a credencial de pastor auxiliar. Então, na convenção, é em 2007, eles me consagraram, né, em pastora auxiliar. Na convenção da Igreja do Evangelho Quadrangular. Então eu já saí da igreja do Evangelho Quadrangular pastora. Só que eu era pastora auxiliar, eu não era pastora titular. Eu passei a ser pastora titular depois, que é uma outra história, tá, uma outra história, que o Senhor me tirou de lá para me dar esse novo ministério que é Missão Pentecostal Encontro com Cristo (MIPEC), que é uma história linda, eu faço questão de relatar pra você também acrescentar aí que hoje não vai dar tempo. Se você puder marcar um outro dia, eu falo pra você. E em relação, a esse novo ministério, sim eu tive outra ordenação pra esse novo ministério, Porque eu já não era mais Quadrangular, não exercia mais a função lá, não podia mais usar a credencial da Igreja do Evangelho Quadrangular. Aí eu tive que passar por uma outra ordenação como o pastor Maurício éh... ele era formado em bacharel e tal, então eu tive outra documentação de pastora presidente da Igreja Missão Pentecostal Encontro com Cristo, entendeu! E ordenei sim, eu consagrei diáconos, consagrei evangelista e ordenei um pastor e eu também apresentei, né, consagrei aqui uma missionária, que no caso a missionária Marilda, que ela fez a teologia lá na Suíça e aqui então eu também consagrei ela para o ministério da Missão Pentecostal Encontro com Cristo [...]

PASTORA 3: “Então, quem consagrou, foi assim: Eu aceitei Jesus, eu era membra, da do ministério da Igreja do Evangelho Quadrangular e lá, numa convenção de pastores eu fui consagrada juntamente com outros pastores, pelo presidente da Igreja do Evangelho Quadrangular, então fiz teologia, e recebi, é o diploma e fui consagrada. E essa consagração é válida, né para pastorear, ainda que eu não seja, é... hoje do ministério quadrangular, eu continuo sendo pastora e a consagração ela é válida, uma vez que você é consagrado diácono, você é diácono, independente de onde você esteja, se ele reconhece ou não, você é diácono. Então, eu hoje não estou mais no ministério do evangelho quadrangular, mas continuo pastoreando e fui consagrada pelo presidente, né, pelo presidente juntamente com outros pastores que estavam na liderança, né também consagraram outros pastores comigo” [...]

PASTORA 4: “Eu fui consagrada pelo bispo Luis Xavier, da convenção CADIB. Só não consigo me lembrar do nome das siglas, a denominação é assembleia de deus. Eu fui consagrada por esse bispo que é um líder lá da convenção. Eu já consagrei aqui na igreja, né a missionária, 3 missionárias aqui, um presbítero e um diácono.”

PASTORA 5: “Quem me consagrou, foi na convenção, pastor Joel Pinheiro, eu fui consagrada na convenção por ele. Já teve consagração aqui, mas eu não cheguei a consagrar não, quem consagrou foi o meu vice. A gente aqui, eu tenho uma concordância, né, a gente faz as coisas aqui tudo na concordância, entre eu e o meu vice, aí a gente concorda em consagrar as pessoas, entendeu.”

Sobre essa questão, todas as pastoras foram consagradas por pastores (homens), o que é curioso, se tratando de ser o gênero masculino o que promove a discriminação. O mesmo gênero que discrimina, costuma ser o que inclui, levantando mulheres e colocando-as na liderança. As próprias pastoras fizeram questão de ressaltar que nem todos os pastores eram preconceituosos. Algumas chegaram a citar que alguns pastores eram grandes amigos, e as tratavam muito bem e com igualdade.

Sobre a pergunta 13: “QUAL O NOME E A DENOMINAÇÃO DA IGREJA QUE VOCÊ CONGREGAVA ANTES DE SER PASTORA?”

PASTORA 1: Igreja Pentecostal do Deus Vivo

PASTORA 2: Igreja do Evangelho Quadrangular

PASTORA 3: Igreja do Evangelho Quadrangular

PASTORA 4: Era uma assembleia de Deus aqui de Nova Iguaçu.

PASTORA 5: Assembleia de Deus dos Milagres.

Todas as líderes entrevistadas vieram de denominações pentecostais. E dentre as denominações pentecostais, vieram de umas das principais denominações evangélicas do Brasil que são as Assembleias de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Sobre a pergunta 14: “QUAIS ERAM AS SUAS FUNÇÕES OU CARGOS NA IGREJA ANTERIOR?”

PASTORA 1: “Eu dirigi consagração como diaconisa, o pastor me consagrou como diaconisa.”

PASTORA 2: “Comecei liderando um grupo de adolescentes. Já pregava na igreja e fui fazer a teologia.”

PASTORA 3: “Então, eu entrei pra igreja né e depois vim, claro fui membra, líder de grupo e passei a ser diaconisa. Mas, mesmo sendo diaconisa é... tive um desejo de ajudar o pastor, então o meu desejo era de sempre ajudar na obra, ajudar o pastor e aprender mais da palavra e senti um grande desejo de fazer teologia, e aí fui fazer teologia.”

PASTORA 4: “Liderava as irmãs, eu era missionária. Vim subindo normal, né fui diaconisa, depois missionária, mas sempre trabalhei com as irmãs, sempre fui professora de escola dominical. Sempre fazia a obra, escola dominical, trabalhava com as irmãs, dirigia culto de libertação, já fui regente, né. Nunca trabalhei muito com negócio de limpeza não. Quando tinha eventos trabalhava na parte da cantina, fazia bolo, na parte da limpeza eu não trabalhava muito não, mas na parte dos eventos, tava lá, fazendo bolo, movimentação, porque sempre gostei de movimento, eu tava lá no meio do movimento e já atuava com a mulherada, com as irmãs, libertação, regente de louvor e escola dominical, entendeu. Dava culto de ensino, já deu estudo, estudo bíblico, sempre atuava nessa área.”

PASTORA 5: “Ajudava dirigir trabalho de libertação, sentava na mesa de consagração, orava pelo povo, expulsando demônio, ajudava em algumas tarefas de limpeza da igreja eu participava né. Nessa época eu já era missionária, em 2016 eu já era missionária.”

Diante desta pergunta, todas as pastoras apresentaram funções importantes nas igrejas que congregavam, antes de serem pastoras; algumas já estavam envolvidas em funções de liderança. Praticamente todas as entrevistadas tiveram um longo percurso, até de fato receberem o título. Inclusive, estudaram para liderar. Inicialmente, especulava-se que boa parte das pastoras pudessem estar em uma condição de rompimento com a igreja anterior, fato que poderia corroborar para que a maioria delas obtivessem o cargo por auto intitulação. Além disso, esperava-se que a maior parte das pastoras não tivessem formação teológica, entretanto, os resultados surpreenderam, porque a maior parte delas tinham diploma.

### **Entrevista adaptada para as pastoras 6 e 7.**

Para efeito de identificar os tipos de pastoras ou graus de poder, decidimos adicionar outras duas entrevistas feitas a pastoras que se enquadram em situações diferentes. Dando continuidade a numeração anterior, cuja contagem se deu de 1 a 5, aqui iremos numerar essas duas pastoras em: “Pastora 6” e “Pastora 7”. Sendo a pastora 6 a pastora que somente possui o título de pastora, sendo assim, ela não lidera nenhuma igreja, inclusive congrega numa igreja liderada por um pastor. E a pastora 7, lidera uma igreja em conjunto com o seu esposo, que é pastor, o mesmo se apresentou claramente o presidente da igreja, ou seja, ela é apenas uma auxiliar. Constatamos isso, a partir das visitas de campo. Inclusive a pastora 7 não possui título de pastora, ela é apenas missionária. Nesta pesquisa, optamos por classificar as mulheres que possuem cargo de missionária, como pastoras. Justifica-se essa classificação, porque as mulheres missionárias quase sempre estão envolvidas em cargos importantes na igreja, quando não estão liderando igrejas independentes ou em conjunto com seus cônjuges pastores.

### **Entrevista com a pastora 6 (pastora que só possuía o título, mas não liderava igreja).**

A pastora 6, tinha 44 anos de idade, estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio, era casada, natural do Rio de Janeiro e possuía 4 filhos. Sua renda bruta era de aproximadamente R\$:1500,00 reais.

#### **1 - QUAL FOI O SEU MAIOR OBSTÁCULO PARA SER PASTORA?**

R: Eu mesma aceitar o pastorado.

#### **2 - JÁ PENSOU EM DESISTIR DE SER PASTORA EM ALGUM MOMENTO? POR QUÊ?**

R: Sim. Por vários motivos, mas o maior deles é o medo de falhar.

#### **3 - PARA ALÉM DE SER UM CHAMADO DIVINO, QUAL É A SUA MAIOR MOTIVAÇÃO PARA SER PASTORA?**

R: Amo cuidar de pessoas, principalmente aquelas que a sociedade já deu como perdida.

#### **4 - VOCÊ É PASTORA AUXILIAR (SÓ TEM O TÍTULO) OU É PASTORA EFETIVA (LIDERA ALGUMA IGREJA)?** R: Auxiliar.

#### **5 - JÁ SOFREU ALGUM CASO DE MACHISMO DENTRO DE ALGUMA IGREJA? COMO FOI? CONTE TODOS QUE PUDER.**

R: Então, sim já sofri, né, só que assim, nada diretamente, né, nada assim que a pessoa falou comigo, mas a indiferença, aquela... tipo como eu já falei, é... eu e meu esposo, chamar o meu esposo para o altar e eu ficar, né, e... assim... os olhares, já ouvi no microfone é...: “não conheço pastora mulher, só conheço só até missionária”;

“Deus não chamou mulher para ser pastora” aquelas coisas é... machista que infelizmente, ainda existe e muito no nosso meio, que não deveria existir, né.

Eu sinto isso na pele, mas eu sinto muito mais nas igrejas assembleias de deus, eu acho que é uma igreja que é muito machista, é uma igreja muito visada para ministério de homens, como que só homens pudessem fazer, só homens que têm o nível de espiritualidade mais elevada, e nós sabemos que não é bem assim, né. Então, eu sofro isso, né, sinto assim um preconceito muito grande, é de... não conseguir espaço, né, pra fazer, pra trabalhar, não consigo me enquadrar, né, é... em coisas que eu sei que eu poderia fazer e assim, até melhor, né, mas não consigo, porque é... me dão a entender, pelo menos no ministério em que eu me encontro, né, me dão a entender que me dar a oportunidade é como se perdesse algo pra mim, e não é isso né, porque o evangelho não é perder e sim multiplicar. Mas, infelizmente muitos ministérios tão vendo mulheres como ameaça, né, eu não sei o porquê tantos homens se sentem ameaçados por nós, né, pastoras, porque... é como se eles estivessem fazendo algo que não fosse, não sei... da vontade de Deus, ou ou acha a gente, percebe que a gente tem uma capacidade maior, porque temos uma sensibilidade maior sim, para entender e uma percepção maior das coisas, mas infelizmente parece nos deixam acuada, sabe, eu sinto muito isso, na minha igreja mesmo eu não posso sentar no altar, é... eu também não tenho um lugar específico, eu fico no meio da membresia como', é... ninguém sabe quem chega e não sabe que eu sou pastora, não me conhece como pastora, né, é bem complicado sabe, é bem complicado, mas eu tento, não levar muito pro lado pessoal nem pro coração, porque eu preciso fazer a obra, e a obra se eu depender do ministério eu não faço, então eu preciso sair pra fazer a obra fora, porque dentro fica um pouco mais difícil.

## **6 - QUAL É A SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO FEMINISTA, CONCORDA OU DISCORDA E PORQUÊ?**

R: Então, o movimento feminista, eu apoio a partir do momento que não ultrapasse, né algumas questões como, é... “a mulher não precisa raspar o suvaco, aquelas coisas né, que enfim, que aí isso é uma questão mais de higiene, mas por igualdade, né, por a mulher tá buscando o seu lugar no meio da sociedade, como na igreja, como até mesmo em ambiente de trabalho, né. Somos o sexo mais frágil sim, né, embora também a Bíblia diz que o homem é o cabeça, né, mas nós somos o pescoço, eu acho que tudo deveria ser uma igualdade, sabemos que, infelizmente tem coisas que não é para a mulher, né, tem coisas que ainda não é pra a mulher, tem coisas que não é pra nós, a gente ainda não aguenta, né, nós somos o vaso mais frágil, mas também sou a favor devido o machismo dentro, até mesmo dentro da igreja, às vezes, o homem tá lá, prega, fala bonito, mas em casa, é um homem grosso, é um homem estúpido, é um homem que violenta, é um homem que bate, né, infelizmente é uma coisa que a gente tem que abominar, porque a mulher tem o seu direito, assim como todo ser humano, o direito de ir e vir, né, e quando o direito do outro termina o do outro começa, então, a gente deveria ter mais um pouco mais de empatia, independente de sexo, né porque... é bem complicado, né, no mundo que nós tamos vivendo, cada vez mais o homem quer dominar as coisas na força, é mais ou menos por aí que eu penso.

## **7 - QUANDO VOCÊ VISITA OUTRAS IGREJAS LIDERADAS POR HOMENS, ELES TE CONVIDAM PARA SUBIR NO MINISTÉRIO?**

R: Muito difícil, muito difícil, geralmente só sou convidada quando o ministério é feminino ou quando o pastor me conhece, na minha própria igreja eu não sento no púlpito, né, eu sento na última cadeira lá atrás, não tem nenhum lugar reservado pra mim ou pra qualquer outra pessoa do corpo eclesástico da igreja feminino, é só homens, então é bem complicado, mas a obra do Senhor não fala sobre cadeira, né, e nem sobre altar, fala sobre fazer a obra, então eu foco muito em fazer a obra, do que olhar a minha volta, porque, se eu parar pra focar no que o homem faz, eu já não taria servindo a Cristo.

Sobre sentar em ministério, pastora Uilma é uma pessoa que me honra muito, como honra várias, como honra vários pastores, várias pastoras, mas já fui, já tive é... coisa, já passei por várias várias situações sobre essa de chamarem o meu esposo para sentar no ministério e eu, ficar no baixo, sabe, das pessoas saberem que eu sou pastora, mas me chamarem de missionária, e eu não me importar, ou me chamar de ovelha, ou me chamar de irmã, me chamar pelo nome. Já passei muito por essas situações assim, infelizmente, muitas. Te constrangeu Janaína? Muito. Muito, muito, me senti constrangida e sentia que meu esposo ficava constrangido. Ele olhava para mim, e eu falava: “vai! pode ir.” Mas, me machucava, a verdade, tem igreja que eu já não gosto de ir, porque eu me sinto ferida, entendeu, assim, sinto que parece que a pessoa já faz já mesmo, então assim, infelizmente são igreja direcionada por homens, homens que, infelizmente, eles acham que só eles podem e tem esse direito de fazer. Mas, realmente buscar as almas estão necessitando é... às vezes, tem ovelha morta dentro do ministério, que nós mulheres temos a sensibilidade de ver, já aconteceu aqui na minha casa, eu fazendo comida pra pessoa em situação de rua, lá po ministério e uma pessoa que estava ajudando, estava numa grande necessidade. Fez a comida comigo, levamos a comida pra pessoal de rua, no outro dia cheguei na igreja e falei: “irmã! vem cá! Deus tocou no meu coração, a irmã ah... eu falei: “não minha irmã, vamos descer aqui o culto”, a alimentação que sobrou ficou toda na minha casa, comuniquéi quem haveria de comunicar, somente do departamento que era de

alimentação comigo, peguei alimento, levei pra casa da irmã, pronto. E o líder mesmo, never, não percebeu não viu, não, sabe, sai consagrando e sai jogando óleo, enfim né, mas naquele grande dia todos nós daremos conta das nossas atitude, né.

**8 - OS CONVIDADOS PARA MINISTRAR EM SUA IGREJA, SÃO EM SUA MAIORIA HOMENS OU MULHERES?** Homens.

**9 - CONHECE ALGUMA OUTRA PASTORA QUE TENHA RELATADO ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER PASTORA? CASO CONHEÇA, PODERIA RELATAR?**

Sim. Minha antiga pastora Cátia, sempre fala do começo da caminhada os preconceito que enfrentou, mas nunca entrou em detalhes.

**10 - QUEM TE CONSAGROU A PASTORA? VOCÊ JÁ CONSAGROU ALGUÉM?**

Bispa Luciana. Não, nunca consagrei ninguém.

**11 - QUAL O NOME E A DENOMINAÇÃO DA IGREJA QUE VOCÊ CONGREGAVA ANTES DE SER PASTORA?** Assembleia de Deus Aliança Eterna.

**12 - QUAIS ERAM AS SUAS FUNÇÕES OU CARGOS NA IGREJA ANTERIOR?**

Eu fazia várias coisas, limpava a igreja, evangelizava, abria e fechava a igreja e trabalhava no bazar da igreja. Era diaconisa.

**Entrevista com a pastora 7 (pastora que liderava igreja juntamente com o seu esposo e só possuía o título de missionária).**

A pastora 7 tinha 45 anos de idade, terminou o segundo grau e o ensino técnico. Era casada, natural de Pernambuco e tinha duas filhas. Sobre a renda, preferiu não dizer.

**1 - Já sofreu algum caso de machismo dentro de alguma igreja? Como foi? Poderia contar o máximo de casos possíveis?**

Sim. Estava indo ministrar em uma determinada igreja, ao qual fui convidada pelo próprio pastor da igreja, era um culto de oração à tarde. Ao chegar lá na igreja, orei, sentei no banco junto com os demais irmãos que foram comigo. Não fui apresentada para a igreja, só mesmo na hora de ministrar. E o pastor desceu do altar, junto com o presbítero para ficar na nave da igreja, e eu ministrei na parte de baixo, na nave. Não que isso me ofenda, de forma nenhuma, mas achei grosseiro da parte dele.

**2 - Qual é a sua relação com o movimento feminista? Concorde ou discorde e por quê?**

Então, não tenho nenhuma relação. Porque, não concordo com muitos pontos de vista das feministas. Um deles o aborto, caso a mulher não queira a gravidez. Eu penso, eu nasci, minhas filhas também, meu neto... Como posso lutar por um ideal que a Bíblia condena e que está fora do contexto bíblico?

**3 - Conhece alguma outra pastora ou missionária que tenha relatado algum tipo de preconceito, ameaças ou discriminação em relação ao machismo, caso conheça, poderia relatar?**

Sim, conheço. E estava até no dia, onde houve o ocorrido. Essa pastora, amiga, foi convidada a ministrar. E lá estava ela, chegou, orou, acabou de orar no salão da igreja, levantou, pegou sua bolsa e foi para subir no altar da igreja, e o pastor, com a igreja cheia disse para ela, após ela ter subido: desça, pois aqui no altar eu não aceito mulher. Ela desceu, mas não deixou de ministrar. Logo depois desse evento, eu nunca mais fui a igreja ao qual esse pastor dirige. E esse mesmo pastor, fez um pequeno trabalho aqui em minha casa. E quis falar coisas pra mim que estavam totalmente fora do contexto bíblico. E eu fui para Bíblia, não há argumentos quando você tem a bíblia pra mostrar.

#### **4 - Quem te consagrou a missionária, foi um homem ou uma mulher?**

Um homem da convenção, fui indicada pelos pastores da igreja e ele veio para me consagrar. E enquanto a pastora, fugi três vezes.

#### **Quando questionada o porquê de fugir do pastorado, a entrevistada disse:**

Já tenho responsabilidade como uma, não é título que exalta homem, e sim o ide, o compromisso e a fidelidade com Deus.

Sobre essas duas entrevistas, ambas as pastoras relataram terem sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação. Um dos principais apontamentos feitos, foi concernente a sentar-se no altar, novamente, o mesmo problema que foi relatado pelas 5 entrevistas, analisadas anteriormente. O altar foi tornado um local exclusivo para homens, sendo poucas as exceções em que as mulheres foram convidadas para subir. A pastora 6, deixou um comentário muito importante que nos acendeu uma luz em busca de respostas para tanta exclusão às mulheres:

“...sinto assim um preconceito muito grande, é de... não conseguir espaço, né, pra fazer, pra trabalhar, não consigo me enquadrar, né, é... em coisas que eu sei que eu poderia fazer e assim, até melhor, né, mas não consigo, porque é... me dão a entender, pelo menos no ministério em que eu me encontro, né, me dão a entender que me dar a oportunidade é como se perdesse algo pra mim, e não é isso né, porque o evangelho não é perder e sim multiplicar. Mas, infelizmente muitos ministérios tão vendo mulheres como ameaça, né, eu não sei o porquê tantos homens se sentem ameaçados por nós, né, pastoras, porque...”

Foi justamente essa ideia uma das hipóteses levantadas para esta pesquisa antes das entrevistas, a de que alguns homens se sentem ameaçados pela ascensão das mulheres em espaços e locais que tradicionalmente foram conferidos a homens. Neste sentido, abrir espaço para as mulheres seria perder espaço para os homens, e nessa ideia identifica-se uma relação de poder dicotômica do poder masculino tradicional contra o poder feminino emergente.

Sobre concordar ou não com o feminismo, ambas não se mostraram muito favoráveis ao movimento, embora tenham ponderado em relação a alguns avanços para as mulheres. Ambas, assim como as pastoras que estavam liderando igrejas, reforçaram a ideia de se basear naquilo que a Bíblia está dizendo, portanto, percebemos que a maior parte das pastoras decidiram discordar do movimento feminista muito por conta de influências da Bíblia. Neste sentido, aqui a Bíblia também se mostrou um elemento podador e lapidador de ideias. Algumas pastoras chegaram a citar abertamente que não podem apoiar um movimento que fere princípios bíblicos, veja o comentário da pastora 7:

“Como posso lutar por um ideal que a Bíblia condena e que está fora do contexto bíblico?”

As duas pastoras relataram conhecer outras mulheres líderes que sofreram com o preconceito de gênero. Todas as pastoras, no geral, apresentaram ter conhecimento sobre a ideia de um sexismo estrutural na igreja evangélica como um todo. Elas tinham consciência de que faziam parte de uma espécie de segunda categoria.

## METODOLOGIA

Buscaremos se ater ao conceito de Território, o que se destaca como mais expressivo, se tratando de liderança masculina e feminina, nas igrejas evangélicas pentecostais. É o conceito que melhor atendeu a análise da pesquisa em questão, se tratando do nosso foco ter estado debruçado sobre as relações de poder, no quesito de gênero, no pentecostalismo.

Escolhemos a ramificação pentecostal para a análise da pesquisa, porque a mesma se configura como a mais expressiva em termos numéricos. E porque dentre os pentecostais se encontra a igreja Assembleia de Deus que está entre as denominações “que mais cresce no país, representando mais de 6% da população brasileira, conforme dados do IBGE (2010)” Silva (2013, p.57). Entretanto, nossos olhares estarão contidos não somente na Assembleia de Deus, como também em todas as outras denominações, contidas no segmento pentecostal.

O recorte espacial escolhido se deu nas delimitações do município de Nova Iguaçu, inserido na Baixada Fluminense, em virtude de ser uma das regiões que mais se destacam no fenômeno do crescimento evangélico brasileiro e também é uma região onde o pastorado feminino se manifesta expressivamente. Entretanto, o foco principal foi o bairro Cacuia no município de Nova Iguaçu/RJ; o mesmo bairro aparentemente apresentou um número expressivo de igrejas, umas próximas às outras, e não houve nenhuma localidade do bairro que não tenha tido ao menos uma igreja. Também identificamos um número considerável de pastoras em segmentos pentecostais, o que o tornou a localidade perfeita para esta pesquisa.

A pesquisa visou responder às seguintes perguntas:

1 - O pastorado feminino é um ato de resistência, diante do preconceito de gênero e do modelo patriarcal, seguido em muitas igrejas?

2 - O preconceito, a rejeição ou a discriminação vivida antes de ser pastora, ainda apresenta reflexos que contribuem para cogitar a desistência do cargo pastoral?

3 - Existe algum tipo de grau de poder entre as pastoras? Quais são os tipos ou classificações de pastoras que exercem a função atualmente? Todas vieram de um mesmo contexto?

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a ascensão territorial do pastorado feminino no bairro Cacuia em Nova Iguaçu/RJ, diante do preconceito de gênero estrutural, consolidado no meio pentecostal.

Os objetivos específicos foram:

1 - Dialogar com o conceito de Território, aludindo se e como o mesmo é criado pelas mulheres pastoras ou pela reação do pastorado masculino.

2 - Descobrir quais problemáticas envolvem as igrejas evangélicas pentecostais, na desigualdade de gênero e como a opressão se manifesta nessas igrejas.

3 - Analisar os sentidos e as motivações que levaram algumas mulheres a fundarem suas próprias igrejas e como o pastorado feminino contribui na erradicação das disparidades de gênero.

A metodologia foi qualitativa percorrendo o referencial teórico sobre a temática e a aplicação de entrevistas aos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa abarcou o conceito de território na perspectiva da geografia, trazendo luz a como as pastoras evangélicas contribuíram no reordenamento de novas relações de poder entre os evangélicos.

Foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com 14 perguntas, além das perguntas de dados pessoais, respondendo às questões elencadas anteriormente.

A pesquisa foi aplicada a 7 pastoras no total, sendo 5 pastoras que lideram igrejas atualmente. As outras duas pastoras: 1 lidera uma igreja juntamente com o seu esposo, sendo o

esposo o presidente e ela a auxiliar. A última não lidera nenhuma igreja, inclusive congrega numa igreja liderada por um pastor.

“Entendendo por pesquisa a busca sistemática de solução de um problema ainda não resolvido ou resolvível, há a considerar várias opções.” Boaventura (2004). Por isso, nesta pesquisa buscamos conhecer de maneira a desvendar como acontece ou como se manifesta o preconceito de gênero, nas igrejas evangélicas de cunho pentecostal. Porque, entendemos que o primeiro passo para se tentar resolver um problema, seria compreendê-lo de maneira a tentar erradicá-lo.

Nossa metodologia de abordagem faz parte de uma pesquisa exploratória, na qual entendemos ser a mais viável, se tratando da temática em que essa pesquisa está debruçada. Veja nas citações a seguir algumas características deste tipo de pesquisa:

Nesse modelo de estudo, o pesquisador pode utilizar diferentes tipos de instrumentos de coleta de dados para captar o fenômeno a ser investigado, e pode fazer uso de várias técnicas de análise de dados qualitativos que podem contribuir no rigor e na qualidade da investigação. Isso se justifica em razão de que, por apresentar um processo metodológico flexível que possibilita triangular os dados de diferentes formas, a análise qualitativa na pesquisa exploratória vem ganhando campo nas investigações. (Losch; Rambo; Ferreira, 2023, p.03)

Os autores prosseguem:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa exploratória – ou estudo exploratório – tem o objetivo de conhecer o fenômeno estudado tal como ele se apresenta ou acontece no contexto em que está inserido. E para esse tipo de investigação, na área das Ciências Humanas e Sociais, o enfoque qualitativo permite melhor compreensão do comportamento humano e do contexto social. A pesquisa exploratória permite, nesse processo, que o pesquisador contemple os dados qualitativos de forma sistêmica, com uma compreensão ou interpretação detalhada do fenômeno analisado (Losch; Rambo; Ferreira, 2023, p.03)

Essa forma de pesquisa contemplou nossa abordagem a partir do momento em que decidimos explorar o fenômeno do pastorado feminino detalhadamente e de uma maneira singular em cada caso.

Sendo todos evangélicos, é estranho que eles estejam discriminando a si próprios. Nesse caso entraria em cena a questão da disputa territorial. Quando o poder entra em questão, não importa quem está do mesmo lado, o que importa é continuar no poder. E isso é o que leva alguns pastores a cancelar algumas pastoras, porque essas pastoras estão supostamente concorrendo no cenário religioso.

Inicialmente até cogitamos aplicar questionários, mas julgamos ser mais produtiva a adoção de entrevistas. Sobre as entrevistas: “Esta é, aliás, uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais.” Ludke; André (1986). Por ser uma das metodologias mais aceitas, optamos pela aplicação de entrevistas o que consideramos melhor e mais adequado na coleta das vivências das pastoras. Os questionários talvez não iriam atender aos nossos objetivos, em razão da demora para as pastoras escreverem os relatos extensos, algumas provavelmente iriam omitir informações importantes. As entrevistas são mais fáceis, se tratando de captar o espontâneo e sem a necessidade do entrevistado perder tempo pensando no que vai escrever. Também não teríamos problemas com relação a tentar decifrar a escrita das pastoras, no caso de erro de ortografia ou de uma letra ilegível. Por isso, nesta pesquisa as entrevistas foram a melhor opção.

A frente delimitamos o município de Nova Iguaçu e mais especificamente o bairro Cacua. Nova Iguaçu é um dos principais municípios do Rio de Janeiro e está inserido na região que podemos denominar uma das mais evangélicas do país: a Baixada Fluminense. Alguns autores tiveram essa região até o ano de 2010, como a vanguarda do crescimento evangélico no Brasil.

Nova Iguaçu, por estar inserido na Baixada Fluminense, é um dos municípios mais evangélicos do estado. Além disso, é onde o pastorado feminino tem se destacado. Para termos um recorte geográfico bem delimitado, decidimos nos ater às igrejas lideradas por mulheres no bairro Cacuaia. Veja a seguir alguns dados sobre o município de Nova Iguaçu:

“cobrindo uma área de 542,04 Km<sup>2</sup> e com um PIB de R\$3.816.154,00, o município de Nova Iguaçu é seguramente um dos mais importantes do estado do Rio de Janeiro. Ao lado de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Mesquita, Magé, Guapimirim, Japeri, Paracambi, Seropédica e Itaguaí. (Paula et. al, 2008, p.02-03).

“Nova Iguaçu integra a Baixada Fluminense, uma região geográfica que, mesmo tendo uma fundamental importância histórica e econômica no estado, sofre com as grandes desigualdades sociais.” Paula et. al (2008, p.03). Possuindo muitas áreas de periferia, é onde majoritariamente muitas igrejas evangélicas pentecostais estão inseridas. Mas, também há igrejas nos centros urbanos. Veja a seguir a renda per capita do município:

A renda per capita (sic) é de R\$ 237,50, e ocupa a 45ª colocação no ranking estadual em índice de desenvolvimento humano, com índice tido como de médio desenvolvimento humano (Prefeitura de Nova Iguaçu, 2010). (Cardoso, et. al, 2013).

Veja na figura 5, o mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), com destaque para a região da Baixada Fluminense, e também do município de Nova Iguaçu:

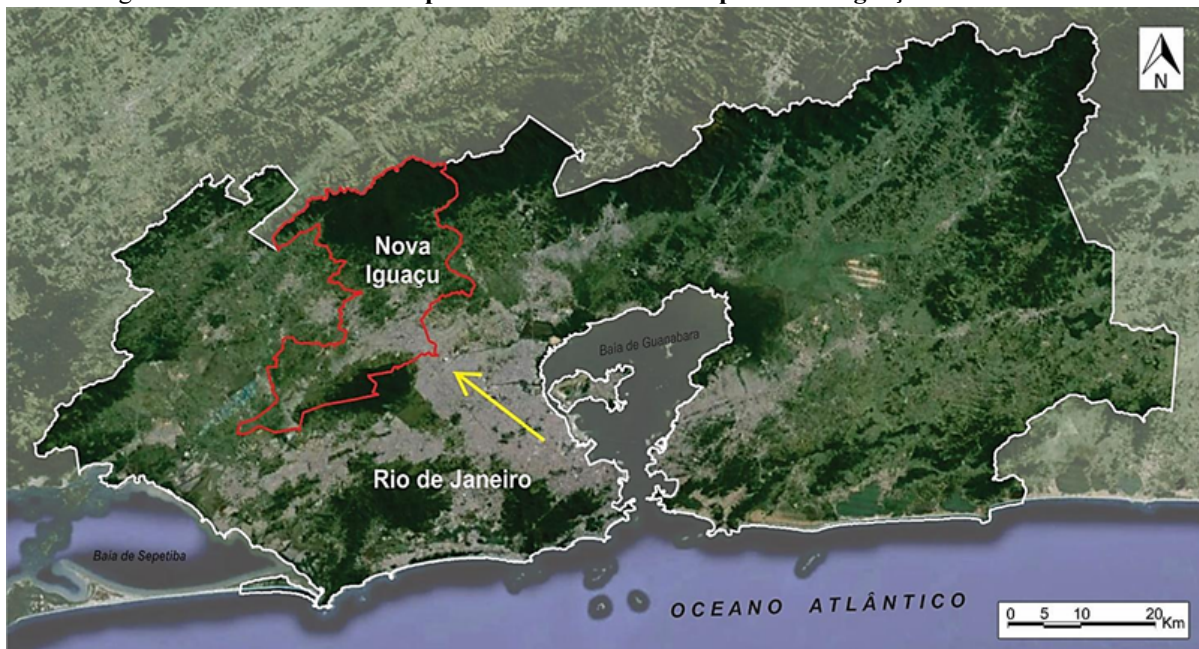
**Figura 5 - Localização do Município de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense e da RMRJ.**



Fonte: Prudente (2015) / Dados: CEPERJ (2014) e Google Earth (2015)

Veja outro mapa da região metropolitana com destaque unicamente para Nova Iguaçu (Figura 6).

Figura 6 - Malha urbana metropolitana da RMRJ e município de Nova Iguaçu.

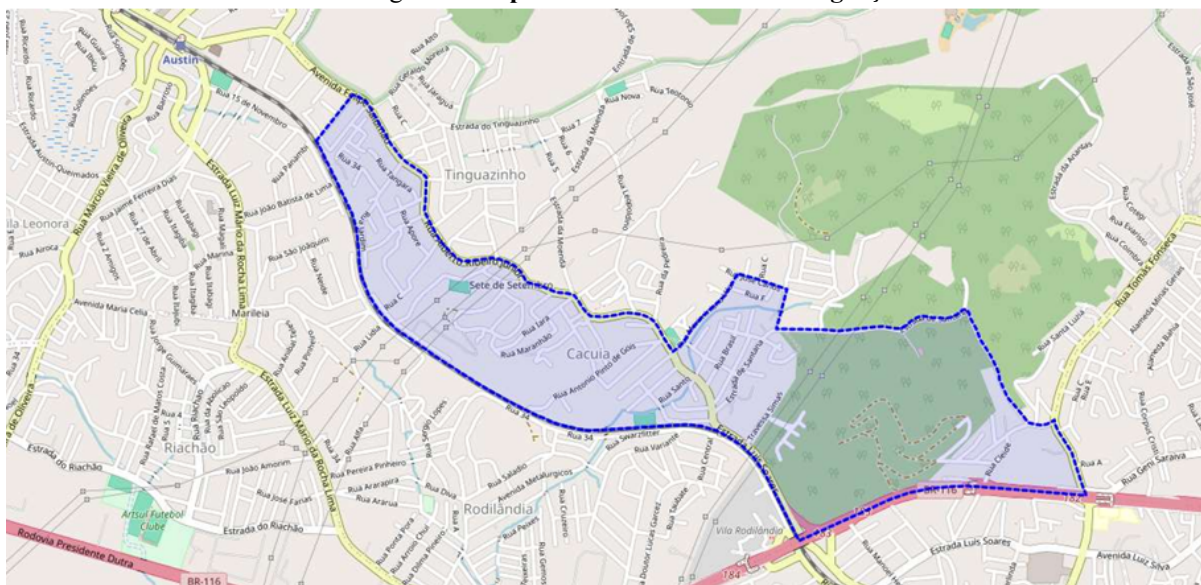


Fonte: Prudente (2015) / Dados: CEPERJ (2014) e Google Earth (2015)

Nota-se, portanto, que Nova Iguaçu possui uma grande extensão territorial, e em outros aspectos como o econômico, por exemplo, Nova Iguaçu é inquestionavelmente um dos municípios mais importantes do estado do Rio de Janeiro. Mesmo estando inserido em uma das regiões mais precárias do estado; “a região ficou conhecida pela precariedade de condições de vida de significativa parte de sua população com grande incidência de pobreza e violência.” Silva (2013, p.32). Por outro lado, também possui áreas com um relativo desenvolvimento.

Na figura 7, a seguinte imagem é possível ter uma visualização da delimitação do bairro Cacua (Nova Iguaçu), recorte geográfico onde a pesquisa foi feita:

Figura 7 - Mapa do bairro Cacuia em Nova Iguaçu/ RJ



Fonte: <https://inde.gov.br>

O Cacuia é um bairro bem pequeno, se comparado aos outros bairros de Nova Iguaçu, mesmo assim apresenta uma grande concentração de igrejas evangélicas, sobretudo, pentecostais. A quantidade de igrejas lideradas por mulheres, neste bairro, também é considerável, o que chamou a atenção para que a pesquisa fosse realizada neste local. Outros bairros vizinhos também apresentam lideranças femininas, entretanto, não se compara a quantidade de igrejas lideradas por mulheres, identificadas no Cacuia.

Constatamos que mesmo as pastoras criando os seus próprios espaços ainda prevalecem alguns costumes e privilégios masculinos. A exemplo disso seria o fato de que existem mais homens no altar do que mulheres.

Os anseios femininos pelo exercício de funções de liderança dentro das igrejas provocam tensões. Mesmo nas igrejas que permitem o pastorado feminino, a hierarquia permanece fortemente marcada pela figura masculina, e isso cria vários pontos de divergências entre os líderes e os representantes da parcela masculina. Somado a isso, temos também os desentendimentos de mulheres seguidoras de igrejas que sob nenhum aspecto aceitam o pastorado feminino. (Silva, 2010, p.156).

As próprias mulheres continuam mantendo estruturas que privilegiam homens. Se tornar pastora e liderar uma igreja, não quer dizer que a lógica que privilegia homens acabou. As próprias pastoras apresentaram algumas falas e pensamentos preconceituosos, é como se elas “se colocassem no seu lugar”.

No geral, todos os planos que foram arquitetados para a pesquisa, ocorreram conforme o esperado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **1 - O pastorado feminino é um ato de resistência, diante do sexismo e do modelo patriarcal, seguido em muitas igrejas?**

O pastorado feminino é um ato de existência, é difícil pensar no pastorado feminino como uma resistência, no sentido de militância ou algum tipo de confronto, porque as mulheres pastoras procuram continuar pastoreando (existindo), mas não buscam primordialmente defender a reputação do cargo pastoral feminino (resistindo). Não há a intenção de confrontar, ou bater de frente com os ministérios masculinos e nem mesmo retaliar as discriminações sofridas.

Todas as 7 pastoras, não demonstraram nenhum tipo de retaliação aos líderes que promovem a discriminação. Percebe-se, que as pastoras não estão ignorando o problema sofrido, elas se incomodam com a discriminação e se sentem atacadas, mas se distanciam de ações concretas e diretas, com o objetivo de tentar conter o problema. Algumas, durante as entrevistas, disseram tomar a medida de deixar de frequentar estes espaços, enquanto outras, disseram não se importar tanto com a discriminação, porque segundo elas, o que importava era servir ao divino, não importando os ataques. Diante do preconceito de gênero, as pastoras não apresentaram nenhuma reação direta, se limitando apenas a ficar na defensiva diante de alguns questionamentos. Quase não se vê mulheres escrevendo livros, dando palestras ou falando sobre o assunto nas igrejas. A estrutura patriarcal se manteve no discurso, nas pregações e nos ensinamentos da Bíblia.

De acordo com algumas falas, nas entrevistas, a Bíblia pareceu um elemento podador e controlador em relação às mulheres exercerem liderança. Algumas pastoras demonstraram se preocupar com o que outros líderes e com o que a comunidade religiosa pensa a respeito das mulheres na liderança. Mas, essa preocupação se deu muito no sentido da perda de credibilidade da figura da mulher como líder, o que inevitavelmente acarretaria numa possível destituição do seu cargo na igreja local. Algumas pastoras demonstraram até mesmo concordar com a clareza de algumas passagens da Bíblia, em relação a mulher estar submissa ao homem. As pastoras transparecem a impressão de que ao exercerem liderança sobre um homem estavam erradas, porque a Bíblia diz que o homem é o cabeça. Ficou claro a significativa influência de alguns textos da Bíblia no posicionamento das pastoras. Veja a seguir a fala das pastoras reforçando alguns trechos da Bíblia, esses trechos provam que algumas pastoras possuem um certo senso de serem inferiores aos homens:

PERGUNTA 2 / PASTORA 1: “É porque eu não aceitava. É porque o apóstolo Paulo falou que ficasse a mulher calada na igreja rsrsrs...Então eu não queria aceitar aquilo.”

PERGUNTA 6 / PASTORA 2: “Então, eu não esquento com isso, eu não dou satisfação, ah porque tem no livro tal, eu não entro, assim... em debate com as pessoas, porque eu sei do meu chamado...”

PERGUNTA 6 / PASTORA 5: “Já chegaram diante de mim, lá fora e falando que não tem pastora, não tem pastora, não tem e falaram para mim então me mostra na Bíblia se tem pastora, não tem pastora. Aí citou o negócio da Raquel, que Raquel, ela pastoreava ovelhas né. E não tem pastora, né, isso aí é o homem que quer titular as mulheres como pastora.

PERGUNTA 7 / PASTORA 3: “sendo que a palavra do Senhor diz, que a mulher ela precisa estar submissa ao homem”

“Eu acho que por parte as mulheres, as suas causas elas precisam defender as suas causas sim, mas num certo ponto, nós precisamos ter por base a palavra de Deus. E a palavra de Deus, diz que a mulher, seja submissa ao seu esposo, ao seu marido. Então, eu vejo assim, que a mulheres que por ser muito, ter muito esse movimento

feminista em mente, às vezes, até no próprio lar, se sobrepõe ao homem. Ela, ela acha que ela pode ser mais do que o homem”

**PERGUNTA 7 / PASTORA 4:** “pela bíblia não tem isso da mulher tá muito acima, né bíblicamente falando, bíblicamente falando não tem como a mulher está é... acima igual ao homem é pra estar ao lado ajudando, né mas nunca nesse patamar que o feminismo exige aí fora. Então, bíblicamente eu fico com a bíblia”

## **2 - O preconceito, a rejeição ou a discriminação vivida antes de ser pastora, ainda apresenta reflexos que contribuem para cogitar a desistência do cargo pastoral?**

Embora, algumas pastoras tenham dito que por alguns momentos já pensaram em desistir, todas mantiveram firme a ideia de quererem continuar no cargo, independentemente das circunstâncias. A motivação ficou muito clara ao longo de todas as entrevistas, o objetivo religioso de servir a Cristo, foi predominante.

As discriminações sofridas antes do cargo pastoral não tiveram nenhum peso decisivo ao status atual das pastoras, mas mostrou uma certa influência significativa. Algumas pastoras disseram precisar de outros pastores, para consagrar homens ao ministério. Existe um certo preconceito no meio evangélico, em relação a homens pastores consagrados ou titulados por mulheres. Para que esses novos pastores não sofram preconceito ou para que o título recebido não seja questionado, a pastora 1 desta pesquisa relatou ter chamado outro pastor amigo, para consagrar um membro dentro da sua própria igreja. Isso é reflexo da doutrinação que essa pastora pode ter sofrido antes e durante o seu cargo. Veja a seguir a fala destas pastoras:

**PERGUNTA 12 / PASTORA 1:** “E quando é para consagrar homem, pra não ter essa história de dizer que a mulher botou a mão na cabeça do homem, eu convido um amigo meu pastor, ele vem e consagra, para homem. Eu chamo ele, ele vem, derrama o óleo e consagra obreiro, consagra pastor. Porque depois eles podem, qualquer coisa que tiver podem achar que não tem valor. E assim não, assim ele já foi consagrado na mão do homem, aí não tem do que falar. Ou, às vezes, levo para a convenção, bota lá e eles consagra lá, a convenção também consagra, quando é pastor assim eu prefiro botar, porque eu nunca consagrei pastor aqui não, só a presbítero.

**PERGUNTA 12 / PASTORA 5:** “Já teve consagração aqui, mas eu não cheguei a consagrar não, quem consagrou foi o meu vice. A gente aqui, eu tenho uma concordância, né, a gente faz as coisas aqui tudo na concordância, entre eu e o meu vice, aí a gente concorda em consagrar as pessoas, entendeu.”

Se essas pastoras são a autoridade máxima das suas igrejas, porque elas precisam de outro homem para consagrar os homens da sua igreja? Por que, teria que chamar um pastor de outra igreja e talvez até mesmo de outra denominação? Por que, delegar ou decidir junto ao vice da igreja um acontecimento tão especial na vida religiosa de uma pessoa? Talvez, a pressão, a discriminação ou a falta de credibilidade faça essas mulheres pastoras a recorrerem a outros pastores amigos, funções tão importantes em suas igrejas.

A discriminação vivenciada pelas pastoras, antes e durante suas trajetórias religiosas, não contribuíram para que elas cogitassem a desistência das suas funções. Mas, apresentou influência na maneira como elas administram seus espaços religiosos.

## **3 - Existe algum tipo de graus de poder entre as pastoras? Quais são os tipos ou classificações de pastoras que exercem a função atualmente? Todas vieram de um mesmo contexto?**

Existe sim hierarquia entre as pastoras. Detectamos diferentes graus de poder exercido pelas lideranças. Algumas possuem maior poder e influência, enquanto outras possuem uma limitada atuação. Veja a seguir, criamos quatro hierarquias para os tipos de pastoras que encontramos nesta

pesquisa. Listamos em “Pastora tipo 1” até o tipo quatro, sendo o tipo um, o que detém maior grau de poder, e o tipo quatro o que possui menor poder.

Quadro 2 - Os 4 tipos principais de pastoras na corrente pentecostal dos evangélicos.

| A Classificação ou hierarquia das pastoras de acordo com o grau de poder e influência na igreja.                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b><u>Pastora tipo 1:</u></b><br/>Ela é a única e exclusiva líder. Tem a total presidência de uma igreja e toma todas as decisões sem que o seu cônjuge ou o vice pastor interfira. Ou quando interfere é uma influência mínima.</p>                                                                                                                                                       |
| <p><b><u>Pastora tipo 2:</u></b><br/>Aqui se configura uma pastora que lidera uma igreja juntamente com o seu esposo. O grau de poder pode se dividir 50% nas decisões da igreja para ambos ou o pastor pode exercer um grau de poder maior que a pastora, entretanto, ela consegue parcial ou integralmente influenciar nas decisões.</p>                                                    |
| <p><b><u>Pastora tipo 3:</u></b><br/>É uma mulher que apenas possui o título de pastora, não lidera nenhuma igreja. Inclusive pode até ser integrante de uma igreja liderada por um pastor. Nesse caso, por não possuir uma igreja seu poder é menor por não ter liderados, entretanto, possuir uma credencial de pastora dada por alguma convenção, lhes garante um diferencial a parte.</p> |
| <p><b><u>Pastora tipo 4:</u></b><br/>Mais conhecidas como missionárias. Na maior parte das vezes não lideram igrejas, são raras as exceções. Embora, não tenham o título de pastoras elas costumam exercer as mesmas práticas de um pastor, em uma igreja, principalmente quando são esposas de um pastor titular.</p>                                                                        |

Fonte: O autor.

A classificação foi feita com base no grau de influência e poder na igreja local, que lidera ou pertence. Também, percebemos que haviam outras pastoras em outros níveis de poder, mas optamos por não listar aqui, por não termos tido nenhum contato ou entrevista com essa categoria. Por isso, listamos apenas com o grau de poder que tivemos contato, seja por meio das visitas de campo ou das entrevistas.

Percebemos que todas as pastoras entrevistadas da 1 até a 7, já tinham um certo tempo de vivência em igrejas evangélicas, ou seja, já estavam a vários anos pertencendo a essa fê. Portanto, sobre contexto religioso todas vieram do mesmo campo.

## CONCLUSÕES

As mulheres durante muito tempo foram excluídas dos locais de poder, seja na sociedade como um todo ou na religião. Os espaços evangélicos de cunho pentecostal, se mostraram excludentes em relação às mulheres, não obstante identificamos algumas exceções, houve relatos e lugares em que os próprios homens cediam espaço e voz às mulheres.

O pastorado feminino não se mostrou um movimento de resistência contra o sexismo estrutural, porque essas lideranças não militam diretamente contra o problema, apenas questionam ou ficam na defensiva, o que nos fez classificar como um movimento de existência.

O altar se mostrou a própria exclusão materializada, a maior parte das pastoras disseram terem sido excluídas desse local na igreja. Identificamos o altar como uma espécie de cerne do poder, porque a centralidade da administração da igreja se encontra lá. É lá que está o pastor e boa parte dos demais líderes de departamentos da igreja. Na geografia espacial do templo religioso o altar foi o lugar nervoso, onde a maioria dos casos de discriminação aconteceram. Por ter sido um espaço criado por e para homens, ter uma mulher lá em cima é ameaçador ao poder masculino. Passa uma ideia de substituição de um poder que já dominava para um novo poder emergente e em alguns casos mais eficiente.

O lugar do poder, manifesto e materializado pelo altar é claramente identificável pela morfologia e característica do espaço utilizado. Não é atoa que o altar costuma ser o local mais alto da igreja e o plenário costuma ser o local mais baixo. O “alto” transmite uma ideia de poder e de hierarquia e o “baixo” emana a percepção da obediência ou da subserviência.

Sobre o preconceito de gênero como arma para desencorajar as mulheres de exercerem liderança, não identificamos nenhum caso, em que alguma mulher tenha desistido de ser pastora, por causa da discriminação. A maior parte das lideranças, disseram já terem pensado em desistir, entretanto, nem sempre as motivações eram por causa da opressão, outros problemas, como os pessoais ou os problemas com a administração da igreja, se mostraram mais significativos. Antes, pensávamos que o preconceito de gênero fosse um possível influenciador decisivo para um suposto abandono do ministério, entretanto, constatamos que esse problema se soma a outros problemas citados, não sendo, portanto, o principal.

Sobre concordar ou não com o movimento feminista, muitas pastoras, embora não tenham dito, se mostraram desconhecer o movimento. A maior parte delas demonstraram não concordar muito com algumas pautas. Algumas lideranças citaram que por alguns ideais irem de contra o que a Bíblia prega, elas não poderiam concordar. Nesse caso, identificamos que a Bíblia funcionou como uma espécie de controle, poda ou lapidação, visto que, todas as entrevistadas disseram não ter a intenção de contrariar a Bíblia. A Bíblia funcionou como uma espécie de consulta, antes de tomar qualquer decisão ou posicionamento. Portanto, as mulheres pastoras se mostraram não ter tido quase nenhum tipo de influência do movimento feminista. As motivações para a criação das suas igrejas são primordialmente religiosas, o que identificamos a partir do momento em que todas disseram terem tido algum tipo de chamado divino para o cargo.

Quase todas as pastoras disseram ter conhecimento de que outras pastoras já sofreram discriminações de gênero. Todas as entrevistadas, no geral, apresentaram ter conhecimento ou ter noção de uma perseguição do gênero masculino a mulheres que aspiram algum lugar ou cargo de poder.

Para esta pesquisa, no geral, percebemos por meio das entrevistas que as mulheres tiveram avanços significativos em termos de ter voz e lugar. Porque, houve um tempo em que era raro alguma mulher se tornar pastora. Atualmente, os ministérios liderados por mulheres têm se tornado comuns, e esse avanço é uma vitória para as mulheres evangélicas e para os evangélicos como um

todo. O pluralismo doutrinal e teológico no meio evangélico é estratégico no angariamento de novos fiéis, até mesmo os de outras religiões. Esse fator é vantajoso e corrobora para a expansão dos evangélicos no Brasil, mais especificamente no que alguns pesquisadores sugerem e denominam de transição religiosa, onde há uma tendência nacional a diminuição do número de católicos e aumento do número de evangélicos. Tendência que embora mostrou uma desaceleração no Censo do IBGE 2022, ainda continua.

O poder relacionado ao conceito geográfico de Território foi claramente percebido nesta pesquisa, a partir do momento em que as pastoras criam seus novos espaços, com o lema de “fazer a obra de Deus”, o que podemos traduzir para uma conotação territorial de fazer suas próprias regras em um ambiente novo, agora liderado por elas. O próprio título de pastora, seja ele reconhecido por alguma convenção ou não, conferem um certo grau de poder.

Sobre o território do pastorado feminino, as entrevistas foram muito produtivas. Mas, muitos questionamentos foram levantados e muitas dúvidas foram surgindo ao longo do percurso da pesquisa. Alguns indícios nos levaram a questionar e a sugerir futuras pesquisas, visando responder alguns questionamentos. Estudar a periferia da periferia evangélica, foi fundamental para entender os processos e possíveis origens da expansão evangélica no país. Foi fundamental para entender que entre os evangélicos houve um pequeno avanço na causa das mulheres religiosas. Um espaço de liderança e poder, que durante séculos era única e exclusivamente conferido a homens, passou a dar voz às mulheres. Muitas mulheres ainda sofrem discriminação e preconceito, por causa do lugar de poder que ocupam, as disparidades ainda são visíveis. Essas mulheres sofrem não somente pelo que fazem, mas pelo que são; pastoras.

Esta pesquisa foi uma análise inicial acerca do tema, futuramente, em outro momento é pretendido dar continuidade. Para que onde reinou a opressão floresça a liberdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, G. F. de. **Presença Evangélica no Brasil Atual: remédio ou veneno?** Observatório da Religião. Volume 2, n.02. pp. 130-152, jul - dez, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/832>> Acesso em: 26 de Nov. 2023.
- ALMEIDA, J. B. de. **O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil.** 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://dspace.mackenzie.br/items/9a16f2a0-f92d-427c-bcac-flcec82f77db>> Acesso em: 16 de Fev. 2025.
- ALMEIDA, R. de. **Os Pentecostais serão maioria no Brasil?** REVER - Revista de Estudos da Religião. pp. 48-58, dez. 2008. Disponível em: <[https://www.pucsp.br/rever/rv4-2008/t\\_almeida.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4-2008/t_almeida.pdf)> Acesso em: 24 de Nov. 2023.
- ALVES, B. M ; PITANGUY, J. **O que é feminismo.** 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. Disponível em: <<https://bds.unb.br/handle/123456789/514>> Acesso em 30 de Out. 2025.
- ALVES, J. E. D, et. al. **Distribuição Espacial da Transição Religiosa no Brasil.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 29, n.2, p.215-242, mai. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/8wQjZZ5sDp8g63KZ4sLQDdM/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 de out. 2023.
- ALVES, J. E. D; BARROS, L. F. W; CAVENAGHI, S. **A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia.** Revista de Estudos da Religião - REVER. Ano 12 nº02. p.145-174. jul/dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14570>> Acesso em: 01 de Nov. 2023.
- ALVES, J. E. D; CAVENAGHI, S. M; BARROS, L. F. W. **A transição religiosa brasileira e o processo de difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro.** Horizonte, Belo Horizonte, v.12, n.36, p. 1055-1085, out./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1055/7518>> Acesso em: 21 de out. 2023.
- ARNS, P. E. **O que é Igreja.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- BERGER, P. L. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno/** Peter Ludwig Berger, Thomas Luckmann; tradução de Edgar Orth. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Disponível em: <C:/Users/jefferson%20oliveira/Desktop/PROJETO%20DE%20MONOGRAFIA/Livro-Modernidade-pluralismo-e-crise-de-sentido9(BERGER)para.a.(Monografia).pdf> Acesso em: 29 de out. 2021.
- BERNARDELLI, L. V; MICHELLON, E. **O Impacto da Religião no Crescimento Econômico: uma análise empírica para o Brasil em 1991, 2000 e 2010.** Revista Estudos Econômicos, São Paulo, vol. 48. n. 3, p.489 - 523, jul - set. 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/327579917\\_O\\_impacto\\_da\\_Religião\\_no\\_Crescimento...](https://www.researchgate.net/publication/327579917_O_impacto_da_Religião_no_Crescimento...)> Acesso em: 26 de Mai. 2025.
- BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal.** Sociedade Bíblica do Brasil. Edição de 1995. Editora: Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD. 2003.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese/ Edivaldo M. Boaventura. – São Paulo: Atlas, 2004.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS – IBGE.

Amostra-Religião. IBGE, 2010. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>> Acesso em: 27 de out. 2021.

CAMPOS, L. S. **Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira**: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. Revista de Estudos da Religião (REVER). São Paulo, pp. 9-47, Dez. 2008. Disponível em: <<https://www4.pucsp.br/rever/rv4-2008/t-campos.pdf>> Acesso em: 02 de Mar. 2022.

CAMURÇA, M. A. **Um Poder Evangélico no Estado Brasileiro?** Mobilização Eleitoral, Atuação Parlamentar e Presença no Governo Bolsonaro. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 12, n. 25, p.82-104, jan./abr. 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5597/3621>> Acesso em: 25 de Nov. 2023.

CARDOSO, C. et. al. **(Re) descobrindo a Baixada Fluminense**: A transformação do olhar do discente sobre os problemas socioambientais. Anais do 14º Encuentro de geógrafos de América Latina: Reencuentro de saberes territoriales latinoamericanos. Lima, Perú, 08 a 12 de Abril de 2013. Disponível em:

<[observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egall4/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/04.pdf](http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egall4/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/04.pdf)> Acesso em: 17 de jul. 2022.

CARREIRO, G. da S. **Reinterpretando o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil**.

Caminhos, Goiânia, v.12, n.2, p.190-208, jul./dez. 2014. Disponível em:

<[seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3535/2046](http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3535/2046)> Acesso em: 04 de Mar. 2022.

CASTRO, I. E de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições/ Iná Elias de Castro. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COELHO, L. D. **Trânsito Religioso**: uma revisão exploratória do fenômeno brasileiro. Vox Faífae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama. Vol. 1, No.1, 2009. Disponível em: <<https://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/viewFile/6/11>> Acesso em: 27 de Nov. 2023.

CUNHA, C. V da. **A criação do complexo de Israel e sua relação com o crescimento do pentecostalismo em periferias - Rio de Janeiro, Brasil**. Anuário Antropológico [Online]. Rio de Janeiro. v. 49, n.1. 2024. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/aa/11890>> Acesso em:

19 de Fev. 2025.

DUARTE, A. B. B. R. **Trabalho voluntário e assistência em igrejas protestantes no Brasil**: um estudo de caso sobre o “Sopão” da Igreja Evangélica Congregacional de Mato Alto - RJ, 2017. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017. Disponível em:

<<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2303>> Acesso em: 05 de Out. 2023.

ESCOBAR, A. **Território de diferença**: a ontologia política dos “direitos ao território”.

Climacom. São Paulo. ANO 03 - N06. Jun, 2016. Disponível em:

<[climacomudancasclimaticas.net.br/territorios-de-diferenca-a-ontologia-politica-dos-direitos-ao-terri...](http://climacomudancasclimaticas.net.br/territorios-de-diferenca-a-ontologia-politica-dos-direitos-ao-terri...)> Acesso em: 15 de Abr. 2022.

FERNANDES, J. F. da S. **Mulheres no altar**: literatura e empoderamento feminino cristão na obra da pastora Antonieta Rosa Vieira (1987-2009). 2023. 156f. Dissertação (Mestrado em

História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Seropédica, RJ, 2023. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/6684>> Acesso em: 29 de Mar. 2024.

FERNANDES, S. R. A; PITTA, M. Perfil de Mudança Religiosa no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (org).

**Mudança de Religião no Brasil** – desvendando sentidos e motivações 1. São Paulo: Palavra e Prece, 2006. P. 5-20. Disponível em: <<https://www.researchgatenet/publication/282649664>> Acesso em: 13 de out, 2021.

FERNANDES, S. R. A. **Religiões e religiosidades:** o pano de fundo da pesquisa. In: \_\_\_\_\_. Mudança de Religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações. 2. São Paulo: Palavra e Prece, 2006. p.21-39. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/281649664>> Acesso em: 14 de out. 2021.

FLEXOR, G. G; RODRIGUES, A. O; SILVA, R. D da. **Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia:** Um estudo exploratório na Baixada Fluminense. Sociologias, Porto Alegre, ano 22, n. 53. p. 138-171. Jan - Abr. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/VzTXH8svfwGswLTdcbPTWFK/#>> Acesso em: 01 de Mar. 2022.

FRESTON, P. **As Duas Transições Futuras:** católicos, protestantes e sociedade na América Latina. Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 12, n.12, p.13-30, out. 2010. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/277101669\\_As\\_duas\\_transicoes\\_futurascatolicos\\_protestantes\\_e\\_socieda...](https://www.researchgate.net/publication/277101669_As_duas_transicoes_futurascatolicos_protestantes_e_socieda...)> Acesso em: 20 de out. 2023.

GONÇALO, R. **Paisagens sociais e a experiência evangélica na mídia:** cosmovisões de um discurso competente. Espaço e Cultura. [S.L], UERJ, RJ. n.42. p.62-80, jul/ dez, 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>> Acesso em: 09 de Nov. 2023.

GONÇALVES, R. B; PEDRA, G. M. **O Surgimento das Denominações Evangélicas no Brasil e a Presença na Política.** Diversidade Religiosa, João Pessoa, v.7, n.2, p.69-100, 2017. Disponível em:

<[https://dlwgtxts1xze7.cloudfront.net/56373397/Artigo\\_-\\_O\\_surgimento\\_das\\_denomina...](https://dlwgtxts1xze7.cloudfront.net/56373397/Artigo_-_O_surgimento_das_denomina...)> Acesso em: 25 de Nov. 2023.

GOULART, D. A. **O Espaço do Jovem em Meio ao Crescimento Evangélico.** In: IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2008. Faculdade de Comunicação/ UFBá, Salvador - Bahia - Brasil. 2008. Disponível em:

<<https://www.cult.ufba.br/enecult2008/14576.pdf>> Acesso em: 10 de Out. 2023.

GRUMAN, M. Capítulo 3 - **A relação fiel/ doutrina:** o desafio da legitimação dos discursos religiosos. In: FERNANDES, S. R. A. (Org) Mudança de Religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações. 1. São Paulo: Palavra e Prece, 2006. p.40-62. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/publication/281649664>> Acesso em: 12 de Jan. 2022.

GRUMAN, M. Capítulo 4 - **Vínculos e formas de participação na religião.** In: FERNANDES, S. R. A. (Org). Mudança de Religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações. 1. São Paulo: Palavra e Prece, 2006. p.63-82. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/publication/281649664>> Acesso em: 13 de jan. 2022.

GUERRA, D. D. **Do Além para o Mundo:** perspectivas sobre mobilidade religiosa no Brasil da pós-modernidade. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 24, n.1, p.115-123, jan./mar. 2014. Disponível em:

<[www.espiritualidades.com.br/Artigos/G-autores/GUERRA-Danilo-tit-Do-Alem-para-o-mundo.pdf](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/G-autores/GUERRA-Danilo-tit-Do-Alem-para-o-mundo.pdf)> Acesso em: 04 de Mar. 2022.

HAESBAERT, R. **Desterritorialização**: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E de; GOMES, P. C da C; CORRÊA, R. L. (Org). Geografia: conceitos e temas. – 2º ed. –Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. p. 165-205.

HAESBAERT, R; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. Disponível em: <[https://C:/Users/jefferson%20oliveira/Desktop/HAESBAERT%20Rogério\\_A%20nova%20des-ordem%20mundial%20\(1\).pdf](https://C:/Users/jefferson%20oliveira/Desktop/HAESBAERT%20Rogério_A%20nova%20des-ordem%20mundial%20(1).pdf)> Acesso em: 27 de out. 2021.

HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade**: um debate. In: GEOgrafia - Revista da Pós-Graduação da UFF, Rio de Janeiro, ano IX, n.17, 2007. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1WNlcVicL3B-3bsCpNnONvlzTKpuib-eJD/edit>> Acesso em: 12 de Abr. 2022.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais/ Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 434 p. (Humanitas). Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4535599/mod\\_resource/content/1/HALL%2C%20Stuart.%20Da%20Diáspora%20-%20identidade%20e%20mediações...](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4535599/mod_resource/content/1/HALL%2C%20Stuart.%20Da%20Diáspora%20-%20identidade%20e%20mediações...)> Acesso em: 23 de Nov. 2024.

LACERDA, F. **Como o Crescimento Evangélico se Transforma em Representação Política?** Comparando Brasil, Colômbia e Chile. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo. V.41, n.2, p.295-313, abr. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/Yqfd5p3bhR3b7TMdKW3RWZN/#>> Acesso em: 07 de Out. 2023.

LACOSTE, Y. **A geografia** - isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra. 15º ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

LEITÃO, M. **O crescimento evangélico, a próxima eleição e o pastor no STF**. (VEJA). 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-crescimento-evangelico-a-proxima-eleicao-e-o-pastor-no-stf/>> Acesso em: 17 de Ago. 2022.

LIMA, W. Q de. **Gênero e poder**: o pastorado feminino na Igreja Batista. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4170?locale=pt\\_BR#](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4170?locale=pt_BR#)> Acesso em: 24 de Jan. 2025.

LOSCH, S ; RAMBO, C. A ; FERREIRA, J. de L. **A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação**. Revista Ibero - Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-2317v18n00e023141>> Acesso em: 31 de Out. 2025.

LUDKE, M; André, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas/ Menga Ludke, Marli E. D. A. André. — São Paulo: EDU, 1986.

MACHADO, C. **Evangélicos, Mídias e Periferias Urbanas**: questões para um diálogo sobre religião, cidade, nação e sociedade civil no Brasil contemporâneo. Debates do NER, Porto Alegre, ANO 19. V.01, N.33, p.58-80, jan./jul. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/88039>> Acesso em: 23 jul. 2024.

MACHADO, M das D. C. **Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. 13 (2). pp. 387-396. Maio-Agosto. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/WspmXzNp7xKHytvBzvwl/>> Acesso em: 17 de Fev. 2005.

MACHADO, M. S. **A Territorialidade Pentecostal:** uma contribuição à dimensão territorial da religião. Espaço e Cultura. [S.l.]. n. 4, p.36-49, jun.1997. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6773/4826>> Acesso em: 14 de jul. 2024.

MARIANO, R. **Pentecostais e política no Brasil.** Ciência e Religião. Mar. 2005. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/13.shtml>> Acesso em: 02 de Mai. 2022.

MARTINS, M. G. dos S. **(Fé) minismo: análises sociológicas sobre feministas evangélicas.** 2019. 130f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Ciências Sociais. Seropédica, RJ, 2019. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5280#preview-link0>> Acesso em 27 de Mar. 2024.

MIRANDA, F. H. **Religião e Mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico.** 2009. 86f. Dissertação (mestrado em ciências sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/13579>> Acesso em: 23 de Mar. 2024.

NASCIMENTO, J. **Cristianismo Tecnológico:** as igrejas evangélicas e as novas tecnologias. Revista Eletrônica Espaço Tecnológico. Vol. 12, n.22. p.63-77, jul/ dez, 2018. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo>> Acesso em: 24 de Fev. 2025.

OLIVEIRA, C. H. **O crescimento Exponencial dos Evangélicos no Brasil.** 2021. Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/o-crescimentoexponencial-dos-evangelicos-brasil-oliveira>> Acesso em: 18 de Jul. 2022.

OLIVEIRA, F do N. S de. **Sofrimento, submissão, e silenciamento: os três “SSS” da violência doméstica contra mulheres evangélicas no município de Nova Iguaçu, RJ.** 2020. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, 2020. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/6161>> Acesso em: 13 de Jun. 2024.

OLIVEIRA, H. C. M. de. **Espaço e Religião, Sagrado e Profano:** uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./ dez. 2012. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/opg/article/view/2036/2291>> Acesso em: 30 de Nov. 2023.

OLIVEIRA, R de S. **Pentecostalismo e Protestantismo histórico no contexto da missão no Brasil.** Discernimento - Revista Teológica Discente da Metodista. v. 1, n.1, p.143-153, jan. dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index...>> Acesso em: 04 de dez. 2023.

ORO, A. P. **No Brasil as Tendências Religiosas Continuam:** declínio católico e crescimento evangélico. Debates do NER, Porto Alegre, ANO 20, n. 37, p. 69-92, Jan./ Jul. 2020. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218420>> Acesso em: 01 de Mar. 2022.

PARADELA, G. J. A **(Des) institucionalização da fé:** um olhar sobre o processo de reconfiguração religiosa evangélica no Brasil/ George Jeovanholi Paradela. 2021. 96f. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. - São Bernardo do Campo, 2021. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2139/2/George%20J%20Paradela2.pdf>> Acesso em: 22 de set. 2023.

PAULA, J. O de. **Mobilidade Religiosa e Territorialidade em Nova Iguaçu:** revisão bibliográfica e possibilidades. 2022. 71 f. Monografia. Universidade Federal Rural do Rio de

Janeiro - UFRRJ. Nova Iguaçu, 2022. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/371338873\\_MOBILIDADE\\_RELIGIOSA\\_E\\_TERRITORIALIDADE\\_EM\\_NOVA\\_IGUACU\\_REVISAO\\_BIBLIOGRAFICA\\_E\\_POSSIBILIDADES](https://www.researchgate.net/publication/371338873_MOBILIDADE_RELIGIOSA_E_TERRITORIALIDADE_EM_NOVA_IGUACU_REVISAO_BIBLIOGRAFICA_E_POSSIBILIDADES)> Acesso em: 06 de Jan. 2025.

PAULA, R de. et. al. **Dançando para Evangelizar as Massas:** novas práticas proselitistas e novos sentidos simbólicos do sagrado em uma igreja evangélica de Nova Iguaçu. Cadernos da FaEL, Volume 1, nº. 3. pp. 1-19. set./ dez. de 2008. Disponível em:

<<https://unig.br/fael/revista-eletronica-da-fael/>> Acesso em: 16 de Jul. 2022.

PEREIRA, A. N; SÁ, M do S de. **Os Batistas e o Crescimento Evangélico.** Summa Sapientiae. v.1, n.1, 140 - 165, Out. 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.ficv.edu.br/index.php/summaesapientiae/article/view/19#:~:text=0%20present%20artigo%20traz%20u...>> Acesso em: 12 de Out. 2023.

PESTANA, Matheus Cavalcanti. **"O que mudou no quadro das religiões do Brasil:**

**comparações entre os Censos 2010 e 2022". 2025 Disponível em:** <[Religião Censo:](#)

[Católicos Evangélicos e Afrorreligiosos em 2022 - Religião e Poder](#)> Acesso em: 23 de Out. 2025.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, História e Poder.** Rev. Sociol. Polít. Curitiba, v. 18, n. 36, p.15-23, jun. 2010. Disponível em: <[SciELO Brasil - Feminismo, história e poder Feminismo, história e poder](#)> Acesso em: 31 de Out. 2025.

PRUDENTE, L. T. **Interface rural-urbana no planejamento territorial:** caso do Assentamento Rural Marapicú na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In: VII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo. 2015, Barcelona-Montevideo: DUOT, 2015. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/362285620\\_Interface\\_rural\\_urbana...](https://www.researchgate.net/publication/362285620_Interface_rural_urbana...)> Acesso em: 04 de Jun. 2025.

PY, F; PEDLOWSKI, M. A... **Pentecostalização Assentada no Assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ.** Perspectiva Teológica, v.52, n.3, p.829-852, set. 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pteo/a/LMch3RcxnWhFyJYDRxW5BzM/#ModalHourcite>> Acesso em: 24 de Nov. 2023.

RABUSKE, I. J; et. al. **Evangélicos Brasileiros:** quem são, de onde vieram e no que acreditam? Revista Brasileira de História das Religiões. n. 12. p. 255-267. Jan. 2012. Disponível em:

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30275/15877>> Acesso em: 01 de Mar. 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993. Disponível em:

<<https://archive.org/details/claude-raffestin-por-uma-geografia-do-poder-massimo-morigi-republicanesimo-geopolitico/page/n1/mode/2up>> Acesso em: 12 de Out. 2025.

RAMOS, L. M. P de C. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil:** reflexões acerca do passado, presente e futuro. In: SOUZA, J dos S. (Org). Reflexões da Prática Docente na Eja/ José dos Santos Souza. Seropédica: EDUR, 2010. p.15-34.

RIBEIRO, R de S; SOUZA, J dos S. **Políticas Públicas para a Formação Profissional e Conformação Social de Jovens:** algumas referências preliminares sobre o PROJOVEM.

IN: \_\_\_\_\_. (Org). Reflexões da Prática Docente na Eja/ José dos Santos Souza. Seropédica: EDUR, 2010. p. 35-54.

RIBEIRO, V da S. P; MESQUITA, W. A. B. **Ação social e redes evangélicas em uma favela de Campos dos Goytacazes**. Revista Agenda Social, vol.12, n.2. p.43-67, 2019. Disponível em: <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64791238/Artigo\\_Acao\\_social\\_e\\_redes\\_evangelicas...](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64791238/Artigo_Acao_social_e_redes_evangelicas...)> Acesso em: 19 de Fev. 2025.

ROCHA, A. S da. **Espaço Urbano e Religião**: sobre a espacialidade Evangélica e a dinâmica pentecostal na Baixada Fluminense. Simpósio Nacional de Geografia Urbana/ XVI Simpurb. V.1.pp.2667-2.683. Dez. 2019. Disponível em:<<https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26695>> Acesso em: 28 de Fev.2022.  
ROCHA, A. S da. **Território como Representação**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza. vol. 12, num. 29. pp. 139-153, set-dez, 2013. Disponível em: Acesso em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273629350011>> 23 de Jul. 2022.

ROSENDAHL, Z. **Lugares sagrados e sacralizados**: as múltiplas faces do simbolismo. In: ----- . Uma procissão na geografia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. pp. 209-222. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-10.pdf>> Acesso em: 04 de Mar. 2022.  
ROSENDAHL, Z. **Os caminhos da construção teórica**: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ----- . Uma procissão na geografia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/uiy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015.pdf>> Acesso em: 02 de Mar. 2022.

ROSENDAHL, Z. **Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade**: a temporalização do espaço sagrado. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N.35, P.09-25, Jan./Jun. de 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>> Acesso em: 28 de Fev. 2022.  
ROSENDAHL, Z. **Território e Territorialidade**: uma perspectiva geográfica para os estudos da religião. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo. p.12.928 - 12.942. Março de 2005. Disponível em: <<https://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografacultural/38.pdf>> Acesso em: 28 de Fev. 2022.

SANTANA, M. C de; KANASHIRO, H. B. **Belas do reino**: a força das pastoras por uma necessidade mercadológica. Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v.47, n.1, p.57-78, 2021. Disponível em: <<https://uniso.emnuvens.com.br/reu/article/view/4639>> Acesso em: 30 de jun. 2024.

SANT'ANA, R. **O som da Marcha**: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus. Religião & Sociedade, v.34, n.2, p.210-231, jul. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/qpg6SH3RX3sQ9yGChY74jir/#>> Acesso em: 13 de Nov. 2023.

SANTOS, A. M. M; MIRANDA, A. C. L; JUNIOR, O. C de B. **Divisão espacial e expansão territorial de comunidades 69 evangélicas**: uma análise sobre as novas organizações e conformações sociais do poder. Brazilian Journal of Development., Curitiba, v. 6, n. 4, p. 21.104-21.112, apr. 2020. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/9198/7779>> Acesso em: 21 de Jul. 2022.

SANTOS, D. A. S; MARTINEZ, E. D. M. **“A igreja sou eu, é você, somos nós”**: notas sobre a desinstitucionalização evangélica no Brasil a partir da observação da Comunidade Caminho da Graça. Religião & Sociedade, v.40, n.2, p.31–53, maio, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/dyR63XLVDBZ5zNLN9Dw5pQb/#ModalHowcite>> Acesso em: 11 de Out. 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo. Edusp (Editora da USP). 2006.

SAWAYA, A. L. **O que o crescimento evangélico no Brasil tem a nos ensinar**. 2022.

Disponível em:

<<https://osaopaulo.org.br/colunas/o-que-o-crescimento-evangelico-no-brasil-tem-a-nos-ensinar/#:~:text=0%20crescimento%...>> Acesso em: 18 de Ago. 2022.

SENHORAS, E. M; SANTOS, A. F. P dos; CRUZ, A. R. A de S. **Expansão do protestantismo no Brasil e suas configurações na Amazônia Legal**. Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 18, n. 25, p.136-149, dez. 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669736/29045>> Acesso em: 02 de Dez. 2023.

SERRA, C. **“O Amor vence o ódio”**: disputas entre narrativas de Deus e de gênero nos cristianismos brasileiros. Sociedad y Religión: Sociología, Antropología e Historia de la Religión en el Cono Sur. Buenos Aires (Argentina). Vol.32, núm.59. 2022. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/3872/38727272935004/>> Acesso em: 23 de jul. 2024.

SILVA, A do C. **Laicidade versus confessionalismo na escola pública: um estudo em Nova Iguaçu (RJ)**/ Allan do Carmo Silva. 2013. 134f. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:

<<https://ppgeeducacao.ufrj.br/dissertacoes2013/dallandocarmosilva.pdf>> Acesso em: 20 de jul. 2022.

SILVA, A. R. P. **Periferia, Pentecostalismo e Juventude: Práticas e Pertencas dos Jovens da 1º Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Santa Rita, Nova Iguaçu-RJ**. 2017. 94 f. Monografia – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Rio de Janeiro, 2017. TEIXEIRA, F. M. P. Estudos Sociais: Brasil, a terra e o povo Primeiro Grau - 5º Série. São Paulo, Ática, 1977.

SILVA, A. et. al. **Sociologia em movimento**. 2 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

SILVA, H. **Os novos atores “evangélicos” e a conquista do espaço público na América Latina**. Revista Reflexão, v. 43, n.2, p.243-263, 2019. Disponível em:

<<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexão/article/view/4377>> Acesso em: 15 de jul. 2022.

SILVA, J. T da. **A liderança carismática exercida pelas novas líderes pentecostais femininas de Nova Iguaçu**: um diálogo com Charles Lindholm. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, Número Especial 01. pp. 151-168, 2010. Disponível em:

<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/415/498>> Acesso em: 22 de Jul. 2022.

SILVA, J. T da. **Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas pentecostais por mulheres em Nova Iguaçu**. 2010. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. 70 Disponível em:

<<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/8513#preview-link0>> Acesso em: 20 de Jul. 2022.

SILVA, Silvana Cristina da. Espaço urbano, neoliberalismo e igrejas evangélicas. **Boletim Campineiro de Geografia**, v.13, n.02 p. 369-388, 2023. Disponível em:

<<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/3284>> Acesso em: 21 ago. 2025.

SOUZA, M. J. L de. **O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C da C; CORRÊA, R. L. Geografia: conceitos e temas. – 2º ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/0By2YEPBvZQ2dkJalQyZ3Z5RDA/view?resourcekey=0-ovxvHwoOdvunarUPehAA7g>> Acesso em: 25 de jun. 2022.

STEIL, C. A; TONIOL, R. **O Catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à Luz dos Dados sobre Religião no Censo de 2010**. Debates do Ner, Porto Alegre, Ano 14, N.24, p.223-243, jul./dez.2013. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103475/000921378.pdf?sequence=1>> Acesso em: 03 de Mar. 2022.

VILHENA, V. C. **Resultados de uma pesquisa:** uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. In: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. São Bernardo do Campo, 2010. p.1-9. Disponível em:

<[https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1280156603\\_ARQUIVO\\_ValeriaCristinaVil...](https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVil...)> Acesso em: 26 de jul. 2024.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o “Espírito do Capitalismo”**./ Max Weber; tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo, Antônio Flávio Pierucci: – São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7638362/mod\\_resource/content/1/WEBER\\_A%20etica%20protestan...](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7638362/mod_resource/content/1/WEBER_A%20etica%20protestan...)> Acesso em: 28 de jul. 2024.

## **ANEXOS**

A - Convite para a participação na pesquisa

B - Questionário para pastoras que lideram igrejas

C - Questionário de pastoras que só tem o título (Não lideram igrejas).

D - Questionário para missionárias (não possuem o título, mas em grande parte exercem a função de líderes)

## **CONVITE PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA.**

Linha de Pesquisa: Território, Ambiente e Ensino de Geografia.

Sou Jefferson Oliveira de Paula, aluno de mestrado do PPGGEO/UFRRJ e estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: **“A ASCENSÃO TERRITORIAL DO PASTORADO FEMININO EM NOVA IGUAÇU/RJ: Uma ótica feminina dos evangélicos no Brasil.”** Venho por meio deste documento, convidá-la para participar da minha pesquisa através de entrevistas, que serão de grande valor para a contribuição do meu trabalho, na área de Geografia da Religião. Gostaria que respondesse estas questões e destaco que as informações serão para fins acadêmicos. Desde já agradeço.

## QUESTIONÁRIO PARA PASTORAS QUE LIDERAM IGREJAS

DADOS PESSOAIS

NOME:

IDADE:

ESCOLARIDADE:

ESTADO CIVIL:

NATURALIDADE:

FILHOS:

RENDAS:

PERGUNTAS GERAIS:

NOME DA SUA IGREJA:

QUANTOS ANOS TEM A SUA IGREJA? DENTRE OS MEMBROS, QUANTOS SÃO MULHERES E QUANTOS SÃO HOMENS?

QUANTOS AGREGADOS TEM A SUA IGREJA?

TEMPO DE EXERCÍCIO PASTORAL?

1 - QUANDO VOCÊ PERCEBEU QUE DEVERIA SER PASTORA?

2 - QUAL FOI O SEU MAIOR OBSTÁCULO PARA SER PASTORA?

3 - JÁ PENSOU EM DESISTIR DA LIDERANÇA EM ALGUM MOMENTO? POR QUÊ?

4 - PARA ALÉM DE SER UM CHAMADO DIVINO, QUAL A SUA MOTIVAÇÃO PARA SER PASTORA?

5 - VOCÊ É PASTORA AUXILIAR (SÓ TEM O TÍTULO) OU É PASTORA EFETIVA (LIDERA ALGUMA IGREJA)?

6 - JÁ SOFREU ALGUM CASO DE MACHISMO DENTRO DE ALGUMA IGREJA? COMO FOI?

7 - QUAL É A SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO FEMINISTA, CONCORDA OU DISCORDA E POR QUÊ?

8 - QUANDO VOCÊ VISITA OUTRAS IGREJAS LIDERADAS POR HOMENS, ELES TE CONVIDAM PARA SUBIR NO MINISTÉRIO?

9 - OS CONVIDADOS PARA MINISTRAR EM SUA IGREJA, SÃO EM SUA MAIORIA HOMENS OU MULHERES? TEM ALGUMA INTENCIONALIDADE EM SER UM OU OUTRO? PORQUÊ?

10 - A MEMBRESIA DA SUA IGREJA JÁ RELATOU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO, AMEAÇAS OU DISCRIMINAÇÃO, POR CONGREGAR EM UMA IGREJA LIDERADA POR UMA PASTORA?

11 - CONHECE ALGUMA OUTRA PASTORA QUE TENHA RELATADO ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER PASTORA? CASO CONHEÇA, PODERIA RELATAR?

12 - QUEM TE CONSAGROU A PASTORA? VOCÊ JÁ CONSAGROU ALGUÉM AO PASTORADO?

13 - QUAL O NOME E A DENOMINAÇÃO DA IGREJA QUE VOCÊ CONGREGAVA ANTES DE SER PASTORA?

14 - QUAIS ERAM AS SUAS FUNÇÕES OU CARGOS NA IGREJA ANTERIOR?

## QUESTIONÁRIO DE PASTORAS QUE SÓ TEM O TÍTULO (NÃO LIDERAM IGREJAS)

### DADOS PESSOAIS

NOME:

IDADE:

ESCOLARIDADE:

ESTADO CIVIL:

NATURALIDADE:

FILHOS:

RENDAS:

1 - QUAL FOI O SEU MAIOR OBSTÁCULO PARA SER PASTORA?

2 - JÁ PENSOU EM DESISTIR DE SER PASTORA EM ALGUM MOMENTO? POR QUÊ?

3 - PARA ALÉM DE SER UM CHAMADO DIVINO, QUAL É A SUA MAIOR MOTIVAÇÃO PARA SER PASTORA?

4 - VOCÊ É PASTORA AUXILIAR (SÓ TEM O TÍTULO) OU É PASTORA EFETIVA (LIDERA ALGUMA IGREJA)?

5 - JÁ SOFREU ALGUM CASO DE MACHISMO DENTRO DE ALGUMA IGREJA? COMO FOI? CONTE TODOS QUE PUDER.

6 - QUAL É A SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO FEMINISTA, CONCORDA OU DISCORDA E PORQUÊ?

7 - QUANDO VOCÊ VISITA OUTRAS IGREJAS LIDERADAS POR HOMENS, ELES TE CONVIDAM PARA SUBIR NO MINISTÉRIO?

8 - OS CONVIDADOS PARA MINISTRAR EM SUA IGREJA, SÃO EM SUA MAIORIA HOMENS OU MULHERES?

9 - CONHECE ALGUMA OUTRA PASTORA QUE TENHA RELATADO ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER PASTORA? CASO CONHEÇA, PODERIA RELATAR?

10 - QUEM TE CONSAGROU A PASTORA? VOCÊ JÁ CONSAGROU ALGUÉM?

11 - QUAL O NOME E A DENOMINAÇÃO DA IGREJA QUE VOCÊ CONGREGAVA ANTES DE SER PASTORA?

12 - QUAIS ERAM AS SUAS FUNÇÕES OU CARGOS NA IGREJA ANTERIOR?

**QUESTIONÁRIO PARA MISSIONÁRIAS (NÃO POSSUEM O TÍTULO, MAS EM GRANDE PARTE EXERCEM A FUNÇÃO DE LÍDERES)**

NOME:

IDADE:

ESCOLARIDADE:

ESTADO CIVIL:

NATURALIDADE:

FILHOS:

RENDA:

1 - Já sofreu algum caso de machismo dentro de alguma igreja? Como foi? Poderia contar o máximo de casos possíveis?

2 - Qual é a sua relação com o movimento feminista? Concorda ou discorda e por quê?

3 - Conhece alguma outra pastora ou missionária que tenha relatado algum tipo de preconceito, ameaças ou discriminação em relação ao machismo, caso conheça, poderia relatar?

4 - Quem te consagrou a missionária, foi um homem ou uma mulher?